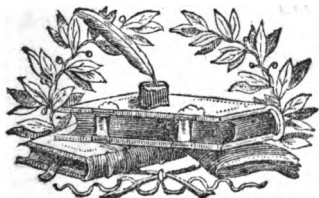
BIBLIOTHECA PORTUGUEZA

OU

Reproducção dos Livros nacionaes, escriptos até ao fim do seculo XVIII.

LISBOA.

ESCRIPTORIO DA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA
RUA AUGUSTA N.º 110.

1852.

OBRAS
DE
GIL VICENTE.

LIVRO IV.

DAS FARÇAS.

FARÇA
DE
QUEM TEM FARELOS.

FIGURAS.

AIRES ROSADO, *Escudeiro.* — APARIÇO, ORDONHO, *Criados.* — VELHA, *Mãe de* ISABEL.

Este nome da Farça seguinte — Quem tem farelos — *poz-lh'o o vulgo. He o seu argumento, que hum Ecudeiro mancebo per nome Aires Rosado tangia viola, e a esta causa, ainda-*

que sua moradia era muito fraca, continuamente era namorado. Tracta-se aqui de huns amores seus. Foi representada na mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa ao muito excellente e nobre Rei D. Manuel primeiro deste nome, nos Paços da Ribeira, era do Senhor de 1505.

(Vem Apariço e Ordonho, moços d'esporas, a buscar farelos, e diz logo)

Apar. Quem tem farelos?
Ord. Quien tiene fareles?
Apar. Ordonho, Ordonho, espera a mim.
Ó fideputa ruim!
Sapatos tens amarellos,
Ja não fallas a ninguem.
Ord. Como te va, compañero?
Apar. S'eu moro c'hum escudeiro,
Como me póde a mi ir bem?
Ord. Quien es tu amo? dí, hermano!
Apar. He o demo que me tome:
Morremos ambos de fome
E de lazeira todo o anno.
Ord. Con quien vive?
Apar. Que sei eu?
Vive assi per hi pellado,
Como podengo escaldado.
Ord. De qué sirve?
Apar. De sandeu.

Pentear e jejuar,
Todo o dia sem comer,
Cantar e sempre tanger,
Suspirar e bocejar:
Sempre anda fallando so,
Faz hũas trovas tão frias,
Tão sem graça, tão vazias,
Qu'he cousa pera haver dó.
E presume d'embicado;
Que com isto raivo eu.
Tres annos ha que sam seu,
E nunca lhe vi cruzado:
Mas segundo nós gastamos,
Hum tostão nos dura hum mez.

ORD. Cuerpo de San! qué comeis?

APAR. Nem de pão não nos fartamos.

ORD. Y el caballo?

APAR. Está na pelle,
Que lhe fura ja a ossada:
Não comemos quasi nada
Eu e o cavallo, nem elle.
E se o visses brazonar,
E fingir mais d'esforçado;
E todo o dia aturado
Se lhe vai em se gabar.
St'outro dia, alli n'hum beco,
Derão-lhe tantas pancadas,
Tantas, tantas, que a osadas!...

ORD. Y con qué?

APAR. C'hum arrôcho sêcco.

ORD. Hi hi hi hi hi hi hi.

APAR. Folguei tanto!
ORD. Y él callar?
APAR. E elle calar e levar,
Assi, assi, ma ora assi.
Vem alta noite de andar,
De dia sempre encerrado:
Porque anda mal roupado,
Não ousa de se mostrar.
Vem tão ledo — *sus cear!*
Como se tivesse que;
E eu não tenho que lhe dar,
Nem elle tem que lh'eu dê.
Toma hum pedaço de pão,
E hum rábão engelhado,
E chanta nelle bocado,
Coma cão.
Não sei como se mantem,
Que não 'stá debilitado.
ORD. Bástale ser namorado,
En demás se le va bien.
APAR. Commendo ó demo a mulher!
Nem casada nem solteira,
Nenhũa negra tripeira
Não no quer.
ORD. Será escudero peco,
Ó desdichado?
APAR. Mas, a poder de pellado,
Dá em sêcco.
Todas querem que lhe dem,
E não curão de cantar:
Sabe que quem tem que dar

Lhe vai bem.
Querem mais hum bom presente,
Que tanger,
Nem trovar nem escrever
Discretamente.

ORD. Y pues porqué estás con él?

APAR. Diz que m'ha de dar a el Rei,
E tanto farei farei —

ORD. Déjalo, reñiega dél;
Y tal amo has de tener?

APAR. Bofá, não sei qual me tome;
Sou ja tão farto de fome,
Coma outros de comer.

ORD. Poca gente de esta es franca.
Pues el mio es repeor;
Suéñase muy gran señor,
Y no tiene media blanca.
Júrote á Dios que es un cesto,
Un badajo contrahecho,
Galan mucho mal dispuesto,
Sin descanzo y sin provecho.
Habla en roncas, picas, dalles,
En guerras y desbaratos;
Y si pelean allí dos gatos,
Ahuirá montes y valles:
Nunca viste tal buharro.
Cuenta de los Anibales,
Cepiones, Rozasvalles,
Y no matará un jarro.
Apuéstote qne un judío
Con una beca lo mate.

Então lá no outro mundo
Veremos que conta dais
Da triste de minha vida
Que matais.

Outra sua.

Pois amor me quer matar
Com dor, tristura e cuidado,
Eu me conto por finado,
E quero-me soterrar.
Fui tomar hũa pendença
Com hũa cruel senhora,
E agora
Acho que foi pestelença.
Chore quem quiser chorar;
Saibão ja que sam finado
Sem finar,
E quero ser soterrado.

Outra sua, estando mal com sua Dama.

Senhora mana Isabel,
Minha paixão e fadiga
Mando lá esse papel
Que vo-la diga.

Volta.

Se quizer dizer verdade,
Dir-vos-ha tantas paixões,
Que em sete corações,
Não caberão ametade.
Estou co'a candeia na mão,
Senhora minha Isabel,
Mando lá esse papel,
Que vos diga esta paixão.

(Falla Aires Rosado com o seu moço:)

Aires Como tardaste, Apariço!
Apar. E tanto tardei or'eu?
Aires Apariço, bem sei eu
Que te faz mal tanto viço.
(Á parte.)
Apar. E desde hontem não comemos.
Aires Villão farto, pé dormente.
Apar. Ó Ordonho, como mente!
Ord. Otro mi amo tenemos.
Aires Re mi fa sol la sol la. *(Canta.)*
Apar. Ves alli o que t'eu digo.
Aires Que diabo fallas tu?
(Canta.)
Fa la mi re ut
(Falla.)
Não rosmeies tu comigo.
(Canta.)
Un dia, era un dia.
Apar. Oh Jesu! que agastamento!
Aires Dá-me ca esse instrumento.
Apar. Oh que cousa tão vazia!
Aires Agora qu'estou disposto,
Irei tanger á minha dama.
Apar. Ja ella estará na cama.
Aires Pois entonces he o gôsto.

(Tange e canta na rua á porta de sua dama Isabel, e em começando o cantar Si dormis, doncella, *ládrão os cães.)*

Ham ham ham ham.
Aires Apariço, mat'esses cães,

Ou vae dá-lhe senhos pães.
APAR. Elle não tem meio pão.
AIRES » Si dormís, doncella,
« Despertad y abrid. »
APAR. Ó diabo que t'eu dou,
Que tão ma cabeça tens!
Não tem mais de dous vintens,
Que lh'hoje o Cura emprestou.
(Prosegue o Escudeiro a cantiga.)
AIRES « Que venida es la hora,
« Si querereis partir. »
APAR. Ma partida venha por ti!
E o cavallo suar,
ORD. Y no tienes que le dar?
APAR. Não tem hum maravedi.
(Prosegue o Escudeiro a cantiga.)
AIRES « Si estais descalza,
APAR. Eu ma ora estou descalço.
AIRES « No cureis de vos calzar,
APAR. Nem tu não tens que me dar,
Arrenego do teu paço.
AIRES « Que muchas aguas
« Teneis de pasar....
APAR. Nem jeu; cantá em teu poder.
AIRES Ora andar.
APAR. Antes de muito:
Pois não espero outro fruito,
Caminhar.
AIRES « Aguas de Alquebir; *(Cantando.)*
« Que venida es la hora,
« Si querereis partir. »

(Aqui lhe falla a moça da janella tão passo que ninguem a ouve, e polas palavras que elle responde se póde conjecturar o que lhe ella diz.)

AIRES Senhora, não vos ouço bem. —
Oh, que vos faço eu aqui? —
Que he, senhora? — Elles a mi?
Não hei medo de ninguem.
Olhae, senhora Isabel,
Inda que tragão charrua,
Eu so lhes terei a rua
C'hũa espada de papel.
Que são? que são?... rebolarias?
E mais rides-vos de mi! —
Eu porque m'hei d'ir daqui? —
Faço-vos descortezias? —
Mana Isabel, ouvis? —
Eu que defamo de vós? —
Oh pesar nunca de Deos!
Vós tendes-me em dous ceitis. —
Não sabeis que me digais? —
Sabeis que? — Bem vos entendo. —
Inda me não arrependo,
Com quanto mal me queirais. —
Ha hi mais que me perder?
Para que são taes porfias? —
Bem dizeis; porém meus dias
Nisto hão de fenecer.

APAR. Dou-to ó demo essa cabeça; *(Passo.)*
Não tem siso por hum nabo.

AIRES Senhora, isso de cabo

Me dizei antes qu'esqueça.
Mais resguardado está aqui
O meu grande amor fervente. —
Que tendes?... hum pé dormente?
Oh que gran bem pera mi! —
Hi hi hi. — De que me rio?
Rio-me de mil cousinhas,
Não ja vossas, senão minhas.

APAR. Olhae aquelle desvario!

Cães. Ham ham ham ham.

AIRES Não ouço co'a cainçada:
Rapaz, dá-lhe hũa pedrada,
Ou fart'os eramá de pão.

APAR. Co'as pedras os ajude Deos.

Cães. Ham ham ham ham.

AIRES Pezar não de Deos c'os cães!
Rapazes, não lhe dais vós? —
Senhora, não ouço nada.
Dou-m'ó demo que me leve!

APAR. Toda esta pedra he tão leve —
Tomae lá esta seixada.

Cães. Hãi hãi hãi hãi.

APAR. Perdoae-me vós, Senhor.

AIRES Ora fizestes peor.
Ah pezar de minha mãi!
Não vos vades, Isabel —
Está vossa mercê hi?
Nunca tal mofina vi
De cães: — que som cruel!
Não ha cousa que mais m'agaste,
Que cães. E gatos tambem!

Gato. Meao meao.
AIRES   Oh que bem!
Quant'agora m'aviaste!
Fallae, Senhora, a esses gatos,
E não sejais tão soffrida,
Que antes queria a vida
Toda comesta de ratos.
Ja tornais ao defamar?
Quem he o que falla nisso? —
Senhora, sabei que he hum riso
Quanto podeis suspeitar.
Que tenhão olhos a molhos.
Vós andais p'ra me ferir,
Eu ando p'ra vos servir,
Mana, meus olhos,
Vós andais p'ra me matar. —
Mana Isabel, olhae:
Que o saiba vosso pae
E vossa mãe hão de folgar;
Porqu'hum 'scudeiro privado,
APAR. Mas pellado.
AIRES   Como eu sou,
E de parte meu avô
Sou fidalgo afidalgado.
Ja privança com el Rei,
A quem outrem ve nem falla.
APAR. Deitão-no fóra da sala.
AIRES Senhora, com vosso pae fallarei,
Lá depois de acrescentado,
Não quero que me dem nada.
APAR. Oh como sera aviada,

E seu pae encaminhado!

AIRES Que tenhais, que não tenhais,
Tenho mais tapessaria,
Cavallos na estrebaria,
Que não ha na côrte taes:
Vossa camilha dobrada:
Não tendes em que vos occupar,
Senão somente enfiar
Aljofar, ja d'enfadada.

APAR. Oh Jesu! que mao ladrão!
Quer enganar a coitada.

AIRES Ide ver se está acordada;
Que estas velhas pragas são.

GALLO Cacaracá — cacaracá.

AIRES Meia noite deve ser.

APAR. Ja fôra rezão comer,
Pois os gallos cántão ja.

AIRES «Cantan los gallos, *(Canta.)*
«Yo no me duermo,
«Ni tengo sueño.»
Como! vossa mãe vem ca?
Ca á rua? pera que?
Não me dá, por minha fé;
Venha que aqui me achará.

VELHA Rógo á Virgem Maria,
Quem me faz erguer da cama,
Que ma cáma e ma dama,
E ma lama negra e fria,
Ma mazella e ma courella,
Mao regato e mao ribeiro,
Mao silvado e mao outeiro

Ma carreira e ma portella,
Mao cortiço e mao sumiço,
Maos lobos e maos lagartos,
Nunca de pão sejão fartos;
Mao criado e mao serviço,
Ma montanha, ma companha,
Ma jornada, ma pousada,
Ma achada, ma entrada,
Ma aranha, ma façanha,
Ma escrença, ma doença,
Ma doairo, ma fadairo,
Mao vigairo, ma trintairo,
Ma demanda, ma sentença,
Mao amigo e mao abrigo,
Mao vinho e mao vizinho,
Mao meirinho e mao caminho,
Mao trigo e mao castigo;
Ira de monte e de fonte,
Ira de serpe e de drago,
P'rigo de dia aziàgo
Em rio de monte a monte,
Ma morte, ma córte, ma sorte,
Ma dado, ma fado, ma prado,
Mao criado, mao mandado,
Mao confôrto te conforte.
Rôgo ás dores de Deos
Que ma cahida lhe caia,
E ma sahida lhe saia,
Trama lhe venha dos ceos.
Jesu! que escuro que faz!
Oh martyr San Sadorninho!

Que ma rua e ma caminho!
Cego seja quem m'isto faz.
Hui amara percudida!
Jesu, a que m'eu encandeio!
Esta praga donde veio?
Deos lhe apare negra vida.

AIRES « Por Maio, era por Maio. » *(Canta.)*

VELHA Hui, hui, que mao lavor!
Quem he este rouxinol,
Picanço ou papagaio?
Que ma ora começárão
Os que ma sahida lhe saia!
I eramá cantar á praia.
Más fadas que vos fadárão!
A maldição de Madorra,
D'Abitão e d'Abirão,
E de minha maldição —
Oh! santa Maria m'acorra!

AIRES « Apartar-me-hão de vós, *(Canta.)*
« Garrido amor. »

VELHA Ma partida, ma apartada,
Mao caminho, ma estrada,
Ma lavor te faça Deos.

AIRES « Eu amei hũa senhora *(Canta.)*
« De todo o meu coração:
« Quiz Deos e minha ventura
« Que não m'a querem dar não,
« Garrido amor. »

VELHA Ma cainça que te coma,
Mao quebranto te quebrante
E mao lobo que t'espante.

Toma duas figas, toma.
Nunca a tu has de levar
Para bargante rascão,
Que não te fartas de pão,
E queres musiquiar.

AIRES «Não me vos querem dare,
«Irme hei á tierras agenas,
«A chorar meu pesare,
«Garrido amor.»

VELHA Vae-t'ó Demo com sa mãe,
E dormirá a visinhança.
O Demo dou eu de ti a criança,
E esse te ca aportou.

APAR. Dizei-lhe que va comer,
Qu'hoje não comeu bocado.

VELHA Vae comer, homem coitado,
E dá ó demo o tanger.
E demais, se não tens pão,
Que ma ora começaste,
Aprendêras a alfaiate
Ou sequer a tecelão.

AIRES «Ja vêdes minha partida,
«Os meus olhos ja se vão;
«Se se parte minha vida,
«Ca me fica o coração.»

(Vai-se o Escudeiro, e fica a Velha dizendo á Filha:)

VELHA Isabel, tu fazes isto;
Tudo isto sahe de ti.
Isabel, guar'-te de mi,
Que tu tens a culpa disto.

ISABEL Pois si, eu o fui chamar.
VELHA Ai Maria, Maria Rabeja.
ISABEL Trama a quem o deseja,
Nem espera desejar.
VELHA Que dirá a vizinhança?
Dize, ma mulher sem siso!
ISABEL Que tenho eu ca de ver co'isso.
VELHA Como tens tão ma criança!
ISABEL Algum demo valho eu,
E algum demo mereço,
E algum demo pareço,
Pois que cántão pelo meu.
Vós quereis que me despeje,
Vós quereis que tenha modos,
Que pareça bem a todos
E ninguem não me deseje?
Vós quercis que mate a gente,
De fermosa e avisada;
Quereis que não falle nada,
Nem ninguem em mim attente?
Quereis que cresça e que viva,
E não deseje marido;
Quereis que reine Cupido,
E qu'eu seja sempre esquiva.
Quereis que seja discreta,
E que não saiba d'amores;
Quereis que sinta primores,
Mui guardada e mui discreta.
VELHA Tomade-a la! Hui, Isabel!
Quem te deu tamanho bico,
Rostinho de Cerolico?

Es tu moça ou bacharel?
Não aprendeste tu assi
O verbo d'anima Christe,
Que tantas vezes ouviste.

ISABEL Isso não he pera mi

VELHA E pois que?

ISABEL Eu vo-lo direi.
Ir a miude ao espelho,
E poer de branco e vermelho,
E outras cousas que sei:
Pentear, curar de mi
E poer a ceja em direito;
E morder por meu proveito
Estes beicinhos assi.
Ensinar-me a passear,
Pera quando for casada;
Não digão que fui criada
Em cima d'algum tear:
Saber sentir hum recado,
Responder em improviso
E saber fingir hum riso
Falso e bem dissimulado.

VELHA E o lavrar, Isabel?

ISABEL Faz a moça mui mal feita,
Corcovada e contrafeita,
De feição de meio annel;
E faz muito mao carão,
E mao costume de olhar.

VELHA Hui! pois jeita-te ao fiar
Estopa, linho ou algodão,
Ou tecer, se vem á mão.

ISABEL Isso he peor que lavrar.
VELHA Engeitas tu o fiar?
ISABEL Que não hei de fiar não.
Eu sou filha de muleira?
Em roca me fallais vós?
Ora assi me salve Deos,
Que tendes forte cenreira.
VELHA Aprende logo a tecer.
ISABEL Então bolir c'o fiado:
Achais outro mais honrado
Officio pera eu saber?
Tecedeira vio alguem,
Que não fósse boliçosa,
Cantadeira, presumptuosa?
E não tem nunca vintem.
E quando lhe quebra o fio,
Renega como beleguim.
Mãe, deixae-me vós a mim,
Vereis como m'atavio.
Isto vai sendo de dia,
Eu quero, mãe, almoçar.
VELHA Eu te farei amassar.
ISABEL Essa he outra fantesia!

E com isto se recolhem, e fenece esta primeira farça.

FARÇA

CHAMADA

AUTO DA INDIA.

FIGURAS.

AMA. — MOÇA. — CASTELHANO. — LEMOS. — MARIDO.

Á Farça seguinte chamão Auto da India. Foi fundada sôbre que hũa mulher, estando ja embarcado pera a India seu marido, lhe vierão dizer que estava desoviado, e que ja não ia; e ella de pezar está chorando. Foi feita em Almada, representada á muito catholica Rainha D. Leonor, era de 1519.

MOÇA. Jesu! Jesu! que he ora isso?
He porque se parte a armada?
AMA. Olhade a mal estreada!
Eu heide chorar por isso?
MOÇA. Por minha alma, que cuidei
E que sempre imaginei
Que choraveis por noss'amo.
AMA. Por qual demo ou por qual gamo
Alli ma ora chorarei?
Como me leixa saudosa!

Toda eu fico amargurada.
Moça. Pois porque estais anojada?
Dizei-m'o por vida vossa.
Ama. Leixa-me ora eramá,
Que dizem que não vai ja.
Moça. Quem diz esse desconcêrto?
Ama. Disserão-m'o por mui certo
Que he certo que fica ca.
O Concelos me faz isto.
Moça. S'elles ja estão em Rastello,
Como póde vir a pello?
Melhor veja eu Jesu Christo.
Isso he quem porcos ha menos.
Ama. Certo he que bem pequenos
São meus desejos que fique.
Moça. A armada está muito a pique.
Ama. Arreceio al de menos.
Andei na ma hora e nella
A amassar e biscoutar,
Pera o demo o levar
Á sua negra canella,
E agora dizem que não.
Agasta-se-m'o coração,
Que quero sahir de mim.
Moça. Eu irei saber s'he assim.
Ama. Hajas a minha benção.

(Vai a Moça e fica a Ama dizendo:)

Ama. A Santo Antonio rógo eu
Que nunca m'o ca depare:
Não sinto quem não s'enfare
D'hum diabo Zebedeu.

Dormirei, dormirei,
Boas novas acharei,
San João no ermo estava,
E a passarinha cantava.
Deos me cumpra o qu'eu sonhei.
Cantando vem ella e leda.

MOÇA. Dae-me alviçaras, Senhora,
Ja vai lá de foz em fóra.

AMA. Dou-te huma touca de seda.

MOÇA. Ou quando elle vier,
Dae-me do que vos trouxer.

AMA. Àlli muitieramá!
Agora ha de tornar ca?
Que chegada e que prazer!

MOÇA. Virtuosa está minha ama!
Do triste delle hei dó.

AMA. E que fallas tu lá so?

MOÇA. Fallo ca co'esta cama.

AMA. E essa cama, bem, que ha?
Mostra-m'essa roca ca:
Siquer fiarei hum fio.
Leixou-me aquelle fastio
Sem ceitil.

MOÇA. Alli, eramá!
Todas ficassem assi.
Leixou-lhe pera tres annos
Trigo, azeite, mel e pannos.

AMA. Mao pezar veja eu de ti!
Tu cuidas que não t'entendo?

MOÇA. Que entendeis? ando dizendo
Que quem assi fica sem nada,

Coma vós, que he obrigada....
Ja me vós is entendendo.
AMA. Ha ha ha ha ha ha!
Est'era bem graciosa,
Quem se ve moça e fermosa
Esperar pola ira ma.
Hi se vai elle a pescar
Meia legoa polo mar,
Isto bem o sabes tu;
Quanto mais a Calecu:
Quem ha tanto d'esperar?
Melhor, Senhor, sê tu comigo
Á hora de minha morte,
Qu'eu faça tão peca sorte.
Guarde-me Deos de tal p'rigo.
O certo he dar a prazer.
Pera que he envelhecer
Esperando polo vento?
Quant'eu por mui necia sento
A que o contrairo fizer.
Partem em Maio daqui,
Quando o sangue novo atiça:
Parece-te que he justiça?
Melhor vivas tu amen,
E eu comtigo tambem.—
Quem sobe per essa escada?
CAST. Paz sea en esta posada.
AMA. Vós sois? cuidei qne era alguem.
CAST. Asegun eso soy yo nada.
AMA. Bem, que vinda foi ora esta?
CAST. Vengo aqui en busca mia,

Que me perdí en aquel dia
Que os ví hermosa y honesta,
Y nunca mas me topé.
Invisible me torné,
Y de mí crudo enemigo;
El cielo, empero, es testigo
Que de mí parte no sé.
Y ando un cuerpo sin alma,
Un papel que lleva el viento,
Un pozo de pensamiento,
Una fortuna sin calma.
Pesé al dia en que nací;
Vos y Dios sois contra mi,
Y nunca topo el diablo.
Reis de lo que yo hablo?

AMA. Bem sei eu de que me ri.

CAST. Reísvos del mal que padezco,
Reísvos de mi desconcierto,
Reísvos que teneis por cierto
Que miraros non merezco.

AMA. Andar embora.

CAST. O mi vida y mi señora,
Luz de todo Portugal,
Teneis gracia especial
Para linda matadora.
Supe que vueso marido
Era ido.

AMA. Ant'hontem se foi.

CAST. Al diablo que lo doy
El desestrado perdido.
Que mas India que vos,

Que mas piedras preciosas,
Que mas alindadas cosas,
Que estardes juntos los dos?
No fue él Juan de Zamora.
Que arrastrado muera yo,
Si por cuanto Dios crió
Os dejára media hora.
Y aunque la mar se humillara
Y la tormenta cesara,
Y el viento me obedeciera
Y el cuarto cielo se abriera,
Un momento no os dejara.
Mas como evangelio es esto
Que la India hizo Dios,
Solo porque yo con vos
Pudiese pasar aquesto.
Y solo por dicha mia,
Por gozar esta alegría,
La hizo Dios descubrir;
Y no ha mas que decir,
Por la sagrada Maria!

AMA. Moça, vae áquelle cão.
Que anda naquellas tigelas.

MOÇA. Mas os gatos andão nellas.

CAST. Cuerpo del cielo con vos!
Hablo en las tripas de Dios,
Y vos hablaisme en los gatos!

AMA. Se vós fallais desbaratos,
Em que fallaremos nós?

CAST. No me hagais derrenegar,
Ó hacer un desatino.

Vós pensais que soy divino?
Soy hombre y siento el pesar.
Trayo de dentro un leon,
Metido en el corazon:
Tiéneme el alma dañada
De ensangrentar esta espada
En hombres, que es perdicion.
Ya Dios es importunado
De las almas que le envio;
Y no es en poder mio
Dejar uno acuchilado.
Dejé vivo allá en el puerto
Un hombrazo alto y tuerto,
Y despues fui lo encontrar;
Pensó que lo iba á matar,
Y de miedo cayó muerto.

AMA. Vós querieis ficar ca?
Agora he cedo ainda;
Tornareis vós outra vinda,
E tudo bem se fara.

CAST. Á qué hora me mandais?

AMA. Ás nove horas e nó mais.
E tirae hũa pedrinha,
Pedra muito pequeninha,
Á janella dos quintaes.
Entonces vos abrirei
De muito boa vontade:
Pois sois homem de verdade
Nunca vos fallecerei.

CAST. Sabeis que ganais en eso?
El mundo todo por vueso!

Que aunque tal capa me veis,
Tengo mas que pensareis:
Y no lo tomeis en grueso.
  Bésoos las manos, señora,
Voyme con vuesa licencia
Mas ufano que Florencia.

AMA. Ide e vinde muit'embora.

MOÇA. Jesu! como he rebolão!
Dae, dae ó demo o ladrão.

AMA. Muito bem me parece elle.

MOÇA. Não vos fieis vós naquelle,
Porque aquillo he refião.

AMA. Ja lh'eu tenho promettido.

MOÇA. Muito embora, seja assi.

AMA. Hum Lemos andava aqui
Meu namorado perdido.

MOÇA. Quem? o rascão do sombreiro?

AMA. Mas antes era escudeiro.

MOÇA. Sería, mas bem çafado:
Não suspirava o coitado
Senão por algum dinheiro.

AMA. Não he elle homem dess'arte.

MOÇA. Pois inda elle não esquece?
Ha muito que não parece.

AMA. Quant'eu não sei delle parte.

MOÇA. Como elle souber á fé
Que noss'amo aqui não he,
Lemos vos visitará.

LEMOS Hou da casa!

AMA. Quem he lá?

LEMOS Subirei?
AMA. Suba quem he.
LEMOS Vosso captivo, senhora.
AMA. Jesu! tamanha mesura!
Sou a rainha por ventura?
LEMOS Mas sois minha imperadora.
AMA. Que foi do vosso passear,
Com luar e sem luar,
Toda a noite nesta rua?
LEMOS Achei-vos sempre tão crua,
Que vos não pude aturar.
Mas agora como estais?
AMA. Foi-se á India meu marido,
E depois homem nascido
Não veio onde vós cuidais;
E por vida de Constança,
Que se não fosse a lembrança...
MOÇA. Dizei ja essa mentira. *(Á parte.)*
AMA. Que eu vos não consentíra
Entrar em tanta privança.
LEMOS Pois agora estais singela,
Que lei me dais vós, senhora?
AMA. Digo que venhais embora.
LEMOS Quem tira áquella janella?
AMA. Meninos que andão brincando,
E tirão de quando em quando.
LEMOS Que dizeis, senhora minha?
AMA. Mettei-vos nessa cozinha,
Que m'estão alli chamando.
CAST. Ábrame, vuesa merced,
Que estoy aqui á la vergüenza:

AMA. Meu irmão cuidei que s'ia.
CAST. Ah señora, ireivos vos.
Ábrame, cuerpo de Dios!
AMA. Tornareis ca outro dia.
CAST. Asosiega, corazon,
Adormiéntate, leon,
No eches la casa en tierra,
Ni hagas tan cruda guerra,
Que mueras como Sanson.
Esta burla es de verdad,
Por los huesos de Medea,
Sino que arrastrado sea
Mañana por la ciudad;
Por la sangre soberana
De la batalla trojana,
Y juro á la casa santa—
AMA. Pera qu'he essa jura tanta?
CAST. Y aun vos estais ufana?
Quiero destruir el mundo,
Quemar a casa, es la verdad,
Despues quemar la ciudad;
Señora, en esto me fundo.
Despues si Dios me dijere,
Cuando allá con él me viere,
Que por sola una muger...
Bien sabré que responder,
Cuando á ello veniere.
AMA. Isso são rebolarias.
CAST. Séame Dios testigo,
Que vos vereis lo que digo,
Antes que pasen tres dias.

Ama. Ma viagem façás tu
Caminho de Calecu,
Praza á Virgem consagrada.
Lemos Que he isso?
Ama. Não he nada.
Lemos Así viva Bercebu.
Ama. I-vos embora, senhor,
Que isto quer amanhecer.
Tudo está a vosso prazer,
Com muito dobrado amor.
Oh que mezuras tamanhas!
Moça. Quantas artes, quantas manhas,
Que sabe fazer minha ama!
Hum na rua, outro na cama!
Ama. Que fallas? que t'arreganhas?
Moça. Ando dizendo entre mi,
Que agora vai em dous annos
Que eu fui lavar os pannos
Alem do chão d'Alcami;
E logo partio a armada
Domingo de madrugada.
Não póde muito tardar
Nova se ha de tornar
Noss'amo pera a pousada.
Ama. Asinha.
Moça. Tres annos ha
Que partio Tristão da Cunha.
Ama. Cant'eu anno e meio punha.
Moça. Mas tres e mais havera.
Ama. Vae tu comprar de comer.
Tens muito pera fazer,

Não tardes.

MOÇA. Não senhora;
Eu virei logo nessora,
Se m'eu lá não detiver. *(Sahe.)*

AMA. Mas que graça, que sería,
Se este negro meu marido
Tornasse a Lisboa vivo
Pera minha companhia!
Mas isto não póde ser;
Qu'elle havia de morrer
Somente de ver o mar.
Quero fiar e cantar,
Segura de o nunca ver.

MOÇA. Ai senhora! venho morta:
Noss'amo he hoje aqui.

AMA. Ma nova venha por ti
Perra excommungada torta.

MOÇA. A Garça, em que elle ia,
Vem com mui grande alegria;
Per Rastello entra agora.
Por vida minha, senhora,
Que não fallo zombaria.
E vi pessoa que o vio
Gordo, que he para espantar.

AMA. Pois, casa, se t'eu caiar,
Mate-me quem me pario.
Quebra-me aquellas tigelas
E tres ou quatro panellas,
Que não ache que comer.
Que chegada e que prazer!
Fecha-me aquellas janellas;

Deita essa carne a esses gatos;
Desfaze toda essa cama.
Moça. De mercês está minh'ama;
Desfeitos estão os tratos.
Ama. Porque não matas o fogo?
Moça. Raivar; que este he outro jôgo.
Ama. Perra, cadella, tinhosa,
Que rosmeias, aleivosa?
Moça. Digo que o matarei logo.
Ama. Não sei pera que he viver.
Mar. Oulá.
Ama. Alli ma ora, este he.
Quem he?
Mar. Homem de pé.
Ama. Gracioso se quer fazer. —
Subi, subi pera cima.
Moça. He noss'amo: como rima!
Ama. Teu amo! Jesu! Jesu!
Alviçaras pedirás tu.
Mar. Abraçaeme, minha prima.
Ama. Jesu! tão negro e tostado!
Nos vos quero, não vos quero.
Mar. E eu a vós si, porque espero
Serdes mulher de recado.
Ama. Moça, tu que estas olhando?
Vai muito asinha saltando,
Faze fogo e vae por vinho,
E ametade d'hum cabritinho,
Emquanto estamos fallando.
Ora como vos foi lá?
Mar. Muita fortuna passei.

AMA. E eu oh quanto chorei,
Quando a armada foi de ca!
E quando vi desferir,
Que começaste de partir,
Jesu! eu fiquei finada;
Tres dias não comi nada,
A alma se me queria sahir.

MAR. E nós cem legoas daqui
Saltou tanto suduestc,
Suduestc e oes-sudueste,
Que nunca tal tormenta vi.

AMA. Foi isso á quarta feira,
Aquella logo primeira?

MAR. Si; e começou n'alvorada.

AMA. E eu fui-me de madrugada
A nossa Senhora da Oliveira,
E co'a memoria da cruz
Fiz-lhe dizer huma missa,
E prometti-vos em camisa
A sancta Maria da Luz:
E logo á quinta feira
Fui-me ao Spirito Sancto
Com outra missa tambem;
Chorei tanto que ninguem
Nunca cuidou ver tal pranto.
Correste aquella tormenta? —
Andar.

MAR. Durou-nos tres dias.

AMA. As minhas tres romarias
Com outras mais de quarenta.

MAR. Fomos na volta do mar

Quasi quasi a quartelar:
A nossa Garça voava,
Que o mar s'espedaçava.
Fomos ao rio de Meca,
Pelejamos e roubamos,
E muito risco passamos
Á vela, e árvore sêcca.

AMA. E eu ca esmorecer,
Fazendo mil devações,
Mil choros, mil orações.

MAR. Assí havia de ser.

AMA. Juro-vos que de saudade
Tanto de pão não comia
A triste de mi cada dia.
Doente, era hũa piedade.
Ja carne nunca a comi:
Esta camisa que trago
Em vossa dita a vesti,
Porque vinha bom mandado.
Aonde não ha marido
Cuidae que tudo he tristura,
Não ha prazer nem folgura;
Sabei que he viver perdido.
Alembrava-vos eu lá?

MAR. E cómo?

AMA. Ágora, aramá:
La ha indias mui fermosas;
Lá farieis vós das vossas
E a triste de mi ca,
Encerrada nesta casa,
Sem consentir que vizinha

Entrasse por huma braza,
Por honestidade minha.

MAR. Lá vos digo que ha fadigas,
Tantas mortes, tantas brigas,
E p'rigos descompassados,
Que assi vimos destroçados,
Pellados coma formigas.

AMA. Porém vindes muito rico?

MAR. Se não fôra o capitão,
Eu trouxera a meu quinhão
Hum milhão vos certifico.
Callae-vos que vós vereis
Quão louçan haveis de sahir.

AMA. Agora me quero eu rir
Disso que me vós dizeis.
Pois que vós vivo viestes,
Que quero eu de mais riqueza?
Louvada seja a grandeza
De vós, Senhor, que m'o trouxestes.
A nao vem bem carregada?

MAR. Vem tão doce embandeirada!

AMA. Vamo-la, rogo-vo-lo, ver.

MAR. Far-vos-hei nisso prazer?

AMA. Si, que estou muito enfadada.

Vão-se a ver a nao, e fenece esta farça.

FARÇA

CHAMADA

AUTO DA FAMA.

FIGURAS.

FAMA. — JOANNE. — FRANCEZ. — ITALIANO. — CASTELHANO. — FÉ. — FORTALEZA.

A Farça seguinte foi representada á mui catholica e Serenissima Rainha D. Leonor, e depois ao muito alto e poderoso Rei D. Manuel na cidade de Lisboa, em Santos o velho, na era do Senhor de 1510.

ARGUMENTO.

O argumento desta farça he, que a Fama he hũa tão gloriosa excellencia, que muito se deve de desejar: a qual este reino de Portugal está de posse da maior de todolos outros reinos. Segue-se que esta Fama Portugueza he desejada de todalas outras terras, não tamsomente pola gloria interessal dos commercios, mas principalmente polo infinito damno que os Mouros, imigos da nossa fé, recebem dos Portuguezes na Indica navegação. E porque antigamente a fama desta nossa provincia era em prego de pe-

quena estima, significando isto, sera a primeira figura hũa mocinha chamada Portugueza Famã, guardando patas, a qual sera requerida por França, por Italia, por Castella, e de todos se escusará, porque cada hum a quererá levar; e provará por evidentes razões que este reino a merece mais que outro nenhum. Polo qual sera posta no fim do auto em carro triumphal per duas Virtudes, s. Fé e Fortaleza.

(Entra logo a Fama, com hum Parvo per nome Joanne comsigo, careando suas patas, e diz:)

FAMA. Tange as patas pera ca.
Como es aqueste, Jesu!
Samicas ervilhaste tu.
JOAN. Pate, pate, ieramá,
Oh ma reira!
FAMA. Leix'as ir pola carreira.
Oh, ma morte que te leve!
JOAN. Oh, pezar de Mafamede!
S'ellas se vão á figueira!
Ind'hoje m'eu tornarei.
FAMA. Tangede-las.
JOAN. Pate, pate. —
Ma raposa que as mate.
Sabeis como vos afogarei.
FAMA. Olhade o geito!
JOAN. Se não querem ir direito!
E hei de fugir hum dia,

Praza a Deos e á Virgem Maria.
Fama. Porque não tanges a eito?
Joan. Patelas, pate raivosas;
Apre filhas do enforcado,
Polo ceo de Deos sagrado.
Fama. Pate, meninas formosas;
Andar, patinhas;
Ora ide-vos, filhinhas.
Joan. Cóche, meninas d'amor.
Hou, ganso! s'eu lá for,
Farvos-hei eu cagar pinhas.
(Deita-se Joanne a dormir, e entra o Francez e diz:)
Fran. Dio guarde, bella pastora,
Tan fermosa y tan arrea:
Que fet vus naquesta aldea?
Yo su morte par vus, senhora,
Par mon foy.
Nom partiré daqui oy,
Tan que sea a mi posança
Vu vendrés comigo en França,
Si par Dio par xar de moy.
Par el cor sacro de Diu
Vós estis tan bella xosa,
Y xosa tan preciosa,
Qu'en França vendrés comi.
Ó rosa mia,
Vendrés en mi companhia
A la próspera Paris,
Que França porta es paradis,
Tanti que le mundi sia.

Polo ceo de Deos sonhava;
Olhae, então eu chorava.
FAMA. Oh Jesu! como es cebolo!
(Vem hum Italiano, e diz a)
FAMA. Quem sois vós?
ITAL. Italiano.
FAMA. Ide, ide vosso caminho.
Acorda tu, Joanninho.
Vistes como vem oufano!
Ide embora.
JOAN. Hou Franchinote, fóra, fóra,
Não espanteis as patas, hou!
FAMA. A que vindes onde estou?
ITAL. Audime, mia senhora.
Dio nutro salvatore
Tu belleza salve y guarde.
Porque guarde aqueste ave,
Con tu aspecto resplendore
Y tan pobleta?
Una jovena perfecta
Con le pate en la campanha!
Vem comigo en la Romanha,
Puy que tu belleza especta.
FAMA. Bofá, meu amigo patranhas?
E que terra he assi a vossa?
ITAL. La gran Italia pod'rosa.
FAMA. Queria mais tres castanhas.
ITAL. Ay! il cor me dole,
Qui me mata tu parole;
Arço en foco de tu amore;
Si tu no me dá favore,

Clamaró, que rumpe il sole.
 O li core de la vita mia,
Si brachi mei te pilhasse,
Y occhi mei te mirasse,
Tote le ore, notte y dia,
Totti quanti
Liberati qui sun tanti,
Y le companha de dia;
Aqueste paradisa mia
Me será multi triumphanti.
 Ve ay tu muy cierte cora,
Que videtis son conduto
A crudele amore tuto,
Sin pietate sola un'ora:
Y noche loco
Me consume el triste foco,
Y el core si lamenta,
Que a la fine ja mi afoco.
FAMA. Eu não sei que vós haveis. —
 Meninas, meninas, pati.
ITAL. Oh le morte ao suy estati!
FAMA, Dou-lh'ora que renegueis.
ITAL. Audi cagione.
 Yo suy en tu prisione,
 Y la morte no me vale.
 Fama, puy que es immortale.
 Famula tuorum y racione?
 Insule eu es tuta terra.
 Vamo, auvoemos en Pavia,
 Qui le Romani sun con via
 De le pace y de le guerra.

FAMA. Oh que bem!
Qu'esforçada gente tem!
Que victorias! — Mao pezar,
Sois de quem vos conquistar.
Vêdes o demo em que vem!

ITAL. Parla oy mi dulce parole,
Concede mi pedimiento.

FAMA. Olhade aquelle aviamento!

ITAL. Oh fermosa como el sole!

FAMA. Não vos digo
Que não falleis mais comigo?

ITAL. Ó mi dulce paradiso,
Tu me fai que me persigo.
Ó la candida vita mia senhora,
Diesa mia y mi dolore,
Que abalho por el tu amore:
Mi casar comtico acora.

FAMA. Eu não quero:
Isso he certo o qu'eu espero.
E que riquezas tendes vós?
Ora assi me salve Deos
Qu'isso passa ja de fero.

ITAL. Yo te doneré ducate,
Y le joya preciosa,
Y tu seray venturosa
Y de riquesa abastate.

FAMA. Perguntae ora a Veneza
Como lhe vai de seu jôgo:
Eu vos ensinarei logo
De que se fez sua grandeza.
Começae de navegar,

Ireis ao porto de Guiné;
Perguntae-lhe cujo he,
Que o não póde negar.
Com ilhas mil
Deixae a terra do Brazil;
Tende-vos á mão do sol,
E vereis homens de prol,
Gente esforçada e varonil.
Aos commercios perguntareis
D'Arabia, Persia, a quem se derão,
Ou quando os homens tiverão
Este mundo que vereis.
E não fique
Perguntar a Moçambique
Quem he o Alferes da Fé,
E Rei do mar quem o he,
Ou s'ha outrem a que se applique.
Ormuz, Quiloa, Mombaça,
Sofala, Cochim, Melinde,
Como em espelhos d'alinde,
Ruluze quanta he sua graça.
E chegareis
A Goa e perguntareis
Se he ainda subjugada
Por peita, rógo, ou espada?
Veremos se pasmareis.
Perguntae á populosa,
Próspera e forte Malaca,
Se lhe leixárão nem 'staca
Pouca gente mas furiosa.
E vereis de longe e de través

Se treme todo o sertão:
Vêde se feito Romão
Com elle m'igualareis.

ITAL. O Diu!

FAMA. Esperae vós,
Qu'inda eu agora começo;
Qu'este conto he de gran preço;
Bento seja o Deos dos Çeos!
Perguntae
Ao Soldão como lhe vai
Com todos seus poderios;
Que contr'elle são seus rios:
E esta nova lhe dae.
Ide-vos pela foz de Meca,
Vereis Adem destruida,
Cidade mui nobrecida,
E tornou-se-lhe marreca.
E achareis
Em calma suas galés,
E as velas feitas em isca,
E bálhando á mourisca
Dentro gente Portuguez.
Achareis Meca em tristeza,
Ainda mui sem folgança,
Renegando a vizinhança
De tão forte natureza.
Porque farão
Na ilha do Camarão
E no estreito fortalezas,
E as mouriscas riquezas
Ao Tejo se virão.

ITAL. Diu, que gran fato!
Como la fiel fortuna,
Estelle, sol y la luna
Proseguio tanto andato.
Fit partito,
Si plaze al tu petito,
Pui plaze a mi tu amore,
Que lassis queste labore,
Porque el cor tengo aflito.
FAMA. Por amores não se ha fama.
Olhae vós que cousa aquella!
Ide cantar a gamella;
Que a Fama he mais que Dama,
ITAL. Si le Veneciani
Aqui fizo tanti dani,
Que satisfará por aquello?
FAMA. A ilha de Caramello.
ITAL. Par Di, este he grave afani.
Cruda, crudele, con Dio,
A pietate me donai,
El agrave que me fai
Non resolve in mio desio;
Y la empreza,
Que mio valle tan acesa,
Durará la vita mia.
FAMA. Para que he essa porfia,
Que esta moça he Portugueza?
ITAL. Que paciéncia basta al core
Del pastore disperato!
Congregar lo y grave fato
Si la mente vir o amore

Al foco eterno
Della flamme del inferno,
Fará partito col mio:
Tu lo sa, Domine mio,
Que mi mal es sempiterno.

(Encontra-se o Italiano com o Francez.)

FRAN. Diu vu garde, bon ami.
ITAL. No vale, parole, Micero,
Ni ou pur la vita quiero.
FRAN. Y que xosa fue essa ansi?
ITAL. Arço en foco,
Y plango in hoc loco,
Y el alma se me va.
FRAN. Que diable fue esse allá?
ITAL. Modici acerba invoco.
FRAN. Vus topés la Fama acera,
La famosa Portugueza?
No la pude far Franceza.
ITAL. Oh Dio! que linde pastora
Para Romàni!
Yo con ella ho farto afani;
Qu'a la fe l' astuta vera,
Ni por pace ni por guerra,
No estima le Italiani.
FRAN. Por le cor de Diu sacre
Que ella si buela di França,
E fit tembler toto istato.
ITAL. Oh el mio amore,
Mi dulce ochi, colore
Candida como le sole,
Per le vivo resplandore.

Le terra in que ell'istá
Sea in æternum beata,
Puy que d'amore mi mata
Y toto el mundo fará.
Y le pate
Que ella guarda, sun beate,
Y toti quanti sui sia:
Y lo que su gracia desia
Per le celi sea fati.
(Vem hum Castelhano e diz:)

CAST. Cuya sois, linda pastora?
FAMA. Ja temos outro enxoval?
CAST. Sois daqui de este casal?
FAMA. Daqui fui sempre e agora.
CAST. Oh qué cosa!
Una joya tan preciosa,
Que matais todos de amores,
Y sola entre cuatro pastores
Estás ufana y briosa!
Yo no siento quien os vea,
Que no le robeis la vida,
O señora esclarecida;
Que no hay quien no os desea
Muy de grado.
Dejeis las patas y el prado
Por la próspera Castilla;
Que estardes aqui, es bobilla,
Nun casal medio poblado.
De pasados y presentes
Vos dorais todas memorias,
Y sois vida de las glorias,

Y corona de las gentes.
Y es sabido
Que sois un rosal florido,
Donde nobleza reposa;
Tan alta y preciosa cosa,
Como nel mundo ha nacido.
Pues Fama de hermosura,
Qué haceis nesta ribera,
Que vuesa gentil manera
Merece mejor frescura?
Señora, digo
Que vos querais ir conmigo
Á Castilla, pues merece
Lo que de vos resplandece;
Y doy el mundo por testigo.
Bien sabeis, alta señora,
Las victorias de Castilla,
Que tiene puesta la silla
Con la silla emperadora.
Habeis oido
Que en nuestro tiempo ha vencido
Cuanto quizo sojuzgar:
Por tierra y por la mar
Es muy alto su partido.
Los campos Italianos,
Las cercas Napolitanas
Y las naciones cristianas
Cuentan sus hechos Romanos:
Y Granada
Con tantas fuerzas ganada,
Tales que es cosa de espanto.

FAMA. Oh Jesu! vós fallais tanto,
Que já estou enfastiada.
Olhae, Castelhão de bem,
Dizeis verdade, bem sabemos;
Mas ha mister mais extremos
Pera me levar ninguem.
CAST. Oh señora,
Qué extremos quereis ahora?
FAMA. Leixae-me vós a mi dizer.
CAST. Pláceme, yo quiero ver.
FAMA. Ora ouvi-me na boa ora.
CAST. Decid, que bien os oiré,
Mi preciosa enamorada.
FAMA. Não quereis que diga nada?
CAST. Qué! no os responderé?
Por Veneza!
Hable vuestra gentileza,
Cuerpo de Dios consagrado,
Yo quiero estar callado;
Mostradme vuestra grandeza.
FAMA. I-vos por aqui á Turquia,
E por Babilonia toda,
E vereis se anda em voda,
Com pezar de Alexandria.
E vos dirá
Damasco quantos lhe dá
De combates Portugal,
Com victoria tão real,
Que nunca se perderá.
Chegareis a Jer'salem,
O qual vereis ameaçado,

E o Mourismo irado,
Com pezar do nosso bem:
E os desertos
Achareis todos cubertos
D'artelharia e camelos
Em soccôrro dos castellos,
Que ja Portugal tem certos.
Sabei em Africa a maior
Flor dos Mouros em batalha,
Se se tornárão de palha,
Quando foi na d'Azamor.
E, sem combate,
A trinta leguas dão resgate,
Comprando cada mez a vida;
E a atrevida Almedina
E Ceita se tornou parte.
Tributarios e captivos
Elles com os seus logares,
Com camelos dez mil pares,
Porque os deixassem vivos.
Pois Marrocos,
Que sempre fez dez mil biocos
Até destruir Hespanha,
Sabei se se tornou aranha,
Quando vio o demo em soccos.
Bem: e he razão que me va
Donde ha cousas tão honradas,
Tão devotas, tão soadas?
O lavor vos contará.
I-vos embora.

CAST. Quedáos á Dios, señora;

No quiero mas porfías.

(Encontra-se com o Francez e Italiano, e diz o)

ITAL. Oh Diu! como está tan trista!

FRAN. Vus topés la gran pastora?
Ille he forte coma hum torra!

ITAL. Dóleme el core y la tista.

CAST. Yo estoy cansado,
Que con ella he trabajado.

FRAN. Y si no quiere los Francezes!

CAST. Mucho mas valemos nos.

ITAL. Le Romani pilha en grado.

CAST. Qué os parece de la Fama
Portugueza?

ITAL. Forti xosa
De riquesa y no checosa;
Diu y el creve la inflama.
Yo he vido
Que al mare no ha avedo
Mal rosto dale Moro,
Per força pilha el tesoro;
Y questo he vero y lo credo.

FRAN. Par el cor de Christo santo,
Que la pastora me fit sudés;
Yo no le perleré mes,
Pues su mercê vale tanto.

ITAL. Puy ede;
Que le fa Díu gran mercede,
Y por honra mas crecirse,
Porque el cor di forti y face
Per Christo que in celi sede.
Que la alta guerra o paci,

Que he contra le Christiani,
Vencimento tali dani
Non esté famoso mas fallaci.
Le cuerpo morto,
Si alma al inferno porto
Si la vana opinione
Quien de aquesto he occasione
No le veo por conforto.

CAST. Por eso no porfié
Con ella, ni es razon,
Porque sus victorias son
Muy lejos y por la fe.

ITAL. Cor de Di!
Que la veritá he ansi!

CAST. El muy alto Dios sin par
La quiera siempre ayudar;
Y nos vámosnos de aqui.

(Vem a Fé e Fortaleza a laurear esta Fama com hũa coroa de louro.)

ITAL. Que es aquesto dito acora?

FRAN. Oh le belle polideza!

CAST. La Fé y la Fortaleza
Vienen honrar la pastora.

FÉ. Os feitos Troianos, tambem os Romãos,
Mui alta Princeza, que são tão louvados,
E neste mundo estão collocados
Por façanhosos e por muito vãos,
Em o regimento de seus cidadãos,
E algũas virtudes e moraes costumes,
Vós, Portugueza Fama, não tenhais ciumes,
Que estais collocada na flor dos Christãos.

Vossas façanhas estão collocadas
Diante de Christo, Senhor das alturas:
Vossas conquistas, grandes aventuras,
São cavallarias mui bem empregadas.
Fazeis as mesquitas serem desertadas,
Fazeis na Igreja o seu poderio:
Portanto o que póde vos dá dominío,
Que tanto reluzem vossas espadas.
Porque o triumpho do vosso vencer
E as vossas victorias exalção a fé,
De serdes laureada grande rezão he,
Princeza das famas, por vosso valer.
Não achamos outra de mais merecer.
Pois tantos destroços fazeis a Ismael,
Em nome de Christo tomae o laurel,
Ao qual Senhor praza sempre em vos crescer.

Aqui coroão as Virtudes a Fama, e a põe em seu carro triumphal com musica, e assi a levão, e se acaba esta susodita farça.

O VELHO DA HORTA.

FIGURAS.

HUM VELHO. — HUMA MOÇA. — HUM PARVO, *Criado do Velho.* — MULHER DO VELHO. — BRANCA GIL. — HUMA MOCINHA. — HUM ALCAIDE. — BELEGUINS.

A seguinte farça, he o seu argumento, que hum homem honrado e muito rico, ja velho, tinha hũa horta; e andando hũa manhan por ella espaireoendo, sendo o seu hortelão fóra, veio hũa moça de muito bom parecer buscar hortaliça, e o velho em tanta maneira se namorou della, que por via de hũa alcoviteira gastou toda sua fazenda. A alcoviteira foi açoutada, e a moça casou honradamente. Foi representada ao mui serenissimo Rei Dom Manuel o primeiro deste nome, era do Senhor de 1512.

(Entra o velho pela horta, rezando.)

VELHO *Pater noster* creador,
Qui es in cœlis poderoso,
Sanctificetur, Senhor,
Nomen tuum vencedor,

Nos ceos e terra piedoso.
Adveniat a tua graça,
Regnum tuum sem mais guerra;
Voluntas tua se faça
Sicut in cœlo et in terra.
Panem nostrum, que comemos,
Quotidianum, teu he;
Escusá-lo não podêmos;
Indaque o não merecemos.
Tu da nobis hodie.
Dimitte nobis, Senhor,
Debita nossos errores,
Sicut et nos, por teu amor,
Demittimus qualquer error
A os nossos devedores.
Et ne nos, Deos, te pedimos,
Inducas per nenhum modo
In tentationem cahimos;
Porque fracos nos sentimos,
Formados de triste lodo.
Sed libera nossa fraqueza,
Nos a malo nesta vida.
Amen por tua graça,
E nos livre tua alteza
Da tristeza sem medida.
(Entra a Moça na horta e diz o)
VELHO Senhora, benza-vos Deos.
MOÇA. Deos vos mantenha, Senhor.
VELHO Onde se criou tal flor?
Eu diria que nos ceos.
MOÇA. Mas no chão.

VELHO Pois damas se acharão,
Que não são vosso sapato.
MOÇA. Ai! como isso he tão vão,
E como as lisonjas são
De barato.
VELHO Que buscais vós ca, donzella,
Senhora, meu coração?
MOÇA. Vinha ao vosso hortelão
Por cheiros pera a panella.
VELHO E a isso
Vindes vós, meu paraizo,
Minha senhora, e al não?
MOÇA. Vistes vós! Segundo isso,
Nenhum velho não tem siso
Natural.
VELHO Oh meus olhinhos garridos!
Minha rosa! meu arminho!
MOÇA. Onde he o vosso ratinho?
Não tem os cheiros colhidos?
VELHO Tão depressa
Vindes vós, minha condessa,
Meu amor, meu coração?
MOÇA. Jesu! Jesu! que cousa he essa?
E que prática tão avessa
Da rezão!
Fallae, fallae d'outra maneira:
Mandae-me dar a hortaliça.
VELHO Gran fogo d'amor m'atiça,
Oh minha alma verdadeira!
MOÇA. E essa tosse?
Amores de sôbre-posse

Serão os da vossa idade:
O tempo vos tirou a posse.

VELHO Mais amô, que se moço fosse
Com ametade.

MOÇA. E qual sera a desestrada,
Que attente em vosso amor?

VELHO Oh minh'alma e minha dor,
Quem vos tivesse furtada!

MOÇA. Que prazer!
Quem vos isso ouvir dizer
Cuidará que estais vós vivo,
Ou que sois pera viver.

VELHO Vivo não no quero ser,
Mas captivo.

MOÇA. Vossa alma não he lembrada
Que vos despede esta vida?

VELHO Vós sois minha despedida,
Minha morte antecipada.

MOÇA. Que galante!
Que rosa! que diamante!
Que preciosa perla fina!

VELHO Oh fortuna triumphante!
Quem metteo hum velho âmante
Com menina!

O maior risco da vida,
E mais perigoso, he amar;
Que morrer he acabar,
E amor não tem sahida.
E pois penedo,
Aindaque seja amado,
Vive qualquer amador;

Que fará o desamado,
E sendo desesperado
De favor?

MOÇA. Ora dá-lhe lá favores!
Velhice, como te enganas!

VELHO Essas palavras ufanas
Acendem mais os amores.

MOÇA. Ó home! estais ás escuras;
Não vos vêdes como estais?

VELHO Vós me cegais com tristuras,
Mas vejo as desaventuras
Que me dais.

MOÇA. Não vêdes que sois ja morto,
E andais contra natura?

VELHO Ó flor da mor fermosura,
Quem vos trouxe a este meu horto?
Ai de mi!
Porque assi como vos vi,
Cegou minha alma e a vida;
E está tão fóra de si,
Qu'em partindo vós daqui,
He partida.

MOÇA. Ja perto sois de morrer:
Donde nasce esta sandice,
Que, quanto mais na velhice,
Amais os velhos viver?
E mais querida,
Quando estais mais de partida,
He a vida que leixais?

VELHO Tanto sois mais homecida,
Que, quando amo mais a vida,

M'a tirais.
Porque minh'hora d'agora
Val vinte annos dos passados;
Que os moços namorados
A mocidade os escora.
Mas hum velho,
Em idade de conselho,
De menina namorado....
Oh minh'alma e meu espelho!

MOÇA. Oh miolo de coelho
Mal assado.

VELHO Quanto for mais avisado
Quem d'amor vive penando,
Tera menos siso amando,
Porque he mais namorado.
Em concrusão,
Que amor não quer rezão,
Nem contracto, nem cautela,
Nem preito, nem condição,
Mas penar de coração
Sem querella.

MOÇA. Hulos esses namorados?
Desinçada he a terra delles:
Olho mao se metteo nelles:
Namorados de cruzados,
Isso si.

VELHO Senhora, eis-me eu aqui,
Que não sei senão amar.
Oh meu rosto d'alfeni!
Qu'em forte ponto vos vi
Neste pomar!

MOÇA. Que velho tão sem socêgo!
VELHO Que garridice me viste?
MOÇA. Mas dizei, que me sentiste,
Remelado, necio, cego?
VELHO Mas de todo
Por mui namorado modo
Me tendes minha senhora
Ja cego de todo em todo.
MOÇA. Bem está quando tal lodo
Se namora.
VELHO Quanto mais estais avessa,
Mais certo vos quero bem.
MOÇA. O vosso hortelão não vem?
Quero-me ir, que estou de pressa.
VELHO Oh fermosa,
Toda minha horta he vossa.
MOÇA. Não quero tanta franqueza.
VELHO Não per me serdes piedosa;
Porque quanto mais graciosa,
Soes crueza.
Cortae tudo sem partido;
Senhora, se sois servida,
Seja a horta destruida,
Pois seu dono he destruido.
MOÇA. Mana minha,
Achastes vós a daninha,
Porque não posso esperar.
Colherei algũa cousinha,
Somente por ir asinha
E não tardar.
VELHO Colhei, rosa, dessas rosas,

Minhas flores, colhei flores.
Quizera eu que esses amores
Forão perlas preciosas,
E de rubis
O caminho per onde is,
E a horta d'ouro tal,
Com lavores mui sutis,
Poisque Deos fazer-vos quiz
Angelical.
  Ditoso he o jardim
Que está em vosso poder:
Podeis, senhora, fazer
Delle o que fazeis de mim.

MOÇA. Que folgura!
Que pomar e que verdura!
Que fonte tão esmerada!

VELHO N'agua olhae vossa figura,
Vereis minha sepultura
Ser chegada.

MOÇA. « Cual es la niña *(Canta.)*
« Que coge las flores,
« Sino tiene amores.
  « Cogia la niña
« La rosa florida,
« El hortelanico
« Prendas le pedia,
« Sino tiene amores. »

(Assi cantando colheo a Moça da horta o que vinha buscar, e acabado, diz:)

MOÇA. Eis-aqui o que colhi;
Vêde o que vos hei de dar.

VELHO Que m'haveis vós de pagar,
Pois que me levais a mi?
Oh coitado!
Que amor me tem entregado
E em vosso poder me fino,
Porque sam de vós tratado
Como passaro em mão dado
D'hum menino.

MOÇA. Senhor, com vossa mercê.

VELHO Por eu não ficar sem a vossa,
Queria de vós hũa rosa.

MOÇA. Hũa rosa? para que?

VELHO Porque são
Colhidas de vossa mão,
Leixar-m'heis algũa vida,
Não isenta de paixão,
Mas sera consolação
Na partida.

MOÇA. Isso he por me deter:
Ora tomae — acabar.
(Tomou-lhe o Velho a mão.)
Jesu! e quereis brincar?
Que galante e que prazer!

VELHO Ja me leixais?
Lembre-vos que me lembrais
E que não fico comigo.
Oh marteiros infernaes!
Não sei porque me matais,
Nem o que digo.

(Vem hum Parvo, criado do Velho, e diz:)

PARVO Dono, dizia minha dona

Que fazeis vós ca té á noute?
VELHO Vae-te dahi, não t'açoute.
Oh! dou ó demo a chaçona
Sem saber.
PARVO Diz que fosseis vós comer,
E que não moreis aqui.
VELHO Não quero comer nem beber.
PARVO Pois que haveis ca de fazer?
VELHO Vae-te d'hi.
PARVO Dono, veio lá meu tio,
Estava minha dona — então ella
Foi-se-lhe o lume pela panella,
Senão acertá-lo acario.
VELHO Oh Senhora,
Como sei que estais agora
Sem saber minha saudade!
Oh senhora matadora,
Meu coração vos adora
De vontade.
PARVO Raivou tanto rosmear
Oh pezar ora da vida!
Está a panella cozida,
Minha dona quer jentar:
Não quereis?
VELHO Não hei de comer, que me pês,
Nem quero comer bocado.
PARVO E se vós, dono, morreis?
Então depois não fallareis,
Senão finado.
Então na terra nego jazer,
Então finar dono estendido.

VELHO Oh quem não fôra nascido,
Ou acabasse de viver!

PARVO Assi, pardeos.
Então tanta pulga em vós,
Tanta bichoca nos olhos,
Alli c'os finados sos;
E comer-vos-hão a vós
Os piolhos.
Comer-vos-hão as cigarras,
E os sapos morreré, morreré.

VELHO Deos me faz ja mercê
De me soltar as amarras.
Vae saltando,
Aqui fico esperando:
Traze a viola e veremos.

PARVO Ah corpo de San Fernando!
Estão os outros jentando,
E cantaremos?

VELHO Quem fosse do teu teor,
Por não sentir tanta praga
De fogo que não s'apaga
Nem abranda tanta dor!
Hei de morrer.

PARVO Minha dona quer comer;
Vinde eramá, dono, que brada.
Olhae, eu fui-lhe dizer
Dessa rosa e do tanger,
E está raivada.

VELHO Vae-te tu, filho Joanne,
E dize que logo vou,
Que não ha tanto que ca 'stou.

MULH. Que peçonha!
Havei ma ora vergonha
A cabo de sessenta annos,
Que sondes ja carantonha.
VELHO Amores de quem me sonha
Tantos danos.
MULH. Ja vós estais em idade
De mudardes os costumes.
VELHO Pois que me pedis ciumes,
Eu vo-lo farei verdade.
MULH. Olhade a peça!
VELHO Nunca o demo em al m'empeça,
Senão morrer de namorado.
MULH. Quer ja cair da trepeça,
E tem rosa na cabeça
E imbicado.
VELHO Leixae-me ser namorado,
Porque o sou muito em extremo.
MULH. Mas que vos tome inda o demo,
Se vos ja não tem tomado.
VELHO Dona torta.
Acertar por essa porta,
Velha mal aventurada,
Sair ma ora da horta.
MULH. Hui, amara! aqui sou morta,
Ou espancada.
VELHO Estas velhas são peccados,
Sancta Maria Val com a praga!
Quanto as homem mais afaga,
Tanto são mais endiabradas.

(Canta.)

«Volvido nos han volvido,
«Volvido nos han
«Por una vecina mala
«Meu amor tolheu-me a falla,
«Volvido nos han.»

(Vem Branca Gil, alcoviteira, e diz:)

BRAN. Mantenha Deos vossa mercê.
VELHO Bofé, vós venhais embora.
Ah sancta Maria senhora,
Como logo Deos provê!
BRAN. Si aosadas.
Eu venho por mesturadas,
E muito depressa ainda.
VELHO Mesturadas mesandadas,
Que as fara bem guisadas
Vossa vinda.
O caso he: Sôbre meus dias,
Em tempo contra rezão,
Veio Amor sôbre tenção,
E fez de mi outro Mancias,
Tão penado,
Que de muito namorado
Creio que me culpareis
Porque tomei tal cuidado;
E do velho destampado
Zombareis.
BRAN. Mas antes, senhor, agora
Na velhice anda o amor;
O de idade d'amador
De ventura se namora;

E na côrte
Nenhum mancebo de sorte
Não ama como sohia.
Tudo vai em zombaria;
Nunca morrem desta morte
Nenhum dia.
E folgo ora de ver
Vossa mercê namorado;
Que o homem bem criado
Até morte o ha de ser
Por direito;
Não per modo contrafeito,
Mas firme, sem ir atraz,
Que a todo o homem perfeito
Mandou Deos no seu preceito:
Amarás.

VELHO Isso he o demo que eu brado,
Branca Gil, e não me val,
Que não daria hum real
Por homem desnamorado.
Porém, amiga,
Se nesta minha fadiga
Vós não sois medianeira,
Não sei que maneira siga,
Nem que faça nem que diga,
Nem que queira.

BRAN. Ando agora tão ditosa,
Louvores á Virgem Maria,
Que acabo mais do que qu'ria,
Pola minha vida e vossa.
D'antemão

Faço hũa esconjuração
C'hum dente de negra morta
Até que entre pola porta,
Que exhorta
Qualquer duro coração.
Dizede-me, quem he ella?
VELHO Vive junto co'a Sé.
BRAN. Ja, ja, ja; bem sei quem he.
He bonita como estrella,
Hũa rosinha d'Abril;
Hũa frescura de Maio,
Tão manhosa, tão subtil!
VELHO Acudi-me, Branca Gil,
Que desmaio.
(Esmorece o Velho, e a alcoviteira começa a ladainha seguinte:)
BRAN. Ó precioso Santo Arelhano,
Martyr bem-aventurado,
Tu que foste marteirado
Neste mundo cento e hum anno;
Ó San Garcia
Moniz, tu que hoje em dia
Fazes milagres dobrados,
Dá-lhe esfôrço e alegria,
Pois que es da companhia
Dos penados.
Ó apostolo San João Fogaça,
Tu que sabes a verdade,
Pola tua piedade
Que tanto mal não se faça.
Ó Senhor

Tristão da Cunha Confessor,
Ó martyr Simão de Sousa,
Polo vosso santo amor
Livrae o velho peccador
De tal cousa.
Ó Santo Martim Affonso
De Mello, tão namorado,
Dá remedio a este coitado,
E eu te direi hum responso
Com devação.
Eu prometto hũa oração,
Cada dia quatro mezes,
Porque lhe deis coração,
Meu Senhor San Dom João
De Menezes.
Ó martyr Santo Amador
Gonçalo da Silva, vós,
Vós que sois hum so dos sos
Porfioso em amador
Apressurado,
Chamae o martirizado
Dom João d'Eça a conselho,
Dous casados n'hum cuidado,
Soccorrei a este coitado
Deste velho.
Archanjo San Commendador
Mor d'Avis, mui inflammado,
Que antes que fosseis nado
Fostes sancto no amor.
E não fique
O precioso Dom Anrique

Outro Mar de Santiago;
Soccorrei-lhe muito a pique,
Antes que o demo repique
Com tal pago.
   Glorioso San Dom Martinho,
Apostolo e Evangelista,
Tomae este feito á revista,
Porque leva mao caminho,
E dae-lhe esprito.
Ó sancto Barão d'Alvito,
Seraphim do Deos Cupido,
Consolae o velho afflito;
Porque inda que contrito,
Vai perdido.
   Todos sanctos marteirados,
Soccorrei ao marteirado,
Que morre de namorado,
Pois morreis de namorados.
Polo livrar
As Virgens quero chamar,
Que lhe queirão soccorrer,
Ajudar e consolar,
Que está ja pera acabar
De morrer.
   O sancta Dona Maria
Anriques, tão preciosa,
Queirais-lhe ser piedosa
Por vossa sancta alegria.
E vossa vista,
Que todo o mundo conquista,
Esforce seu coração,

Porque á sua dor resista,
Por vossa graça e bemquista
Condição.
  Ó sancta Dona Joana
De Mendonça, tão formosa,
Preciosa e mui lustrosa,
Mui querida e mui oufana,
Dae-lhe vida,
Como outra sancta escolhida,
Que tenho em *voluntas mea*,
Seja de vós soccorrida,
Como de Deos foi ouvida
A Çananea.
  Ó sancta Dona Joana
Manoel, pois que podeis,
E sabeis e mereceis
Ser angelica e humana,
Soccorrê.
E vós, Senhora, por mercê
Ó sancta Dona Maria
De Calataúd, porque
Vossa perfeição lhe dê
Alegria.
  Sancta Dona Catherina
De Figueiredo a Real,
Por vossa graça especial,
Que os mais altos inclina;
E ajudará
Sancta Dona Beatriz de Sa:
Dae-lhe, Senhoras, confôrto,
Porque está seu corpo ja

Quasi morto.
Sancta Dona Beatriz
Da Silva, que sois aquella
Mais estrella que donzella,
Como todo o mundo diz;
E vós sentida
Sancta Dona Margarida
De Sousa, lhe soccorrê,
Se lhe puderdes dar vida;
Porque está ja de partida,
Sem porque.
Sancta Dona Violante
De Lima, de grande estim
Mui subida, muito acima
D'estimar nenhum galante
Peço-vos eu,
E a Dona Isabel d'Abreu,
Que hajais delle piedade
C'o siso que Deos vos deu,
Que não moura de sandeu
Em tal idade.
Ó sancta Dona Maria
D'Ataide, fresca rosa,
Nascida em hora ditosa,
Quando Jupiter se ria;
E se ajudar
Sancta Dona Anna, sem p
D'Eça, bem-aventurada,
Podei-lo resuscitar,
Que sua vida vejo estar
Desesperada.

Sanctas virgens conservadas
Em mui sancto e limpo estado,
Soccorrei ao namorado,
Que vós sejais namoradas.

VELHO Oh coitado!
Ai triste desatinado,
Ainda tórno a viver;
Cuidei que ja era livrado.

BRAN. Qu'esfôrço de namorado
E que prazer!
Havede ma ora aquella.

VELHO Que remedio me dais vós?

BRAN. Vivereis, prazendo a Deos,
E casar-vos-heis com ella.

VELHO He vento isso.

BRAN. Assi veja o paraiso,
Que não he ora tanto extremo.
Não curedes vós de riso,
Que se faz tão improviso
Como o demo:
E tambem d'outra maneira,
Se m'eu quizer trabalhar.

VELHO Ide-lhe, rogo-vo-lo, fallar,
E fazei com que me queira,
Que pereço;
E dizei-lhe que lhe peço
Se lembre que tal fiquei
Estimado em pouco preço:
E se tanto mal mereço
Não no sei.
E se tenho esta vontade,

Que não se deve enojar,
Mas antes muito folgar
Matar os de qualquer idade.
E se reclama
Que sendo tão linda dama
Por ser velho m'aborrece,
Dizei-lhe que mal desama,
Porque minh'alma, que a ama,
Não envelhece.

BRAN. Sus, nome de Jesu Christo,
Olhae-me pola cestinha.

VELHO Tornae logo muito asinha,
Que eu pagarei bem isto.

(Vai-se a alcoviteira e fica o Velho tangendo, e cantando a cantiga seguinte:)

« Pues tengo razon, señora,
« Razon es que me la oiga. »

(Vem a alcoviteira e diz o)

VELHO Venhais embora, minha amiga.

BRAN. J'ella fica de bom geito;
Mas pera isto andar direito,
He razão que vo-lo diga.
Eu ja, senhor meu, não posso
Vencer hũa moça tal
Sem gastardes bem do vosso.

VELHO Eu lhe peitarei em grosso.

BRAN. Hi está o feito nosso,
E não em al.
Perca-se toda a fazenda
Por salvardes vossa vida.

VELHO Seja ella disso servida,

Qu'escusada he mais contenda.

BRAN. Deos vos ajude
E vos dê muita saude,
Que isso haveis de fazer:
Que viola nem alaüde
Nem quantos amores pude
Não quer ver.
Remoçou-m'ella hum brial
De seda e huns toucados.

VELHO Eisaqui trinta cruzados;
Que lh'o fação mui real.

(Emquanto a alcoviteira vai, o Velho torna a proseguir seu cantar e tanger, e acabado torna ella.)

BRAN. Está tão saudosa de vós,
Que se perde a coitadinha:
Ha mister hũa vasquinha
E tres onças de retroz.

VELHO Tomae.

BRAN. A benção de vosso pae.
(Bô namorado he o tal)
Pois que gastais, descançae:
Namorados de ai ai
Não são papa nem são sal.
Hui! tal fôra se me fôra.
Sabeis vós que m'esquecia?
Hũa adela me vendia
Hum firmal d'hũa senhora
C'hum rubi,
Pera o collo, de marfi,
Lavrado de mil lavores,

Por cem cruzados.

VELHO Ei-los hi.

BRAN. Isto ma ora, isto si,
São amores.

(Vai-se, e o Velho torna a proseguir sua musica, e acabado torna a alcoviteira:)

BRAN. Dei ma ora hũa topada;
Trago as sapatas rompidas,
Destas vindas, destas idas,
E emfim não ganho nada.

VELHO Eisaqui
Dez cruzados pera ti.

BRAN. (Começo com boa estrea.)

(Vem hum Alcaide com quatro beleguins, e diz:)

ALC. Dona levantae-vos d'hi.

BRAN. E que me quereis vós assi?

ALC. Á cadeia.

VELHO Senhores homens de bem,
Escutem vossas senhorias.

ALC. Deixae essas cortezias.

BRAN. Não hei medo de ninguem: —
Vistes ora?

ALC. Levantae-vos d'hi, senhora;
Dae ó demo esse rezar;
Quem vos fez tão rezadora?

BRAN. Leixae-m'ora na ma ora
Aqui acabar.

ALC. Vinde da parte d'ElRei.

BRAN. Muita vida seja a sua.
Não me leveis pola rua;

Leixae-me vós qu'eu m'irei.

ALC. Sus, andar.

BRAN. Onde me quereis levar?
Ou quem me manda prender?
Nunca havedes d'acabar
De me prender e soltar?
Não ha poder.

ALC. Não se póde hi al fazer.

BRAN. Está ja a carocha aviada.
Tres vezes fui ja açoutada,
E emfim hei de viver.

(Levão-na presa e fica o Velho dizendo :)

VELHO Oh forte hora!
Ah sancta Maria Senhora!
Ja não posso livrar bem;
Cada passo se empeora.
Oh! triste quem se namora
De ninguem!

(Vem hũa Mocinha á horta e diz :)

MOÇA. Vêdes aqui o dinheiro:
Manda-me ca minha tia,
Que assi como n'outro dia,
Lhe mandeis a couve e o cheiro. —
Está pasmado!

VELHO Mas estou desatinado.

MOÇA. Estais doente, ou que haveis?

VELHO Ai! não sei, desconsolado,
Que nasci desventurado.

MOÇA. Não choreis;
Mais mal fadada vai aquella.

VELHO Quem?

MOÇA. Branca Gil.

VELHO Como?

MOÇA. Com cent'açoutes no lombo,
E hũa carocha por capella.
E ter mão;
Leva tão bom coração,
Como se fosse em folia.
Oh que grandes que lh'os dão!

VELHO E o triste do pregão
Porque dizia?

MOÇA. Por mui grande alcoviteira,
E pera sempre degradada.
Vai tão desavergonhada,
Como ia a feiticeira.
E quando estava
Hũa moça que casava
Na rua pera ir casar,
E a coitada que chegava,
A folia começava
De cantar:
Hũa moça tão fermosa,
Que vivia alli á Sé...

VELHO Oh coitado! a minha he.

MOÇA. Agora ma ora he vossa,
Vossa he a treva.
Mas ella o noivo a leva:
Vai tão leda e tão contente,
Huns cabellos como Eva.
Osadas que não se lhe atreve
Toda a gente.

O noivo, moço tão polido,
Não tirava os olhos della,
E ella delle. Oh que estrella!
He elle hum par bem 'scolhido.
Oh roubado,
Da vaidade enganado,
Da vida e da fazenda!
Oh velho, siso enleado,
Quem te metteo, desastrado,
Em tal contenda?

Se os jovenes amores,
Os mais tem fins desastradas,
Que farão as cans lançadas
No conto dos amadores!
Que sentias,
Triste velho, em fim dos dias,
Se a ti mesmo contempláras,
Souberas que não sabías,
E víras como não vias
E acertáras.

VELHO Quero-m'ir buscar a morte,
Pois que tanto mal busquei.
Quatro filhas que criei,
Eu as puz em pobre sorte.
Vou morrer,
Ellas hão de padecer,
Porque não lhes deixo nada
De quanta riqueza e haver
Fui sem rezão dispender
Mal gastada.

FARÇA

CHAMADA

AUTO DAS FADAS.

FIGURAS.

FEITICEIRA. — DIABO. — DOUS FRADES. — TRES FADAS.

Na farça seguinte se contém, que hũa feiticeira, temendo-se que a prendessem por usar de seu officio, se vai queixar a ElRei, mostrando-lhe per razões que pera isso lhe dá, quão necessarios são seus feitiços.

(Entrando a Feiticeira no paço, embaraçada de se ver nelle, começa dizendo:)

FEIT. Jesu, quem me trouxe ora ca?
Esta cabeça de vento,
Siso de cacaracá.
Eu não sei como lá va;
Tamanha vergonha sento.
E pois sam tão vergonhosa,
Encolhida e temerosa,
Que venho fazer ó Paço?
Porque eu mesma m'embaraço

De mimosa.
Ai que farei d'empachada!
Oh vergonhosa de mi,
Como vou abrasiada,
Amara, corrida e torvada!
Mas pressa me traz aqui,
Onde não vejo logar,
Emque homem queira mijar,
Nem ouso espirrar somente,
Por alguem não se soltar
Antre gente.
(Chega a ElRei e á Rainha, e diz:)
Senhores, embora estedes:
Com saude, com prazer
Muitos annos vós logredes.
Os ramos que florecedes,
Deos os queira engrandecer,
Assi como vós queredes.
(Ao Principe e Infantes.)
Oh que joias esmaltadas,
Oh que boninas dos ceos,
Oh que rosas perfumadas!
(Ás Damas.)
Jesu! que sanctas douradas!
Bom prazer veja eu de vós
E boas fadas.
Eu sam Genebra Pereira,
Que moro alli á Pedreira,
Vezinha de João de Tara,
Solteira, ja velha amara,
Sem marido e sem nobreza;

Fui criada em gentileza
Dentro nas tripas do Paço,
E por feitiços qu'eu faço,
Dizem que sam feiticeira.
  Porém Genebra Pereira
Nunca fez mal a ninguem;
Mas antes por querer bem
Ando nas encruzilhadas
Ás horas que as bem fadadas
Dormem somno repousado;
E eu estou com hum enforcado
Papeando-lhe á orelha:
Isto provará esta velha
Muito melhor do que o diz.
  Ora agora Estevão Dis
Diz que defendedes isto:
Hui! dou-vos a Jesu Christo;
Pera que era ora tirado
Quanto tenho exprimentado
E usado quarenta annos,
Estorvando muitos damnos
Per esconjuros provados,
Fazendo vir dez finados
Por saber hũa verdade?
  E havendo piedade
De mulheres mal casadas,
Pera as ver bem maridadas,
Ando pelos adros nua,
Sem companhia nenhũa.
Senão hum sino samão,
Mettido n'hum coração

De gato preto e não al.
Isto, Senhor, não he mal,
Pois he pera fazer bem.
Outro si, quando a mi vem
Namorado sem confôrto,
Desejando antes ser morto,
Que ter aquella paixão;
  Cavalgo no meu cabrão
E vou-me a Val de Cavallinhos,
E ando quebraudo os focinhos
Por aquellas oliveiras,
Chamando frades e freiras
Que morrêrão por amores.
Oh, se visseis os temores
Que passo nesta canceira,
Não temeria a Pereira
Tanto os corregedores.
  Sempre ando neste marteiro:
Vem-se a mi homem solteiro,
Que quer casar com Costança,
Sem nenhũa esperança,
Triste, morto de paixão.
Eu c'o sangue do Leão,
Mexido c'o rabo da Huja
E alli o fel da coruja,
Ei-lo mancebo aviado.
Vem hum frade excommungado,
Que o benza do quebranto;
Vou e faço-lhe outro tanto,
Assi, Senhor, veja eu prazer.
  Vem, a modo de dizer,

Gonçalo da Silva a mi,
E diz-me que he fóra de si
Pola Francisca da Guerra;
Queres que seja eu tão perra
Que o não encommende ó demo,
Que o livre do extremo
Em que he posto seu esprito?
E se vier Gaspar de Brito
Por Catherina Limão,
Não irei no meu cabrão
Enfeitiçar a limeira?
  E assi desta maneira
Se vier o Marichal
Por Guimar do Ataude
Buscar a minha saude,
He por fôrça pôr-me a risco.
E se me rogar Dom Francisco
Que lhe enfeitice a Benim,
S'eu não for muito ruim,
Mal lhe posso negar cousa.
E lá o Martim de Sousa,
Que morre pola Primentel,
Não lh' hei de ser infiel.
  Assi que as taes feitiçarias
São, Senhor, obras mui pias,
E não ha mais na verdade.
Saiba Vossa Magestade
Quem he Genebra Pereira,
Que sempre quiz sér solteira,
Por mais estado de graça.
Agora não sei que faça

Com este negro meirinho,
Rosto de San Sadorninho.
Hui amara! e que me quer?
Se Vossa Alteza quizer
Ver os feitiços qu'eu faço,
Aqui logo neste paço
Os veredes muito asinha.
E vós, Senhora Raínha,
Infantes e cortezãos,
Levantae ao ceo as mãos;
Esforçae; e não pasmedes
Das más cousas que veredes.
Esperade-me hum poucachinho;
Estade assi, manas, quedas.
Vou polo alguidarinho,
A candeia e o saquinho,
E veredes labaredas.
Se vos tremerem as pelles
D'espantos e de temores,
Hi estão vossos servidores,
Encostade-vos a elles
E cobride-vos d'amores.

(Traz a Feiticeira hum alguidar e hum saco preto, em que traz os feitiços, os quaes começa a fazer, dizendo:)

Alguidar, alguidar,
Que feito foste ao luar
Debaixo das sette estrellas,
Com cuspinhos de donzellas
Te mandei eu amassar:
O cuspinhos preciosos

De beiços tão preciosos
Dae ora prazer
A quem vos bem quer,
E dae boas fadas
Nas encruzilhadas.
  Este caminho vai pera lá,
Est'outro atravessa ca;
Vós no meio, alguidar,
Que aqui cruz não ha de estar.
  Embora esteis, encruzilhada.
Perequi entrou, pereli sahio.
Bem venhades, dona honrada.
Vai a estrada pola estrada.
Benta he a gata que pario
Gato negro, negro he o gato.
Bode negro anda no mato,
Negro he o corvo e negro he o pez,
Negro he o rei do enxadrez,
Negra he a vira do sapato,
Negro he o saco qu'eu desato.
  Isto he fersura de sapo,
Que está neste guardanapo.
Eis aqui mama de porca,
Barbas de bode furtado,
Fel de morto excommungado,
Seixinhos do pé da forca:
Bolo de trigo alqueivado
Com dous ratos no meu lar,
Per minha mão sameado,
Colhido, moïdo, amassado,
Nas costas do alguidar.

Achegade-vos a mim:
Que papades, meu ch'rubim?
Escumas de demoninhado.
Quem vo-las deu?
Dei-vo-las eu.
Fel de morto, meu confôrto,
Bolo cornudo, vós sabedes tudo,
Bico de pêgo, aza de morcego,
Bafo de drago, tudo vos trago.
Eu não juro nem esconjuro,
Mas gallo negro suro
Cantou no meu monturo.
E ditas as santas palavras,
Ei-lo Demo vai, ei-lo Demo vem
Co'as bragas dependuradas.

(Vem hum Diabo chamado da Feiticeira, o qual lhe falla em lingua picarda, desta maneira:)

DIABO O dame, jordene
Vu seae la bien trovee.
Tu es fause te humeyne,
Sou ye vous esposee.

FEIT. Que linguagem he essa tal?
Hui, e elle falla aravia!
Olhade o nabo de Turquia!
Fallade aramá Portugal.

DIABO Tu has fet bian de mal
Avec un frayre jacopim.

FEIT. Ma pezar vej'eu de ti:
Dize, ma trama te naça,
Que dizes que não t'entendo?

Fazes escarneo de mim?
Ora juro a Deos que he graça.
O demo que t'eu encommendo
Camanho tu hi estás.

DIABO Macarde de Limosim,
Tripiere de sancte Ovim.

FEIT. Dá ó demo esse latim,
Que não entendo o que he.

DIABO Tu nas oy tene vergonhe?

FEIT. Que fiz eu?

DIABO De tois lesães en aute sois.

FEIT. Vós me diredes depois
O que isso quer dizer.

DIABO Tu aspete de bem la mer.

FEIT. Hui! *pete* que póde ser?
Esta que linguagem he?

DIABO Tan santy xi noble entraprisu.

FEIT. Viste-lo demo em que vem?

DIABO E la ribalde norrem
E puis je sa venu.

FEIT. Pois pera que vieste tu,
Senão pera serviços meus?

DIABO Dime tos xem que tu veus,
Fame d'um vilhom cocu.

FEIT. Quem vio diabo Allemão?
Dize, rogo-te, bargante,
Mao quebranto te quebrante,
Não fallas d'outra feição?
Por vida de Genebra Pereira,
Velha, ladra, alcoviteira,
Que chame o nome de Jesu.

DIABO Eu, eu! que dile tu?
FEIT. Esconjuro-te, malino,
Membro da íra de Deos,
Polà terra e polos ceos
E por teu malvado sino,
Tu has-me de responder.
DIABO Oh que maldita mulher!
Que me queres, infernal?
FEIT. Quero-vos, mano, entender.
Minha rosa, vinde ea,
Meu quebranto, dae-me a fé
Que me não falleis por lá,
E adoro o rabo de boi.
DIABO Té toi, té toi.
Tumerum la caboxes.
FEIT. Falla aramá Portuguez:
Atéqui estou zombando;
Tu has d'ir onde t'eu mando.
DIABO Irei indaque me pez.
FEIT. Vae logo ás ilhas perdidas,
No mar das penas ouvinhas,
Traze tres fadas marinhas,
Que sejão mui escolhidas.
Parte logo, ora sus.
DIABO Tu as desata, que la pendus.
(Vai-se o Diabo e a Feiticeira torna aos feitiços, dizendo:)
FEIT. Que fazeis, reliquias minhas,
Nesta agua clara mettidas?
Havedes mister mexidas
C'o lixo das andorinhas.

(Vem o messageiro, e em logar das fadas que lhe a Feiticeira mandou trazer, traz-lhe dous Frades infernaes, hum delles tangendo hũa gaita, e o outro foi prégador; mas emquanto vivia foi muito namorado; o qual logo diz:)

1.º Fr. Qué gran tormento me diste
En traerme aqui mal punto!
Ita vere.

Diabo Que ouviste?

1.º Fr. Aqui nos hacen mas triste,
Que el infierno todo junto.

Diabo *Per quam regula* diremos?

1.º Fr. Porque muy cierto sabemos,
Quia dedit Deus potestatem
Á las damas que nos maten
Y nos que las adoremos.
Mas me lastima el dolor
Que tengo de estos señores,
Porque supe que es amor,
Que no el infernal ardor,
De los tormentos mayores.
Como basta sufrimiento
Al namorado tormento,
Si el amor es apurado,
Que no lo mata el cuidado
Y ahoga el pensamiento!
Esto es lo que yo sé
Y usé cuando vivia.
De esto tal os daré fe.
Esto es lo que estudié,
Esta era mi libraría.

Aquestas contemplaciones
Eran siempre mis liciones;
Y en esto gasté mis años,
Predicando con sermones
La grandeza de mis daños.
  Con lágrimas dolorosas,
Dentro de mi oratorio
Contemplando en las fermosas,
Al cabo de ciertas prosas
Decia este vitatorio:
Al santo templo de Amor,
Donde las almas perdemos,
Venid todos y adoremos.
  Venid de gana muy leda
Á la triste devocion,
Donde mata la pasion
Y siempre la vida queda
Para mas luenga prision:
Y pues tal perdicion
Por ganancia la tenemos,
Venid todos y adoremos.
  Adoramos y exalzamos
Á aquellas que nos mataron:
Opera manuum suarum
Son los suspiros que damos
In hac vita lachrymarum:
Á las que mal nos trataron,
Pues por diosas las tenemos,
Venid todos y adoremos.
  Prima, tercia, sexta y nona
Rezaba de aquesta suerte;

Porque siempre mi persona,
Desque echó de corona,
Fue de amores á la muerte.
Cantaba *Te Deum laudamus*
Con los ojos en Cupido,
Diciendo: á ti adoramos
Los que sin ventura estamos
Con tanto tiempo servido.

(Chegão onde está a Feiticeira, e ella vendo-os diz:)

FEIT. Mao sumiço e mao marteiro
Venha por tuas queixadas.
Eu mandei-te polas fadas,
E tu trazes-me um gaiteiro?
E estes frades a que vem?
DIABO Vus m'aves dixem.
FEIT. Assi vivas tu amen.,
DIABO E peme foi xiá.
FEIT. Venhas muitieramá
Com tuas balcarriadas:
Não te dixe eu a ti fadas?
DIABO Fradas?
FEIT. Fadas.
DIABO Frades.
FEIT. Ainda vós aporfiades?
1.º FR. Dadnos algo que hacer,
O nos enviad al infierno.
FEIT. Que has de fazer? dout'ó demo!
Eu não t'havia mister.
E lá que officio te dão
A ti e ó teu tangedor?

1.º Fr. Acá fui gran predicador,
Allá me hicieron tecelan.
Feit. Ora fazede hum sermão
Muito breve a estas senhoras:
Alto, logo nessas horas,
Tomae o thema, dom ladrão.

1.º Frade.

Thema.

Amor vincit omnia.

Loco et capitulo: *Jam per elegat*

Discretas, ilustres señoras hermosas,
En cuyo servicio es justo el morir,
La verba del tema quiere decir,
El amor vence á todas las cosas.
Oh qué palabras tan maravillosas!
Oh qué palabras de tanto saber!
Escriviólas el gran poeta Virgilio;
Guardaldas, señoras, que es muy grande aliv
Á quien del amor se siente vencer.
Porque son palabras de tanto misterio,
Que ciega ó alumbra la humana razon.
Despida la vida cualquier corazon,
Pues que vos teneis sobre amor imperio.
En muchos lugares lo escrive Valerio
Que vuestro poderío no es humanal,
Mas una gran fuerza sobrenatural,
Que fuerza las fuerzas de nuestro hemisferio.

(Assoa-se com o seu guardanapo.)

Haced ora allá esos niños callar. —
Amor vincit omnia, humanas prudentes,
El cual amor viene por tres accidentes,

n vuestras mercedes seren de culpar.
el uno es causa vuestro mirar,
la hermosura que mira con vos;
l otro, la gracia, cuitados de nos!
ue todas las cosas veneís á matar.
El otro accidente que mas atormenta,
osas del mundo, y mas de sentir,
on los engaños del dulce decir,
on ciertos desvíos en cabo de cuenta.
h causadoras de tanta tormenta,
ubes muy claras lloviendo suspiros
obre los tristes que para serviros
o dudan la muerte ni temen afrenta!
Anda el discreto y noble persona
onçalo da Silva por la Anriques tal,
onçalo da Silva mordiendo la tierra,
orque ansí lo ciega contino la guerra,
omo si él fuese rocin de atahona.
or eso está cara esta vuestra Lisbona,
orque, señoras, pecais mortalmente:
onverticre ad Dominum, que matais la gente
on dulces mencos, y el hecho en Pamplona.
Anda el cuitado tan puesto en el hilo
l Calataud por la Anriquez tal,
ue dicen por él: Oh cirio pascual,
ue ya fuiste cera y ahora es pavilo;
h graciosas riberas del Nilo,
Pietate vestra super omnes gentes;
ejad los crueles inconvenientes,
ue aunque grosero, delgado lo hilo.
No quiero olvidar Don Luis de Menezes,

Á que Doña-Leonor de Castro tien muerto,
Que parece barco que vino del Puerto
Sin mantenimiento tres ó cuatro meses.
Dejad esas mañas de vuesos reveses,
Señoras, *ne perdas animam vivam*,
Pues de sus ganas por vos se cautivan,
Ut non desolctur, que son Portugueses.
Oh Christovão Freire, leal caballero,
Que á Dona Ginebra tomó por su Dios,
Que parece galgo de Puerto de Mos
Chupado de estrías por eso terrero.
Y otras señoras que nombrar no quiero,
Quia non debemus de plaza decir,
Que sufren las llagas del triste encubrir,
Las cuales padecen tormento mas fiero.
Pues, porqué, señoras, no os confesais,
Que haceis á los vivos morir por serviros?
Haceis á los muertos allá dar suspiros,
Porque no estan acá donde estais.
Amor vincit omnia, y vos lo causais,
Orbis terrarum et semitas maris.
O Diosas hermosas juzgadas por Paris,
Adonde se escriven las vidas que dais?
Plega al Señor Juan de Saldaña,
Que tiene las llaves de vuestro paraiso,
Que Dios le dé gracia, que salgan de siso
Las llaves, ó vos, ó él, ó su caña.
No es tiempo ahora de mas predicar:
El que quisiere oir mi sermon
Vaya al Infierno con gran devocion,
Y de esta manera se puede salvar.

Las cosas que os suelen ser encomendadas,
Os encomiendo, conviene á saber:
Todo el mal que pudierdes hacer,
Haceldo, Señoras, que hayais buenas hadas.

FEITICEIRA.

Ora sus, ma criatura,
I-me logo polas fadas
Marinhas, bem assombradas,
E tornae essa amargura. —
Donde vindes? D'Almolina.
Que trazedes? Farinha.
Tornae lá, que não he minha. —
Olhade a gente honrada
Que me trazia o ladrão!
Hum que foi amancebado,
Alcoviteiro provado,
E hum frade rafião.
Sabeis quão mal me parecem
Pessoas de mao viver?
Mais câ moscas m'aborrecem,
Não nas posso ouvir nem ver.

(Tira humas contas.)

Praza á conjunção carnal
De Frei Gabriel com Marta,
Sua filha espritual,
Que me venha este enxoval,
Que ja d'esperar sam farta,
E traga as fadas asinha.
Ó Senhora Ladainha,
Ajudade-m'ora vós.
Cabra preta vai por vinha,

Vai por vinha mana minha,
Te rogamus audi nos.
Quando fordes á igreja,
Não vos esqueça a soberba.
Tomad'ora meu conselho.
Ó açoutes do concelho,
Que estreárão meus avós,
Te rogamus audi nos.
Ladainha da Pereira,
Escripta em pelle de rata,
Tinta de pingo de pata,
Assada per mão de mógueira.
Ó picota da Ribeira,
Que estreárão meus avós,
Te rogamus audi nos.

(Vem as Fadas marinhas cantando a cantiga seguinte:)

FADAS «Qual de nós vem mais cansada
«Nesta cansada jornada?
«Qual de nós vem mais cansada?»

FEIT. Pitas, pitas, pitas, pitas,
Patelas, patelas, patelas.
Bem venhais, minhas donzellas,
Linguadas frescas fritas.

DIABO Ó fauxe buxiere malvada,
Vaxites a buxions.

FEIT. Ja tu tornas esses tons,
Tartaranha excommungada?

DIABO Mi gene mimie mi.

FEIT. Cal'-te, eramá pera ti,
E leixa-m'a mim fallar.

(Diz ás Fadas.)

Como vos vai nesse mar
Tão profundo e espaçoso?

(Respondem as Sereas cantando.)

« Nosso mar he fortunoso,
« Nosso viver lacrimoso,
« E o chegar rigoroso
« Ao cabo desta jornada:
« Qual de nós vem mais cansada
« Nesta cansada jornada? »

FEIT. Não podedes vós fallar,
Que respondedes cantando?

FADAS « Nós partimos caminhando
« Com lagrimas suspirando,
« Sem saber como nem quando
« Fará fim nossa jornada.
« Qual de nós vem mais cansada
« Nesta cansada jornada? »

DIABO Melior cante le quien
Y le hoyssos de villé.

FEIT. Cal'te, corvo de Noé,
Que não sabes que cousa he
Cantar mal nem cantar bem.
Minhas flores da ribeira,
Descanço desta alma minha,
Rainhas da vida marinha,
Honrade ora esta romeira,
Fadae de linda maneira
Este estrado de bôs fados,
Que Deos lh'os dara dobrados.
Praza a elle que assim virá.

(Fadão as Fadas a elRei e á Rainha, cada hũa por sua vez.)

1.ª FADA.

Os fados que derão ser ás estrellas,
Quando a terra estava vazia,
Fação caminhos a vossa alegria,
Por onde vos venha tão cara com'ellas.
E aquelles fados
Que pera dar dita são determinados,
Vos tragão as vossas das mais escolhidas,
E os instrumentos que alongão as vidas
Vos veja dobrados.
Os fados que derão orvalhos ás rosas
Visitem as flores do vosso estrado,
E todo o cuidar de triste cuidado
Não hajão logar nas Altezas vossas.
E aquellas fadas
Que tem as ribeiras de verde pintadas,
Vos pintem as vidas d'alegre pintura,
E as altas sortes que parte Ventura
Vos sejão guardadas.

2.ª FADA.

As cousas que fazem a terra parir
Lirios alvos e veas divinas,
Cerquem os quadros de vossas cortinas,
E sempre victoria vos faça dormir.
E a fada primeira
Que fez a Fortuna geral dispenseira,
E fez nossos mares e ceos por medida,
Vos faça gosar o gôso da vida
De nova maneira.

3.ª FADA.

As novas que temos nas ondas do mar
São que na terra ha pouca verdade;
E pois de verdades ha ma novidade,
Por novidades as haveis de tomar.
Ora he pera ver:
Tome Vossa Alteza qualquer que quizer,
Que todo he verdade as sortes que são,
Tomae desses sete planetas que hi vão
A que vos vier.

(Aqui derão as sortes primeiramente a elRei.)

Jupiter.

Este planeta escolhido
Escolheo, porque he profundo,
O mais alto bem do mundo.

Sol. (Á Rainha.)

Muitos bens deu Deos na terra,
Porém se este não viera,
Nunca nos amanhecêra.

Cupido. (Ao Principe.)

Este Deos he muito amado
E adorado,
Porque tem dominação
Sôbre toda a creação.

Lũa. (Á Iffante D. Isabel.)

Esta Senhora Diana
Tem do Ceo sua feitura
E do sol a fermosura.

Venus. (Á Iffante D. Beatriz.)

A este planeta so

4

Olhão todas as estrellas,
Porque he mais clara que ellas.

(Daqui adiante se seguem as sortes ventureiras dos galantes per animaes.)

Camelo.

Este alegres novas traz
E leva tristes de si
Cada vez que vai daqui.

Marta.

Aqueste animal he forro,
Mostra-se de fóra liso,
Mas de dentro não he isso.

Sagitario.

Este tem dous corações
Lastimados d'hum pezar
Que nunca s'ha d'acabar.

Arminho.

Este animal he prezado
De todo o mundo em geral,
E aqui fazem-lhe mal.

Cabra.

Este animal se apacenta
Na mais aspera verdura,
Por exprimentar ventura.

Furão.

Este ha mister açamado,
Porque he tão orgulhoso,
Que passa de querençoso.

Podengo.

Este animal alevanta
A caça, porque a cata;

Porém sempre outrem a mata.

Rato.

Este bonito animal
Não sei que faz o coitado,
Que sempre anda homesiado.

Cágado.

Quem tiver este animal
Não he muito que o leixe,
Pois não he carne nem peixe.

Camaleão.

Tem este fraco animal
Tão estranho alimento,
Que não se farta de vento.

Lobo.

Este morre com razão,
Porque tal contrairo tem,
Que emprega a morte bem.

Ouriço cacheiro.

Este animal enganado
Cuida que anda escondido
E elle he mais conhecido
Rebuçado.

Porco montez.

Este animal se recolhe
Ás matas mais escondidas,
E lá lhe vão dar feridas.

Veado.

Este mui bravo animal
Em guardar-se tinha o tento,
Mas amor furtou-lhe o vento,

Corço.

Os saltos deste galante
Não o poderão salvar
D'hum mal que tem de passar.

Carneiro.

Este se hum amor o cobre,
D'hi a pouco se trosquia,
E logo outro novo cria.

Porco-espim.

Destes ha poucos na terra;
Deve ser mui estimado
Da fortuna, e namorado
Sem ter guerra.

Usso.

Este animal tem ventura
E dita, porque he sóffrido;
Ca soffrer he gran partido
Se atura.

Lontra.

Este nunca se contenta,
Nem contente se verá,
Porque quer o que hi não ha.

Gato.

Este animal he caseiro,
E não quer bem a Cupido:
Tem amor a ser marido
Com dinheiro.

Leão.

Este mui forte animal
Nunca sabe que he temor,
Mas teme-se do amor

E não d'al.

Olicornio.

Esta rez he mui esquiva;
Caça-se c'hũa donzella,
E não per outra cautela
Se cativa.

Dromedario.

Este traz grandes carretos
E requere seu proveito,
Porém não pede direito,

Cavallo.

Este animal furioso
Se namora sem concêrto,
Pois não ama em logar certo.

Galgo.

Este animal delicado
Não sei porque cansa a vida
Tras quem tem certa guarida.

Lebrel.

Este tem em pouco a vida,
E he bem que a dê barata,
Pois quer ferir a quem mata.

Bugio.

Este animal comprehende
Quanto se póde cuidar;
Porém o seu não fallar
Encobre e soffre o qu'entende.

Touro.

Este, não sendo culpado.
He ferido,
E quanto mais, mais ardido.

Coelho.

Este cativo animal
He tão vivo namorado,
Que ha de morrer a cajado..

Raposo.

Deste se devem guardar,
Que se finge manco e torto,
E ás vezes se faz morto,
Por caçar.

Alifante.

Aqueste so animal
Tem veias no coração,
Onde lagrimas estão.

Onça.

Este ligeiro animal,
Se de tres saltos não caça,
Improviso leixa a caça,

Azemula.

A vida deste animal
He de noite em meijoada
E pela manhan palhada.

Sendeiro gallego.

Este he bom servidor;
Parece mui bem sellado,
Mas melhor he albardado.

Rafeiro.

Este he falso e fagueiro,
Sorrateiro;
Quando virdes este cão,
Levae sempre hum pao na mão.

Doninha.

Este não he bem furão
Nem gineta nem esquio:
He hum bichinho vadio.

(Sortes das Damas per aves.)

Falcão.

Ésta ave tem crueldade
Sem piedade;
E quem na quizer tomar
Tem muito que suspirar.

Garça.

Esta ave he temerosa
E fermosa,
E não se toma por manha
Nem cahe senão por façanha.

Melroa.

Esta ave he namorada
Declarada
E faz seu ninho de praça,
E tudo com muita graça.

Rousinol.

Esta ave tem seus amores
Co'as flores
Dous mezes, só mais, no anno;
Porém ama sem engano.

Aguia.

Esta vence o sol co'a vista,
E cega toda relé
Que com ella tem mais fé.

Gavião.

Esta ave he mui ligeira

E lisongeira;
Desama logo por nada:
He fermosa e alterada
Em gran maneira,

Estorninho.

Esta ave he de condição,
Que se põe em grande altura,
E confia na ventura
Com razão,

Pomba.

Esta ave parece sancta,
Porque he dissimulada,
Mas no certo he refalsada.

Rôla.

Esta deseja casar,
Mas quer bem tão escolhido,
Que temo que ha de ficar
Sem marido.

Pavão.

Esta ave ha tão namorada
Da fermosura que tem,
Que sei certo que a ninguem
Tem em nada.

Fenix.

Esta parceira não tem,
Se faz vida em forte mata,
E não na mata ninguem,
Ella se mata.

Cirne.

Esta ave segue hum extremo,
Que canta contra a razão,

Quando mata o coração.

Pêga.

Esta ave nunca socega,
He galante e muito oufana;
Mas a hora que não engana
Não he pêga.

Adem.

Esta se tem por real;
He tão brava e tão esquiva,
Que não quer ver cousa viva.

Alvela.

Esta avesinha fermosa
Faz que aguarda,
Mas, pardeos, mui bem se guarda.

Francelho.

Esta ave sempre peneira
E nunca deita farinha:
Tal sois vós, senhora minha.

Andorinha.

Esta ave bem assombrada
He confiada:
Seus amores vão e vem,
Nenhũa certeza tem.

Calhandra.

Esta nunca tem tristeza;
Sobe-se no ar cada hora,
E canta porque outrem chora.

Oja.

Esta ave segue hum temor;
Traz a relé assombrada,
Porque cada hora he mudada.

Gaivota.

Esta so ave s'enfuna
Na fortuna;
Não teme mar nem tormenta,
Nasceo fôrra e vive isenta.

Perdiz,

Esta ave muito prezada
He avisada;
E se a enganar alguem,
Juro a Deos que caça bem.

Grou.

Esta ave sempre vigia,
Nunca dorme assocegada,
Porque sonha noite e dia
Em ser casada.

Minhoto.

Esta ave diz-nos que vio,
Mas não póde ver mais bem
Que a dama que ora o tem.

E acabadas de dar assi estas sortes, se forão todos com sua musica, e se acabou a dita farça.

FARÇA DE INEZ PEREIRA.

FIGURAS.

INEZ PEREIRA. — MÃE DE INEZ PEREIRA. — LEONOR VAZ. — PERO MARQUES. — LATÃO, VIDAL, *Judeos casamenteiros.* — ESCUDEIRO. — MOÇO DO ESCUDEIRO. — LUZIA. — FERNANDO. — ERMITÃO.

A seguinte farça de folgar foi representada ao muito alto e mui poderoso Rei D. João o terceiro do nome em Portugal, no seu Convento de Thomar, era do Senhor 1523. *O seu argumento he que, porquanto duvidavão certos homens de bom saber, se o Autor fazia de si mesmo estas obras, ou se as furtava de outros autores, lhe derão este thema sôbre que fizesse: s. hum exemplo commum que dizem:* Mais quero asno que me leve, que cavallo que me derrube. *E sôbre este motivo se fez esta farça.*

(Finge-se que Inez Pereira, filha de hũa mulher de baixa sorte, muito fantasiosa, está lavrando em casa, e sua mãe he a ouvir missa, e ella diz:).

INEZ. Renego deste lavrar
E do primeiro que o usou;

Ó diabo qu'eu o dou,
Que tão mao he de aturar.
Oh Jesu! que enfadamento,
E que raiva e que tormento,
Que cegueira e que canceira!
Eu hei de buscar maneira
D'algum outro aviamento.
  Coitada, assi hei de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem aza,
Que sempre está n'um lugar?
E assi hão de ser lograrlos
Dous dias amargurados
Que eu posso durar viva?
E assi hei d'estar captiva
Em poder de desfiados?
  Commendo-me eu logo ó Demo
S'eu mais lavro nem pontada;
Ja tenho a vida cansada
De jazer sempre d'hum cabo.
Todas folgão, e eu não,
Todas vem e todas vão
Onde querem, senão eu.
Hui! e que peccado he o meu,
Ou que dor de coração?
  Esta vida he mais que morta.
Sam eu coruja ou corujo,
Ou sam algum caramujo,
Que não sae senão á porta?
E quando me dão algum dia
Licença, como a bugia,

Que possa estar á janella,
He ja mais que a Madanella,
Quando achou a alleluïa.

(Vem a Mãe, e diz:)

MÃE. Logo eu adivinhei
Lá na missa onde eu estava,
Como a minha Inez lavrava
A tarefa que lh'eu dei.
Acaba esse travesseiro.
E naceo-te algum unheiro;
Ou cuidas que he dia sancto?

INEZ. Praza a Deos que algum quebranto
Me tire do captiveiro.

MÃE. Toda tu estás aquella!
Chórão-te os filhos por pão?

INEZ. Prouvesse a Deos; que ja he razão
De eu não estar tão singela.

MÃE. Olhade alli o mao pezar!
Como queres tu casar
Com fama de preguiçosa?

INEZ. Mas eu, mãe, sam aguçosa,
E vos dae-vos de vagar.

MÃE. Ora espera assi, vejamos.

INEZ. Quem ja visse esse prazer.

MÃE. Cal'-te que poderá ser,
Qu'ante a pascoa vem os Ramos.
Não t'apresses tu, Inez,
Maior he o anno que o mez.
Quando te não precatares
Virão maridos a pares,
E filhos de tres em tres.

INEZ. Quero-m'ora alevantar;
Folgo mais de fallar nisso,
Assi me dê Deos o paraiso,
Mil vezes que não lavrar:
Isto não sei que me faz.
MÃE. Aqui vem Lianor Vaz.
INEZ. E ella vem-se benzendo.
(Entra Leonor Vaz.)
LEON. Jesu a que m'eu encommendo,
Quanta cousa que se faz!
MÃE. Lianor Vaz, que foi isso?
LEON. Venho eu, mana, amarella?
MÃE. Mais ruiva que hũa panella.
LEON. Não sei como tenho siso.
Jesu! Jesu! que farei?
Não sei se me va a ElRei,
Se me va ao Cardial.
MÃE. Como! e tamanho he o mal?
LEON. Tamanho? eu t'o direi.
Vinha agora pereli
Ó redor da minha vinha,
E hum clerigo, mana minha,
Pardeos, lançou mão de mi;
Não me podia valer,
Diz que havia de saber
Se era femea, se macho.
MÃE. Hui! sería algum muchacho,
Que brincava por prazer.
LEON. Si, mochaço sobejava.
Era hum zote tamanhouço!
Eu andava no retouço,

Tão rouca que não fallava,
Quando o vi pegar comigo,
Que m'achei naquelle p'rigo,
Assolverei, não assolverás —
— Jesus! homem, qu'has comtigo?
  — Irman, eu te assolverei
C'o breviairo de Braga.
— Que breviairo, ou que praga?
Que não quero: aqui d'elRei! —
Quando vio revolta a voda,
Foi e esfarrapou-me toda
O cabeção da camiza.

MÃE. Assi me fez dessa guisa
Outro, no tempo da poda.
  Eu cuidei que era jôgo,
E elle... dae-o vós ao fogo!
Tomou-me tamanho riso,
Riso em todo meu siso,
E elle leixou-me logo.

LEON. Si, agora, eramá,
Tambem eu me ria ca
Das cousas que me dizia:
Chamava-me luz do dia:
Nunca teu ôlho verá.
  Se estivera de maneira
Sem ser rouca, bradár'eu;
Mas logo m'o demo deu
Catarrão e peitogueira,
Cocegas e cór de rir,
E coxa pera fugir,
E fraca pera vencer:

Porém pude-me valer
Sem me ninguem acudir.
O demo (e não póde al ser)
Se chantou no corpo delle.

MÃE. Mana, conhecia-te elle?

LEON. Mas queria-me conhecer.

MÃE. Vistes vós tamanho mal!

LEON. Eu m'irei ao Cardial,
E far-lh'hei assi mesura,
E contar-lhe-hei a aventura
Que achei no meu olival.

MÃE. Não estás tu arranhada
De te carpir nas queixadas?

LEON. Eu tenho as unhas cortadas,
E mais estou trosquiada:
E mais pera que era isso?
E mais pera que he o siso?
E mais no meio da requesta
Veio hum homem de hũa besta,
Que em vê-lo vi o p'raiso.
E soltou-me, porque vinha
Bem contra sua vontade.
Porém, a fallar a verdade,
Ja eu andava cansadinha,
Não me valia rogar,
Nem me valia chamar
Áque de Vasco de Foes,
Acudi-me como soes!
E elle senão pegar.
—Mais mansa, Lianor Vaz,
Assi Deos te faça sancta.

— Trama te dê na garganta!
Como! isto assi se faz?
— Isto não releva nada.
— Tu não ves que sou casada?
MÃE. Deras-lhe ma ora boa
E mordêra-lo na c'roa.
LEON. Assi fôra excommungada.
Não lhe dera hum empuxão,
Porque sou tão maviosa,
Que he cousa maravilhosa;
E esta he a concrusão.
Leixemos isto. Eu venho
Com grande amor que vos tenho,
Porque diz o exemplo antigo
Que a amiga e o amigo
Mais aquenta que bom lenho.
Inez Pereira he concertade
Pera casar com alguem?
MÃE. Atégora com ninguem
Não he ella embaraçada.
LEON. Eu vos trago um casamento,
Em nome do Anjo bento:
Filha, não sei se vos praz.
INEZ. E quando, Lianor Vaz?
LEON. Eu vos trago aviamento.
INEZ. Porém não hei de casar
Senão com home'avisado:
Ainda que pobre pellado,
Seja discreto em fallar.
LEON. Eu vos trago hum bom marido,
Rico, honrado, conhecido:

Logo em chegando aqui,
Pera me fartar de rir.

MÃE. Touca-te, se ea vier,
Pois que pera casar anda.

INEZ. Essa he boa demanda!
Ceremonias ha mister
Homem que tal carta manda?
Eu o estou cá pintando:
Sabeis, mãe, que eu adivinho?
Deve ser hum villãosinho.....
Ei-lo se vem penteando:
Sera com algum ancinho?

(Vem Pero Marques e diz:)

PERO. Homem que vai donde eu vou
Não se deve de correr;
Ria embora quem quiser,
Que eu em meu siso estou.
Não sei onde mora aqui:
Olhae que m'esquece a mi!
Eu creio que nesta rua,
E esta parteira he sua:
Ja conheço que he aqui.

(Chega a casa de Ines Pereira.)

Digo que esteis muito embora.
Folguei ora de vir ca.
Eu vos escrevi de lá
Hũa cartinha, senhora:
E assi que de maneira...

MÃE. Tomae aquella cadeira.

PERO. E que vale aqui hũa destas?

INEZ. (Oh Jesu! que Jam das bestas!

Olhae aquella canseira.)

(Assentou-se com as costas para ellas, e diz:)

Pero. Eu cuido que não 'stou bem.

Mãe. Como vos chamais, amigo?

Pero. Eu Pero Marques me digo,
Como meu pae que Deos tem.
Falleceo (perdoe-lhe Deos,
Que fôra bem escusado)
E ficamos dous heroes,
Porém meu he o morgado.

Mãe. De morgado he vosso estado?
Isso viria dos ceos.

Pero. Mais gado tenho eu ja quanto,
E o maior de todo o gado,
Digo maior algum tanto.
E desejo ser casado,
Prouguesse ao Spirito Sancto,
Com Inez; que eu me espanto
Quem me fez seu namorado.
Parece moça de bem,
E eu de bem er tambem.
Ora vós er ide vendo
Se lhe vem melhor alguem,
A segundo o qu'eu entendo.
Cuido que lhe trago aqui
Peras da minha pereira:
Hão de estar na derradeira.
Tende ora, Inez per hi.

Inez. E isso hei de ter na mão?

Pero. Deitae as peas no chão.

Inez. As perlas pera enfiar,

Tres chocalhos e hum novelo,
E as peas no capello: —
E as peras onde estão?

Pero. Nunca tal m'acconteceo:
Algum rapaz m'as comeo;
Que as metti no capello,
E ficou aqui o novelo,
E o pentem não se perdeo:
Pois trazi'-as de boamente.

Inez. Fresco vinha ahi o presente
Com folhinas borrifadas.

Pero. Não qu'ellas vinhão chentadas
Ca em fundo no mais quente.
Vossa mãe foi-se? Ora bem,
Sos nos leixou ella assi?
Cant'eu quero-m'ir daqui,
Não diga algum demo alguem....

Inez. Vós que m'havieis de fazer,
Nem ninguem que ha de dizer?
O gallante despejado!

Pero. Se eu fôra ja casado,
D'outra arte havia de ser,
Como homem de bom peccado.

Inez. Quão desviado este está! *(Aparte.)*
Todos andão por caçar
Suas damas sem casar,
E este, tomade-o lá!

Pero. Vossa mãe he lá no muro?

Inez. Minha mãe e vós seguro
Que ella venha ca dormir.

Pero. Pois, senhora, eu quero-me ir

Antes que venha o escuro.

INEZ. E não curcis mais de vir.

PERO. Virá ca Lianor Vaz,
Veremos que lhe dizeis.

INEZ. Homem, não aporficis,
Que não quero, nem me praz
Ide casar a Cascaes.

PERO. Não vos anojarei mais,
Aindaque saiba estalar;
E prometto não casar
Até que vós não queirais.
Estas vos são ellas a vós;
Anda home a gastar calçado,
E quando cuida que he aviado,
Escarnefuchão de vós.
Creio que lá fica a pea:
Pardeos! bô ia eu á aldea. —
Senhora, ca fica o fato.

INEZ. Olhae se o levou o gato,

PERO. Inda não tendes candea?
Ponho per cajo que alguem
Vem como eu vim agora,
E vós a escuras a tal hora:
Parece-vos que sera bem?
Ficae-vos ora com Deos:
Cerrae a porta sôbre vós
Com vossa candeiasinha;
E siquaes sereis vós minha,
Entonces veremos nós. *(Vai-se.)*

INEZ. Pessoa conheço eu
Que levára outro caminho.

Casae lá c'hum villãosinho,
Mais covarde que hum judeu!
Se fôra outro homem agora,
E me topára a tal hora,
Estando comigo ás escuras,
Dissera-me mil doçuras,
Ainda que mais não fôra.

MÃE. Pero Marques foi-se ja?

INEZ. E pera que era elle aqui?

MÃE. E não t'agrada elle a ti?

INEZ. Va-se muitieramá;
Que sempre disse e direi,
Mãe, eu me não casarei
Senão com homem discreto,
E assi vo-lo prometto,
Ou antes o leixarei.
Que seja homem mal feito,
Feio, pobre, sem feição,
Como tiver descrição,
Não lhe quero mais proveito.
E saiba tanger viola,
E coma eu pão e cebola.
Siquer hũa cantiguinha,
Discreto, feito em farinha,
Porque isto me degola.

MÃE. Sempre tu has de bailar,
E sempre elle ha de tanger?
Se não tiveres que comer,
O tanger te ha de fartar?

INEZ. Cada louco com sua teima.
Com hũa borda de boleima,

E hũa vez d'agua fria,
Não quero mais cada dia.

MÃE. Como ás vezes isso queima!
E qu'he d'esses escudeiros?

INEZ. Eu fallei hontem alli,
Que passárão por aqui
Os Judeos casamenteiros,
E hão de vir agora aqui.

(Vem os Judeos casamenteiros, Latão e Vidal, e diz)

LATÃO Ou de ca.

INEZ. Quem 'stá lá?

VIDAL Nome del Deo aqui somos.

LATÃO Não sabeis quão longe fomos.

VIDAL Corremos a ieramá.
Este e eu.

LATÃO Eu e este,
Pela lama e pelo pó,
Que era pera haver dó,
Com chuiva, sol e noroeste.
Foi a coisa de maneira,
Tal friura e tal canceira,
Que trago as tripas maçadas:
Assi me fadem boas fadas
Que me saltou caganeira —
Pera vossa mercê ver
O que nos encommendou.

LATÃO O que nos encommendou
Sera o que hoiver de ser.
Todo este mundo he fadiga.
Vós dixestes, filha amiga,

Que vos buscassemos logo....
VIDAL E logo pujemos fogo.
LATÃO Cal'-te.
VIDAL Não queres que diga?
Não fui eu tambem comtigo?
Tu e eu não somos eu,
Tu judeu e eu judeu?
Não somos massa d'hum trigo?
LATÃO Leixae-me fallar.
VIDAL Ja calo.
Senhora, fomos.... Agora fallo,
Ou fallas tu?
LATÃO Dize, que dizias?
Que foste, que fomos, que ias
Buscá-lo, esgravatá-lo.
VIDAL Vós quereis, Amor, marido
Mui discreto, e de viola?
LATÃO Esta moça não he tola,
Que quer casar por sentido.
VIDAL Judeu, queres-me leixar?
LATÃO Leixo, não quero fallar.
VIDAL Buscamo-lo....
LATÃO Demo foi logo,
Crede que o vosso rôgo
Vencerá o Tejo e o mar.
Eu cuido que fallo e calo:
Fallo eu agora ou não?
Eu fallo se vem á mão;
Não digas que não te fallo.
INEZ. Não fallará hum de vós?
Ja queria saber isso.

MÃE. Que siso, Inez, que siso
Tens debaixo desses veos!

INEZ. Diz o exemplo da velha,
O que não haveis de comer
Leixae-o a outrem mexer.

MÃE. Mao conselho te aconselha.

INEZ. Judeos, que novas trazeis?

VIDAL O marido que quereis
De viola e dessa sorte
Não no ha senão na côrte,
Que ca não no achareis.
Fallamos a Badajoz,
Musico, discreto, solteiro;
Este fôra o verdadeiro,
Mas soltou-se-nos da noz.
Fomos a Vilha Castim,
E fallou-nos em latim:
Vinde ca daqui a hum'hora,
E trazei-m'essa senhora.

INEZ. Assi que he tudo nada em fim?

VIDAL Esperae, aguardae ora.
Soubemos d'hum escudeiro
De feição d'atafoneiro,
Que virá logo essora,
Que falla, e como ora falla
Qu'estrugirá esta sala,
E tange, e como ora tange
E alcança quanto abrange,
E se preza bem de gala.

(Vem o Escudeiro com seu Moço e diz:)

ESCUD. Se esta senhora he tal

Como os Judeos nos gabárão,
Certo os anjos a pintárão,
E não póde ser hi al.
Diz que os olhos com que via
Forão de Sancta Luzia,
E cabellos de Madanella.
Se fosse moça tão bella,
Como donzella sería?
Moça de villa sera ella
Com sinalzinho postiço,
E sarnosa no toutiço,
Como burra de Castella.
E assi como chegar,
Cumpre-me bem d'attentar
Se he garrida, se he honesta,
Porque o melhor da festa
He achar siso e calar.

MÃE. Se este Escudeiro ha de vir,
E he homem de descrição,
Has-te de pôr em feição
De fallar pouco e não rir.
E mais, Inez, não muito olhar,
E muito chão o menear,
Porque te julguem por muda;
Porque a moça sisuda
He hũa perla para amar.

ESC. Olha ca, Fernando, eu vou
Ver a com qu'hei de casar:
Avisa-te, que has de estar
Sem barrete onde eu estou.

MOÇO. Como a Rei! Corpo de mi,

Mui bem vai isso assi.
Esc. E se cuspir pela ventura,
Põe-lhe o pe e faz mesura.
Moço. Ainda eu isso não vi.
Esc. E se me vires mentir,
Gabando-me de privado,
Está tu dissimulado,
Ou sae-te pera fóra a rir.
Isto t'aviso daqui,
Faze-o por amor de mi.
Moço. Porém, senhor, digo eu
Que mao calçado he o meu
Pera estas vistas assi,
Esc. Que farei, que o sapateiro
Não tem solas, nem tem pelle?
Moço. Sapatos me daria elle,
Se me vós desseis dinheiro.
Esc. Eu o haverei agora,
E mais calças te prometto.
Moço. Homem que não tem nem preto,
Casa muito na ma ora.
(Chega o Escudeiro onde está Inez Pereira, e diz:)
Esc. Antes que mais diga agora,
Deos vos salve, fresca rosa,
E vos dê por minha esposa,
Por mulher e por senhora;
Que bem vejo
Nesse ar, nesse despejo,
Mui graciosa donzella,
Que vós sois, minha alma, aquella

Que eu busco e que desejo.
Obrou bem a Natureza
Em vos dar tal condição,
Que amais a descrição
Muito mais que a riqueza.
Bem parece
Que a descrição merece
Gosar vossa fermosura,
Que he tal que da ventura
Outra tal não s'accontece.
Senhora, eu me contento
Receber-vos como estais;
Se vós não vos contentais,
O vosso contentamento
Póde fallecer no mais.

LATÃO Como falla!

VIDAL E ella como se cala!
Este ha de ser seu marido,
Segundo a cousa s'abala.

ESC. Eu não tenho mais de meu,
Somente ser comprador
Do Marichal meu senhor,
E sam escudeiro seu.
Sei bem ler,
E muito bem escrever,
E bom jogador de bóla,
E quanto a tanger viola,
Logo me vereis tanger.
Moço, que estás lá olhando?

MOÇO. Que manda Vossa Mercê?

Esc. Que venhais ca.
Moço. Pera que?
Esc. Porque faças o que eu mando.
Moço. Logo vou.
O diabo me tomou
Sair-me de Jam Montez
Por servir hum tavanés,
Mor doudo que Deos criou.
Esc. Fui despedir hum rapaz,
Por tomar este ladrão,
Que valia Perpinhão.
Moço!
Moço. Que vos praz?
Esc. A viola.
Moço. Oh como ficará tola,
Se não fosse casar ante
C'o mais safeo bargante
Que come pão e cebola.
Ei-la aqui bem temperada;
Não tendes que temperar.
Esc. Faria bem de t'a quebrar
Na cabeça bem migada.
Moço. E se ella he emprestada,
Quem na havia de pagar?
Meu amo, eu quero-me ir.
Esc. E quando queres partir?
Moço. Logo quero começar.
Determino de partir
Ante que venha o Inverno,
Porque vós não dais govêrno
Pera vos ninguem servir.

Esc. Não dormes tu que te farte?
Moço. No chão, e o telhado por manta,
E sarra-se-me a garganta
De fome.
Esc. Isso tem arte.
Moço. Vós sempre zombais assi.
Esc. Oh que boas vozes tem
Esta viola aqui.
Leixa-me casar a mi,
Depois eu te farei bem.
Mãe. Agora vos digo eu
Que Inez está no paraiso.
Inez: Que tendes de ver com isso?
Todo o mal ha de ser meu.
Mãe. Oh como he seca a velhice!
Inez. Leixae-me ouvir e folgar,
Que não m'hei d'eu contentar
De casar com parvoice.
Póde ser maior riqueza
Que hum homem avisado?
Mãe. Muitas vezes, mal peccado,
He melhor boa simpreza.
Latão Ora ouvi e ouvireis,
Dizei algũa cantadella,
Namorae esta donzella,
E esta cantiga direis:
« Canas do amor canas
« Canas do amor.
« Polo longo de hum rio
» Canaval está florido,
« Canas do amor. »

(Canta o Escudeiro o romance de « Mal me quieren en Castilla : »)

VIDAL Latão, ja o somno he comigo,
Como oiço cantar guaiado,
Que não vai esfandangado.

LATÃO E he o demo qu'eu digo.
Viste cantar « Danaso
Pelo mar vai á vela,
Vela vai pelo mar? »

VIDAL Filha Inez, assi vivais
Que tomeis esse senhor
Escudeiro cantador
E caçador de pardaes,
Sabedor, revolvedor,
Fallador, gracejador,
Affeitado pola mão,
E sabe de gavião :
Tomae-o por meu amor.
Podeis topar hum rabugento,
Desmazelado, baboso,
Descancarado, brigoso,
Medroso, carapatento.
Este escudeiro, aosadas,
Onde se derem pancadas,
Elle as ha de levar
Boas, se não apanhar :
Nelle tendes boas fadas.

MÃE. Quero rir com toda a mágoa
Destes teus casamenteiros.
Nunca vi Judeos ferreiros
Aturar tambem a fragoa.

Não te he melhor, mal por mal,
Inez, hum bom official,
Que te ganhe nessa praça,
Que he hum escravo de graça,
E mais casas com teu igual?

LATÃO Senhora, perdei cuidado:
O que ha de ser, hade ser;
E ninguem póde tolher
O que está determinado.

VIDAL Assi diz Rabizarão.

MÃE. Inez, guar'-te de rascão:
Escudeiro queres tu?

INEZ. Jesu nome de Jesu!
Quão fóra sois de feição!
Ja minha mãe adivinha.
Folgastes vós na verdade
Casar á vossa vontade,
Eu quero casar á minha.

MÃE. Casa, filha, muit'embora.

ESC. Dac-me ca essa mão, senhora.

INEZ. Senhor, de mui boa mente.

ESC. Per palavras de presente
Vos recebo desde agora.
Nome de Deos assim seja,
Eu Braz da Mata, Escudeiro,
Recebo a vós Inez Pereira
Por esposa verdadeira,
Como manda a Sancta Igreja.

INEZ. Eu aqui diante Deos,
Inez Pereira recebo a vós,
Sem mais preço nem demanda,

Como a Sancta Igreja manda,
A Braz da Mata.

LATÃO. Ahi somos nós.

VIDAL Alça manim dona, ó dona, ha,
Arrea espeçulá,
Bento o Deu de Jacob,
Bento o Deu que a Pharaó
Espantou e espantará:
Bento o Deu de Abraham,
Benta a terra de Canaam.
Pera bem sejais casados.
Dae-nos ca senhos ducados.

MÃE. Ámanhan vo-los darão.
Pois assi he, bem sera
Que não passe isto assi:
Eu quero chegar alli
Chamar meus amigos ca,
E bailarão de terreiro. *(Sahe.)*

ESC. Oh! quem me fôra solteiro!

INEZ. Ja vós vós arrependeis?

ESC. O esposa, não falleis,
Que casar he captiveiro.

(Vem a Mãe com certas moças e mancebos pera fazerem festa, e diz huma dellas, per nome Luzia:)

LUZIA. Inez, por teu bem te seja:
Oh que esposo e que alegria!

INEZ. Venhas embora, Luzia,
E cedo t'eu assi veja.

MÃE. Ora vae tu alli, Inez,
E bailareis tres por tres.

FERN. Tu comnosco, Luzia, aqui;
E a desposada alli:
Ora vêde qual direis.
(Cântão todos de terreiro:)
« Mal herida iba la garza
« Enamorada
« Sola va y gritos daba. »
(E acabando de cantar e bailar diz:)

FERN. Ora senhores honrados,
Ficae com vossa mercê,
E nosso Senhor vos dê
Com que vivais descansados.

LUZIA. Ficae com Deos, desposados,
Com prazer e com saude,
E sempre elle vos ajude
Com que vivais descansados.
Esta festa foi agora,
Mas melhor sera outrora.

MÃE. Ficae com Deos, filha minha,
Não virei ca tão asinha:
A minha benção hajais.
Esta casa em que ficais
Vos dou e vou-me á casinha.
Senhor filho e senhor meu.
Pois que ja Inez he vossa,
Vossa mulher e esposa,
Encommendo-vo-la eu.
E pois que desque naceo
A outrem não conheceo,
Senão a vós, senhor,
Que lhe tenhais muito amor,

Que amado sejais no ceo. *(Vai-se.)*

Esc. E vós cantais, Inez Pereira?
Em vodas m'andaveis vós?
Juro ao corpo de Deos
Que esta seja a derradeira.
Se vos eu vejo cantar,
Eu vos farei assobiar.

Inez. Bofé, senhor meu marido,
Se vós disso sois servido,
Bem o posso eu escusar.

Esc. Mas he bem que o escuseis,
E outras cousas que não digo.

Inez. Porque bradais vós comigo?

Esc. Sera bem que vos caleis,
E mais sereis avisada
Que não me respondereis nada,
Emque ponha fogo à tudo;
Porque o homem sesudo
Traz a mulher sopeada.
Vós não haveis de fallar
Com homem, nem mulher que seja;
Somente ir á Igreja
Não vos quero eu leixar.
Ja vos preguei as janellas,
Porque não vos ponbais nellas;
Estareis aqui encerrada
Nesta casa tão fechada,
Como freira d'Oudivellas.

Inez. Que peccado foi o meu?
Porque me dais tal prizão?

Esc. Vós buscastes descrição,

Que culpa vos tenho eu?
Póde ser maior aviso,
Maior descrição e siso
Que guardar o meu thesouro?
Não sois vós, mulher, meu ouro?
Que mal faço em guardar isso?
Vós não haveis de mandar
Em casa somente hum pello;
S'eu disser isto he novello,
Havei-lo de confirmar.
E mais, quando eu vier
De fóra, haveis de trémer,
E cousa que vós digais
Não vos ha de valer mais
Daquillo que eu quizer.—
Moço, ás partes d'alem
Vou-me fazer cavalleiro.

Moço. Se vós tivesseis dinheiro,
Não seria senão bem.

Esc. Tu has de ficar aqui.
Ólha, por amor de mi,
O que faz tua senhora:
Fecha-la-has sempre de fóra.—
Vós lavrae, ficae per hi.

Moço. C'o dinheiro que leixais
Não comerei eu gallinhas.

Esc. Vae-te tu per essas vinhas;
Que diabo queres mais?

Moço. Olhae, olhae, como rima!
E depois de ida a vendima?

Esc. Apanha desse rabisco.

Moço. Pezar ora de Sanpisco
E convidarei minha prima.
E o rabisco acabado,
Ir-m'hei espojar ás eiras?
Esc. Vae-te per essas figueiras
E farta-te, desmazelado.
Moço. Assi!
Esc. Pois que cuidavas?
E depois virão as favas —
Conheces tuberas da terra?
Moço. I-vos vós embora á guerra,
Qu'eu vos guardarei oitavas.
(Ido o Escudeiro, diz o Moço:)
Moço. Senhora, o que elle mandou
Não posso menos fazer.
Inez. Pois que te dá de comer,
Faze o que t'encommendou.
Moço. Vós fartae-vos de lavrar,
Eu me vou desenfadar
Com essas moças lá fóra:
Vós perdoae-me, senhora,
Porque vos hei de fechar. *(Vai-se.)*
(Fica fechada Inez Pereira, e lavrando canta.)
Inez. «Quem bem tem e mal escolhe,
Por mal que lhe venha não se anoje.»
Renego da descrição,
Commendo ó demo o aviso,
Que sempre cuidei que nisso
Stava a boa condição:
Cuidei que fossem cavalleiros
Fidalgos e escudeiros,

Não cheios de desvarios,
E em suas casas macios,
E na guerra lastimeiros.
  Vêde que cavallarias,
Vêde ja que Mouros mata
Quem sua mulher maltrata,
Sem lhe dar de paz hum dia.
Sempre eu ouvi dizer
Que o homem que isto fizer
Nunca mata drago em valle,
Nem Mouro que chamem Alle;
E assi deve de ser.
  Juro em todo meu sentido
Que se solteira me vejo,
Assi como eu desejo.
Que eu saiba escolher marido,
Á boa fé sem mao engano,
Pacífico todo o anno,
E que ande a meu mandar:
Havia-m'eu de vingar
Deste mal e deste damno.

(Entra o Moço com huma carta.)

MOÇO. Esta carta vem d'alem,
Creio que he de meu senhor.

INEZ. Mostrae ca, meu guarda-mor,
E veremos o que hi vem.

(Lê o sobrescripto.)

Á senhora mui presada
Inez Pereira da Grãa,
Á senhora minha irmãa,
Em Thomar lhe seja dada.

De meu irmão; venha embora.
Moço. Vosso irmão está em Arzila?
Eu apostarei que hi vem
Nova de meu senhor tambem.
Inez. Ja elle partio de Tavila?
Moço. Ha tres mezes que he passado.
Inez. Aqui virá logo recado
Se lhe vai bem ou que faz.
Moço. Bem pequena he a carta assaz.
Inez. Carta de homem avisado. (*Lê.*)
Muito honrada irman,
Esforçae o coração
E tomae por devação
De querer o que Deos quer;...
E isto que quer dizer?
E não vos maravilheis
De cousa que o mundo faça,
Que sempre nos embaraça
Com cousas. Sabei que indo
Vosso marido fugindo
Da batalha para a villa,
Meia legua de Arzila
O matou hum Mouro pastor.
Moço. Oh meu amo e meu senhor!
Inez. Dae-me vós ca essa chave,
E i buscar vossa vida.
Moça. Oh que triste despedida!
Inez. Oh que nova tão suave!
Desatado he o nó.
S'eu por elle ponho dó,
O diabo m'arrebente:

Para mim era valente,
E matou-o hum Mouro so.
Guardar de cavalleirão
Barbudo, repetenado,
Que em figura d'avisado
He maligno e sotrancão.
Agora quero tomar
Para boa vida gosar
Hum muito manso marido;
Não no quero ja sabido,
Pois tão caro ha de custar.

(Vem Leonor Vaz visitá-la, e ella finge-se muito anojada.)

LEON. Como estais, Inez Pereira?
INEZ. Muito triste, Lianor Vaz.
LEON. Que fareis ao que Deos faz?
INEZ. Casei por minha canceira.
LEON. Se ficaste prenhe, basta.
INEZ. Bem quizera eu delle casta,
Mas não quiz minha ventura.
LEON. Filha, não tomeis tristura,
Que a morte a todos gasta.
O que havedes de fazer,
Casade vós, filha minha.
INEZ. Jesu! Jesu! tão asinha?
Isso havieis de dizer?
Quem perdeo hum tal marido,
Tão discreto e tão sabido,
E tão amigo de minha vida?
LEON. Dae isso por esquecido,
E buscae outra guarida.

Pero Marques tem que herdou
Fazenda de mil cruzados;
Mas vós quereis avisados:

INEZ. Não; ja esse tempo passou:
Sôbre quantos mestres são
Exp'riencia dá lição.

LEON. Pois tendes esse saber,
Querei ora a quem vos quer,
Dae ó demo a opinião.

(Vai-se Leonor Vaz por Pero Marques.)

INEZ. Andar: Pero Marques seja;
Quero tomar por esposo.
Quem se tenha por ditoso
De cada vez que me veja.
Por usar de siso mero,
Asno que me leve quero,
E não cavallo folão;
Antes lebre que leão,
Antes lavrador que Nero.

(Vem Leonor Vaz com Pero Marques.)

LEON. Nó mais ceremonias agora;
Abraçae Inez Pereira,
Por mulher e por parceira.

PERO. Ah, eu m'empacho ma ora,
Quanto a dizer abraçar;
Depois que a eu usar
Entonces poderá ser.

INEZ. Não lhe quero mais saber;
Ja me quero contentar.

LEON. Ora, dae-me essas mãos ca:
Sabeis as palavras? si!

PERO. Ensinárão-m'as a mi,
Porém esquecem-me ja.
LEON. Ora dizei como eu digo.
PERO. E tendes vós aqui trigo
Pera nos geitar por riba?
LEON. Inda he cedo, como rima!
PERO. Soma vós casais comigo,
E eu comvosco, pardelhas:
Não cumpre aqui mais fallar.
E quando vos eu negar,
Que me cortem as orelhas.
LEON. Vou-me; ficae-vos embora. *(Vai-se.)*
INEZ. Marido, e sahirei eu agora,
Que ha muito que não sahi?
PERO. Sim, mulher; sahi vós hi,
Qu'eu me sahirei p'ra fóra.
INEZ. Marido, não digo disso.
PERO. Pois que dizeis vós, mulher?
INEZ. Ir folgar onde eu quizer.
PERO. Ide onde quizerdes ir,
Vinde quando quizerdes vir,
Stae quando quizerdes 'star:
Com que podeis vós folgar
Qu'eu não deva consentir?
(Vem hum Ermitão pedir esmola e diz:)
ERM. Señores, por caridad
Dad limosna al dolorido
Ermitaño de Cupido
Para siempre en soledad,
Pues su siervo soy nacido.
Por ejemplo,

Me meti en su santo templo
Ermitaño en pobre ermita,
Abastada de infinita
Tristeza en que contemplo.
  Adonde reso mis horas
Y mis dias y mis años,
Mis servicios y mis daños,
Donde tú, mi alma, lloras
Dolor de tantos engaños.
Y acabando
Las horas, todas llorando,
Tomo las cuentas una y una,
Con que tomo á la fortuna
Cuenta del mal en que ando,
Sin esperar paga alguna.
  Y ansí sin esperanza
De cobrar lo merecido,
Sirvo allí mi Dios Cupido
Con tanto amor sin mudanza,
Que soy su santo escogido.
O señores,
Los que bien os va de amores,
Dad limosna al sin holgura,
Que habita en sierra escura,
Uno de los amadores
Que tuvo menos ventura.
  Y rogaré al Dios de mí,
En que mis sentidos traigo,
Que recibais mejor pago
De lo que yo recebí
En esta vida que hago.

Y resaré,
Con gran devocion y fe,
Que Dios os libre de engaño,
Que eso me hizo ermitaño,
Y para siempre seré,
Pues para siempre es mi daño.

INEZ. Olhae ca, marido amigo,
Eu tenho por devação
Dar esmola a hum ermitão,
E não vades vós comigo.

PERO. I-vos embora, mulher,
Não tenho lá que fazer.

INEZ. Tomae a esmola, padre, lá,
Pois que Deos vos trouxe aqui.

ERM. Sea por amor de mi
Vuesa buena caridá.
Deo gracias, mi señora,
La limosna mata el pecado,
Y vos teneis buen cuidado
De ser de mí matadora.
Debéis saber,
Para merced me hacer,
Que por vos soy ermitaño,
Y aun mas os desengaño
Que esperanza de os ver,
Me hizo vestir tal paño.

INEZ. Jesus, Jesus, manas minhas!
Sois vós aquelle que hum dia,
Em casa de minha tia,
Me mandastes camarinhas;
E quando aprendia a lavrar

Mandaiveis-me tanta cousinha?
Eu era ainda Inezinha,
Não vos queria fallar.

Erm. Señora, têngoos servido,
Y vos á mí despreciado;
Haced que el tiempo pasado
No se cuente por perdido.

Inez. Padre, mui bem vos entendo.
O demo que vos eu encommendo,
Que bem sabeis vós pedir!
Eu determino lá d'ir
A ermida, Deos querendo.

Erm. Y cuando?

Inez. I-vos, meu santo,
Que eu irei hum dia destes
Muito cedo e muito prestes.

Erm. Señora, yo me voy en tanto.

Inez. Em tudo he bô a concrusão.
Marido, aquelle ermitão
He hum anginho de Deos.

Pero. Corregê vós esses veos,
E ponde-vos em feição.

Inez. Sabeis vós o que eu queria?

Pero. Que quereis, minha mulher?

Inez. Que houvesseis por prazer
De irmos lá em romaria.

Pero. Seja logo sem deter.

Inez. Ora este caminho he comprido,
Contae huma historia, marido.

Pero. Bofá que me praz, mulher.

Inez. Passemos primeiro o rio.

Descalsae-vos.

PERO. Assi ha de ser?

INEZ. E pois como?
E levar-me-heis no hombro,
Não me corte a madre o frio.
(Põe-se ás costas do marido.)
Assi.

PERO. Ides á vossa vontade?

INEZ. Como estar no paraiso.

PERO. Muito folgo eu com isso.

INEZ. Esperade ora, esperade;
Olhae que lousas aquellas,
Pera poer as talhas nellas.

PERO. Quereis que as leve?

INEZ. Sim: hũa aqui, e outra aqui.
Oh como folgo com ellas!
Cantemos.

PERO. Se vós quereis.

INEZ. E vós me respondereis
A tudo quanto eu cantar:
Pois assi se fazem as cousas.
(Canta.)
« Marido cuco me levades
« E mais duas lousas. »

PERO. « Pois assi se fazem as cousas. »

INEZ. « Bem sabedes vós, marido,
« Quanto vos quero;
« Sempre fostes percebido
« Pera cervo:
« Agora vos tomou o demo
« Com duas lousas. »

Pero. « Pois assi se fazem as cousas. »
Inez. « Bem sabedes vós, marido,
« Quanto vos amo,
« Sempre fostes percebido
« Pera gamo.
« Carregado ides, noss'amo,
« Com duas lousas. »
Pero. « Pois assi se fazem as cousas. »

E assi vão e acaba a dita Farça.

O JUIZ DA BEIRA.

FIGURAS.

PERO MARQUES. — PORTEIRO. — FERREIRO. VASCO AFFONSO. — ANNA DIAS. — SAPATEIRO. — ESCUDEIRO. — MOÇO DO ESCUDEIRO. PREGUIÇOSO. — BAILADOR. — AMADOR. — BRIGOSO.

Esta farça que se adiante segue he o seu argumento desta maneira: Diz o Autor que este Pero Marques, como foi casado com Inez Pereira, se forão morar onde elle tinha sua fazenda, que era lá na Beira, onde o fizerão Juiz. E porque dava algumas sentenças desformes por ser homem simprez, foi chamado á Côrte, e mandárão-lhe que fizesse hũa audiencia diante d'ElRei. Foi representada ao muito nobre e Christianissimo Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, em Almeirim na era do Senhor de 1525.

(Entra Pero Marques dizendo:)

PERO. Olhae vós bem qu'este sam eu
Homem de boa ventura,
Empacho nunca m'atura,

E hei de dizer o meu
Coma qualquer criatura.
Pero Marques sam da Beira
E juiz mexericado;
Derão-me lá hum Julgado
Por cajo de Inez Pereira,
Com que embora sam casado.
Passou-se ca hum mandado,
Nega por me dar canseira,
Que logo em toda maneira
Viesse, e vim emprazado
Bofá com fraca esmoleira.
E porque me tem tenção
Diogo Lopes de Carvalho,
Por me metter em trabalho,
Diz que não cumpro a Ordenação,
E que pera juiz não valho.
Qu'elle he muito d'apertar
Com juizes do siqueiro.
Ora eu por não ser paceiro,
Vim ca pera m'amostrar
Que sou eu homem inteiro.
Ora assi que de maneira
Minha hospeda Inez Pereira
(Deos a benza!) sabe ler,
E quanto me faz mister
Pera eu ir pola carreira.
De que eu contente tam,
Soma avonda que assi
Lê-me ella o caderno alli
Onde s'he a ordenaçam

De cabo a rabo em par de mi
Do que pertence ao juiz:
E assi como ella diz
Assi xe-mo faço eu;
E em terra de Vizeu
Ninguem não me contradiz.

(Vem hum Porteiro apregoando.)

PORT. Quem quizer vir arrendar
As charnecas de Coruche,
Antes que o lanço mais puxe,
Que se querem arrematar.
São terras novas guardadas,
Que nunca forão lavradas.
Oh que matos pera pão!
Que valles pera açafrão
E canas assucaradas!
E mais quem quizer lançar
N'alfandega da cortiçada,
Ser-lh'ha logo arrematada,
Se espera bem de pagar.

PERO. Senhor Porteiro.

PORT. Andar.

PERO. Em logar de cor'gedor
Me mandou o Regedor
Que faça neste logar
Odiança d'Ouvidor.
Vossa mercê servirá
Minha odiança assi
Como elle tambem a mi;
Então aqui se verá
Se vou eu limpo daqui.

Ora traga vossa mercê
Hum banco e hũa esteira,
E hũa cortiça inteira,
E vossa mercê me dê
Licença que o requeira.
Ide logo sem tardar.

PORT. Quem no vir assi mandar
Cuidará que sabe o que diz:
Tal he elle p'ra juiz
Como eu sou pera prégar.

PERO. Olhae ca, senhor Porteiro.

PORT. Senhor Juiz, que me manda?

PERO. Pregoae quem tem demanda,
Que venha aqui a terreiro
E diga em que termos anda.
E venha o banco todavia
Muito bom, muito direito.

PORT. Quem quizer hoje este dia
Ver mao pezar de seu feito,
Não tarde hũa ave-maria.
Tal juiz em tal logar
Parece cousa de riso.
Porém que me dá a mi disso
Bem julgar nem mao julgar?
Quem faz juiz hum vaqueiro!

PERO. Senhor Porteiro, lá vem
Vasco Affonso e tambem
João Domingues, ferreiro.

(Indo o Porteiro buscar o banco, topa o ferreiro e Vasco Affonso, e diz o)

FERR. Que andais buscando, Porteiro?

PORT. Hum banco pera a audiança.
FERR. Aqui bauco não s'alcança
Senão em casa do carpinteiro.
PORT. Digo a Deos e á ventura,
Não he melhor esta cadeira
Que tem pelle e tem madeira
E tem-se bem e he segura?
FERR. Poucas destas vio o Juiz.
VASCO Boa he ella pera assentar,
Mas este atafal não diz.
PORT. Isto he pera encostar.
Senhor Juiz, isto he cadeira;
Cortiça, nem ponta della.
PERO. Dae ó demo a cancella
E quem a trougue da feira:
Eu não saberei aqui ser.
Dou já ó fogo a guitarra!
Quem tinha esta zanguizarra?
PORT. Quem a sabe conhecer.
PERO. I-me a Diogo d'Arruda
Que me faça hũa trepeça.
PORT. Que juiz e que cabeça!
Dou-eu ja ó demo a rasmuda.
PERO. E que diz elle? que diz?
VASCO Que pareceis escudeiro.
PERO. Como he bom este Porteiro!
PORT. Como he parvo este Juiz!
Corpo de mi c'o gaiteiro!
PERO. Partheos, logo eu jurarei
Que o Porteiro he homem são,
Por si, si, e por não, não,

Todo feito a boa lei,
E fóra de ma tenção.

PORT. Esta he rasa e mais honesta.

PERO. Ponte, ou que cousa he esta?
Não tragais jôgo de ver,
Que bem haveis de saber
Que isto he presepe de bêsta.
Va eramá vossa mercê
E traga logo a recado
Hum banquezinho assi usado,
Porqu'isso não sei que he.

PORT. Hum villão destemperado
He peor que pestelença.
Oh! dou ó demo a audiença!
Perdoe-me Deos se he peccado.
Ora assi hei eu d'andar
De Anás pera Caifaz?
Juro a eata-que-farás
Que bem me podem chamar
Tu que vens e tu que vas.
Ei-lo banco ca está.
Esteis muitieramá:
Tomae lá, senhor Juiz,
Pera vós este vos diz.

PERO. Pera mi! ahi serei:
Pardeos, proprio he com'este
Hum banco que lá deixei:
Agora estou coma ElRei,
E praza a Deos que me preste.
Ora sus, agasalhar,
Tirae d'hi essas cancellas;

Aquellas hi não hão d'estar:
Ou fóra, á rua com ellas.

FERR. Estae vós ahi, Juiz,
E nós em pe como bons filhos.

PERO. Senhor Porteiro, esses peguilhos
Deitae-os no chafariz.

PORT. Levarei, ora estae quedo:
Perdida he a decoada
Na cabeça d'asno pegada.
Não sois vós pera camara, Pedro.

(Leva o Porteiro as cadeiras e topa com Anna Dias, que vem á audiencia.)

PORT. Venhais embora, Anna Dias,
Em demanda andais cá?

ANNA. Sempre o diabo me dá,
Com que tenha negros dias.

PORT. He feito crime ou que he?

ANNA. Não sei s'he crime ou se que:
Minha filha he violada,
E houverão-m'a forçada:
Vou-me ao Juiz.

PORT. Esse he;
Mas tanto val como nada.

ANNA. Querello-me, senhor Juiz,
Do filho de Pero Amado
Que o achei emburilhado
Com a minha Beatriz.

PERO. E onde?

ANNA. No seu cerrado.

PERO. E que ia ella lá catar?

ANNA. Forão ambos a mundar,

E o trigo era creçudo
E foi-se a ella.

PERO. Coma sesudo,
Pois que tinha bò logar.

ANNA. Olhae vós como elle gosta!
Juiz, fazei-me direito.

PERO. Digo que pois ja he feito.
Venha elle com sua reposta,
Ou lhe faça bom proveito,
E venha a moça citada.

ANNA. E a cachopa he prenhada.

PERO. Assi se faz.

ANNA. Não ha hi mais?
Esse he o remedio que dais?
Ora estou bem aviada.
Mãe, mãe, eu não sei que diga.

PERO. Pae, pae, venha a rapariga,
E veremos que ella diz:
E como diz a cantiga,
Traga as testemunhas ca,
Sete ou oito abastarão.

ANNA. Senhor, senão for per rezão,
Nunca s'isso provará:
Que era o pão onde os achei
Mais alto do qu'he essa vara.

PERO. S'ella mesmo não folgára,
Chamára ella áquedelrei;
Mas *credo quo natura dat*
Nemo negare pote.

FERR. Anna Diz, feito he ja,
Não s'ha de fazer de cote.

ANNA. Não sam eu Marta a piadosa
Que dou caldo aos enforcados,
Nem perdoa taes peccados
Quem a honra tem mimosa.
O que havedes de fazer,
Sentae-m'o nessa querella,
Que adiante hei d'ir com ella,
Inda que saiba morrer.
Não no hei polo desprêzo
Que elle quiz fazer de mi,
Nem outras cousas assi;
Mas hei-o polo mao vezo
Qu'elle tomará dahi.

PERO. Se a moça he dessa pelle,
Não he o moço de culpar.

ANNA. Deixára-a elle mundar:
Que ôlho mao se metta nelle,
E muito do mao pezar.
Maos exemplos, maos ensinos;
Hum moço ja homem barbado,
(Benz'o Deos) e maneipado
Ir fazer taes desatinos!

PERO. São cousas de moços.

ANNA. Assi,
Boa concrusão trazeis.

PERO. Que he o que vós quereis?

ANNA. Que o mandeis vir aqui
Preso, e que o castiguеis.

PERO. Ja eu estive cuidando nisso,
Porque eu não sou abantesma.
Mas que sei eu s'ella mesma

Deu casião pera isso?
E perem tudo assi visto,
Eu mando per meu mandado
Que até esse pão ser segado,
Que se não falle mais nisso.
  E áquelle mesmo pão
Eu e estes homens bôs
Iremos lá e veremos nós
Se a houve per fôrça ou não:
Que se ella não queria
Estará o pão derramado,
E ha mister bem olhado
Ella se se defendia.

(Vem hum Sapateiro, Christão novo, do calçado velho, e diz:)

SAP. Cuando éramos judíos,
Dolor del tiempo pasado,
Ciento y veinte y un ducado
Tenia en ducados mios,
Sin le faltar un cornado.
Morador en Carrion,
Y mercader en Medina,
Casado con Dona Dina,
Nieta de Jacob Zarión,
Maestro mor de Adefina.
  Agora que soy guayado
Y negro cristianejo,
Andome á calzado viejo,
Desnudo, desfarrapado,
El mas triste del Concejo,
Y por mas postomeria

Una hija que tenia
Tal como cera colada,
Húbomela alcohetada.
Voyme al Juez todavía.
Honrado señor Juez.

PERO. Eilo.

SAP. Seais bien logrado.
Yo me soy Alonso Lopez,
(Que se vea negra pez
La que me tiene enlodado!)
Ana Dias que ahí está
Usa de alcohetaría;
Enlodó una hija mia,
Moza ya de buena edad,
Tal como la luz del dia.

ANNA. Olho mao se metta em ti,
Cascarrea de judeu!
E em tal mulher como eu
Fallas tu? dize, alfaqui,
Alcoviteira sam eu?

SAP. Señor Juez.

PERO. Eilo.

SAP. Buen placer.
Mandad á esa muger
Que hable cortés conmigo.

ANNA. Farrapo, tu que has comtigo,
Ou que me viste fazer?

SAP. Señor Juez.

PERO. Eilo.

SAP. Vivais.
Mandalda luego callar,

Porque yo quiero probar
Cosas de ella, que digais
Doy al diable el enjoval.

ANNA. Mana minha! áquedelrei!
Dize, gato de Tobias,
E mulher sam eu de lei
Pera alcovitar judias?

SAP. No hableis tanto de dedo.

ANNA. Eu sou ama do Craveiro,
Visinha do Tisoureiro,
Sobrinha d'Alvarazedo.
Dum filho d'aranha morta!
E mais eu te prôvarei
Que hum cavallo d'ElRei
Estercou á minha porta.

SAP. Honrado señor Juez.

PERO. Eilo.

SAP. Buenas hadas,
Es bien que en vuestras quejadas
Me diga aquello Ana Diez?

PERO. São mulheres.

SAP. Aosadas!

ANNA. Antes m'espanto de mi
Como não salto em ti
E te quebro essas queixadas.

SAP. No te abasta alcohetar
Á mi hija, hembra mala?

ANNA. Cala-te ma ora, cala,
Não me faças atentar.

PERO. Olhae que m'esquece a mi
Que cousa he alcovitar.

SAP. Yo os lo quiero contar,
Que es una arte por sí.
Teneis (Dios os guarde amigo)
Vuestra hija ó muger,
Buena, limpia como el trigo
Que se coge á buen placer.
Mírala un cortesano,
Mírala, quiérela, deséala:
Pues que hará
Pera la haber á la mano?
Vase á una tal como esta,
Y cuéntale tal y tal,
Y ella está tan honesta,
Que guárdeos Dios de mal,
Vase la vieja al molino,
Entra muy disimulada,
Muy honesta cobijada,
Como quien sabe el camino.
Tanto escarva, tanto atiza
Por tal arte y por tal modo,
Hace un cielo ceniza
Hasta ponella de lodo.
Y esta es de la manada;
Que siendo en misa yo,
Adó pocas veces vó,
Entró la señora honrada
Y á mi hija engañó.

PERO. Se lhe ella fôra rogar
Pera mondar hum linhar,
A moça embargára o caminho;
Mas bom he de encaminhar

O gato pera o toucinho.

SAP. Si no fuera esta malvada,
Marina no errara ansi,

ANNA. Agora me lembra a mi
Onde Marina morava:
Antre os odreiros alli
Me parece que vos vi
C'os odres dependurado.

SAP. Señor Juez,

PERO. Eilo.

SAP. Buen mandado.
Yo tambien veisme aqui,
Con los odres pendurado.
El negro Alonso Lopez
Mal viva si otra vez
Venga a pediros derecho.
No me fuera mas provecho
Dar al diablo el Juez?
Que esta merece, quemada.

PERO. Julgo que se esta dona honrada
Sabe isso tão bem fazer,
Se o deixar esquecer,
Seja por isso açoutada.
Assi se cerra a cancella,
Calar, ieramá, calar,
E não vir-vos exemplar,
Não no sabia senão ella,
E elle vem-no apregoar.

SAP. Páscoa mala dé Dios al Juez,
Y mala páscoa al Portero,
Y negra páscoa al herrero,

Y al Juez otra vez,
Y mala páscoa á Ana Diez,
Y á mí negra vejez
Me dé si cristiano muero. *(Vai-se.)*

(Vem hum Escudeiro com hum seu moço, e diz:)

Esc. Toma lá esse sombreiro;
Eu sam ja acrecentado
Escudeiro encavalgado,
Depois serei cavalleiro,
Que o anno for acabado.
Ando ja quasi privado
Como quem no melhor anda,
Agora ver-me em demanda,
Acho-me tão salteado
Como o gato na varanda.
Viste-me tu nunca andar
Em demanda com ninguem,
Senão hũa em Santarem?

Moço. E outra no Lumiar,
E em Lisboa tambem.
Mas antes, a Deos louvores,
Sempre vos vi ser citado.

Esc. Folgo porque es lembrado,
E louvas Deos com minhas dores. —
Sois vós o Senhor Juiz?

Pero. Assi se roge por ca.

Esc. Vossa Mercê saberá
Que m'enganou Anna Diz,
Que a pé de juizo está.

Anna. Enganei! Nunca Deos queira.

Esc. Ouvi vós, emboladeira:
Eu andava namorado
De hũa moça pretesinha,
Muito galante Mourinha,
Hum ferretinho delgado,
Oh quanta graça que tinha!
Então amores de Moura,
Ja sabeis o fogo vivo,
Ella captiva eu captivo:
Ora que ma morte moura
Se ha hi mal tão esquivo.
Eu morria, e alem disso
Eu não tinha então mais siso
Do que aquella porta tem.
Não fallcis em querer bem,
Que rapa todo o aviso.
Andando assi como digo
Escravo da servidora,
Soccorri-me a esta senhora.
Depois do fallar comigo,
Dix'eu: Senhora Anna Diz...
Estae vós prompto, Juiz.
Pero. Eilo: bem vos ouvo eu.
Esc. Dixe-lhe: Ando sandeu,
Pesar dos Sanctos, qu'eu fiz;
Esta Moura por que mouro,
Se m'a vós haveis á mão,
Senhora, á fé de Christão
De vos dar hũa peça d'ouro
Por sair desta paixão.
Anna. Que vos dixe eu então?

Esc. Esperae, qu'eu o direi.
Dixestes-me: Trabalharei
Por hum cruzado p'ra pão:
— Senhora, eu vo-lo haverei; —
Vou e vendo hũa viola
E hum gibão de fustão
E botas de cordovão,
Que tinhão inda boa sola,
Que durarião hum verão;
E vendi hũa gualteira,
E fiz da pousada feira:
Soma emfim de rezões,
Ajuntei quatro tostões,
E metti-lh'os na mãosinha,
Dizendo-lhe: Senhora minha,
Lembrem-vos minhas paixões.
Foi-se a boa d'adela,
E ao primeiro recado
Disse: Dae-me outro cruzado,
Que prazendo a Madanela
Logo sereis aviado,
Deos querendo, muito prestes,
Porque aquelle que me déstes
Em cuz-cuz o comeo ella.
E se vós quereis vencê-la,
Andem os dinheiros bastos,
E não receeis os gastos
Em tal moça como aquella.

Anna. Não vos dizia eu mal nisso,
Porque não se tomão trutas
Assi a bragas enxutas.

Nem se ganha o paraiso
Senão com offertas muitas.
Esc. Emfim, vou eu muito asinha
Empenho hũa sella que tinha,
E albardo o meu cavallo,
E foi-me forçado aluga-lo
Pera acarretar farinha,
E fiquei desbaratado.
Isto tudo faz fazer
O mao rapaz do Amor.
Pero. Prosegui vosso lavor,
Fallae no que faz mister.
Esc. Como varreo á vassoura,
Que vintem não me ficasse,
Veio-me dizer que a Moura
Pedia que a forrasse.
E d'outra nenhũa maneira
Fosse cantar á gamela,
Ou me fosse rir á feira,
Que não tinha nada nella.
E ante d'haver o dinheiro:
— Esta Moura ha de morrer,
Tamanho he o bem que vos quer:
Esforçae, lindo Escudeiro,
Que nunca podeis perder. —
Mandava-lhe a pada de pão,
As empadas de sardinhas,
Bacios de camarinhas,
A talhada do melão.
E hũa manta d'Alemtejo
Que na minha cama tinha,

Manta ja usádazinha,
M'a levou com tal despejo
Como s'ella fôra minha.
  Assi como vo-lo eu rezo
Esta vos he Anna Diz.

ANNA. Na forca veja eu o Juiz,
Que he o homem qu'eu mais prézo,
Se taes emboladas fiz:
Lembra-me que fallei eu
A hũa filha do Cetem.

ESC. Essa me custa a mi bem
Do alheio e do meu.

ANNA. Se vos pagais tanto della,
Forrarei-la ora ma dia.

ESC. Não fórro minha moradia,
Poderei forrar a ella?
  Senhor Juiz, conhecida
He a bulra. Dê-me o meu.

PERO. Desde aqui sentenceo eu
A moeda por perdida
Como alma de judeu.

ESC. Assi ha isso de passar?
Juiz, mandae-me pagar.

PERO. S'ella quizer: — quereis, Anna Diz?

ANNA. Bofá não, senhor Juiz.

PERO. Não no ha de querer dar.

ANNA.   Viva o Juiz minhas flores!

PERO. I-vos embora, Escudeiro,
E nunca peçais dinheiro
Que gastastes per amores.

ESC. Outro caso trago eu.

PERO. Dizei.
Esc. Digo mais, senhor Juiz,
Este moço, o peccador,
He necio, quer-se ir de mim
Agora que está na fim,
Que lhe havia d'ir melhor.
Ora pois que se quer ir
Sem pancada, nem arruido,
Muito farto e conhecido,
Dei-lhe agora de vestir,
Torne-me ca o meu vestido.
E mais lançou-me a perder
Hũa cama em que jazia
Elle mesmo até meio dia,
Boa e de receber.
Moço. Cama chamão ca as arcas,
Ou he falla assi mudada?
Quant'eu na sua pousada
Sempre sei noites de barcas:
E quero calar mais damnos.
Senhor Juiz, ha seis annos
Que estou co'este Escudeiro,
Ja'gora fôra barbeiro,
Se não forão seus enganos.
Ao tempo que vim par'elle
Estava mais melhorado,
Mas agora, mal peccado,
Mao pezar he feito delle,
E da viola e do cavallo,
E da cama e do vestido,
E do meu tempo servido

E d'outras cousas que calo.
Esta noite, eu lazerando
Sôbre hũa arca e as pernas fóra,
Elle acorda-me á hũa hora:
— Oh! se soubesses, Fernando,
Que trova que fiz agora! —
Faz-me accender candieiro,
E que lhe tenha o tinteiro,
E o seu galgo uivando,
E eu em pé, renegando
Porque ao somno primeiro
Está meu senhor trovando.

Esc. Não sabes, dize, parviço,
Que sou eu o mesmo Paço?

Moço. Bem sei eu segundo jaço
Que cousa he paço e palhiço.
Nem vós não tendes chumaço,
Nem de ventura atolais
Em colchões e cabeçaes.
Tambem vós fazeis pendença?
Eu não sei como a doença
Não vai onde vós estais.
Peço contra elle, Juiz,
Que o serviço que lhe fiz
Que m'o pague por inteiro.

Pero. Veremos nós o que elle diz.
Que dizeis vós, cavalleiro?

Esc. Não ha hi por hu correr,
Emque m'esfolem a pelle.

Pero. Mando que sirvais a elle,
E que lhe deis de comer

Até que cumprais co'elle.

Moço. Eu não quero mais sentença
Senão que me deis licença
E chamar-lhe-hei tu ou vós.

Pero. Digo que te vas com Deos,
E não faças mais detença.

Esc. Vêdes-me-aqui sem a Moura,
Trosquiado sem tesoura,
Vêdes-me-aqui sem cavallo,
Sem sella, sem mangedoura,
E sem gallinha nem gallo.
Não praza a Deos co'a viola,
Que assi se tornou mourisca,
E eu fico á carraquisca,
En los campos verdes sola.
Porém, prazendo a Jésu Christo,
Quero-m'ir fazer sôbre isto
Dous pares de trovazinhas:
O comer, por essas vinhas,
Pois o demo me fez isto.

(Vem á audiencia quatro irmãos; hum delles muito preguiçoso, outro que sempre baila, outro que sempre esgrime, outro que sempre falla amores. A estes per morte do pae não lhes ficou senão hum asno; deixou o pae no testamento que o herdasse hum delles, e não nomeou qual. Entra o Preguiçoso dizendo:)

Preg. Não ha hi favo de mel
Tão doce como a preguiça;
He mais desenfadadîça
Que bom pomar nem vergel.

Outro dia hum meu amigo
Em siso bradou comigo
Porque durmo traz do lar
Na cinza, que he o acertar;
Porque diz o verbo antigo,
Em cinza te has de tornar.
  Melhor he ser preguiçoso,
Que homem negociado;
Porque quem for repousado
Não sera malicioso,
Mas sera homem de bem:
Não dirá mal de ninguem
Todo o tempo que dormir,
Nem madrugará a acquerir
Por haver o que outrem tem.
  Venho ca, senhor Juiz,
E dir-vos-hei a que venho,
Porque a preguiça que tenho
Faz de mim hũa boiz.
Eu tenho huns tres irmãos:
Hum delles he polas mãos
Mui valente esgrimidor;
O outro não ha hum christão
Tão doudo homem d'amor.
  E somos quatro comigo,
Preguiça he o meu fado.
Meu pae, senhor, he finado,
Sem nos ficar nem hum figo,
Senão hum asno pellado.
Vem todos ca á audiença,
Porque temos differença

Qual de nós o ha d'herdar.
O esgrimidor quer-nos matar,
O outro diz que he sua a herança,
E lhe pertence por bailar.
Eu não posso ja fallar
De preguiça, meu senhor.
Eis ahi vem o bailador:
Eu quero-me aqui deitar.

IL. Pois tanto tarda o prazer,
E tanto dura o pezar,
Houvera Deos de fazer
Que o pezar pudera ser
Prazer pera se lograr.
E pois o nojo se vem
Sem o ir buscar ninguem,
Eu acho ca no meu rol
Que bailar de sol a sol
Faço bem e mais câ bem.
Senhor Juiz, hufá! eu por bailar
Mereço o asno de meu pae,
Hufá! e vós m'o julgae.

RO. Ou vós haveis de fallar,
Ou vós haveis de bailar.

IL. Bailar.

RO. Ora bailae.

IL. Hufá! amores pardeos!
Agora tornemos nós
Fallar na morte de meu pae.
Ficou hum asno da geneta,
E somos quatro irmãos....
Estão-me proindo as mãos

Por dar huma çapateta,
Como nos bailos villãos.
Hufá! amores cortezãos!
Eu bem poderei cansar,
Mas não que leixe chegar
Nojo nem ao meu nariz.
Abonda-vos a vós, Juiz,
Que o burro m'haveis de dar
Polo bem que a meu pae fiz:
Que meu irmão preguiçoso
Nunca sahia do lar.

PREG. Quero-m'ora levantar:
Diz o sengo sabichoso
Bom he ás vezes fallar.
Vós o asno, meu senhor
Juiz, não m'o tolhereis,
Porque certo sabereis
Que este mesmo bailador
Deitou meu pae a trevés.
E eu guardava as casas todas
Detraz do lar estirado,
Que sem mim fôra roubado.

BAIL. Eu lhe trazia das bodas
Sempre o capello atestado
De figos, de carne e pão.
Bofá o asno me darão,
Porque o tenho bem ganhado.
Pardeos, eu era alegria
De nossa casa vasia.
Esse dormia coma cão,
Que mijava onde jazia,

Não vêdes meu afanar,
E elle folgar, nó mais?

ERO. Pardeos, bem vos amanhais.
E não he melhor folgar
Que trabalhar por demais?

REG. Dizeis muito bem, Juiz;
Vós sois meu procurador.
Eis ca vem sempre Amador,
E veremos o que diz.

MAD. Quem enfermo for d'amor,
Como eu contino sam,
Faça autos de christão,
Confesse-se, tome o Senhor,
Pois tem a morte na mão.
E pera tão prestes partir,
Ande tão triste como ando,
Desejando
A pena que está por vir.
  Quem quizer vida serena
Nunca queira o que eu queria,
Porque das horas do dia
A que me dá mais pena
Me traz maior alegria.
E o triste meu cuidado,
Quanto mais desventurado,
Mais ledo, porque se cura
Com tristura
O mal que he desesperado.
  Creio que quando nasci
Estava o sol eclipsado,
E o ar todo carregado

De tristezas pera mi,
Pois tristeza sam tornado.
E o sino em que fui gerado
(Olhae que desaventura!)
Estava desconcertado,
E logo foi condemnado
Meu nacer pera tristura.

(Canta:)

« Leixar quero amor vosso,
« Mas não posso. »
Oh quem fôra alli com Deos
Ao fazer do amor,
E lhe dissera: Ah Senhor,
Amor sejais vós de nós,
E não haja amor com dor.
Fazei-o doce, amoroso,
Suave, tirae-lhe a pena,
Dae-lhe condição serena,
Não haja tanto queixoso.

BAIL. Que voltasinha! hufá! hufá!
PREG. Gran descanço he espreguiçar.
AMA. Ora deixae-me fallar.
PERO. Bofá, a vontade me dá
Que não hei hoje de acabar.
AMA. Quanto mais favorecido
Me traz esta rapariga,
Tanto sinto mais fadiga,
E queimo mais o sentido.
Ora vêdes vós qu'he isto?
PERO. Fallae eramá a bem do feito.
Requerei vosso direito,

Pois vos ja pozostes nisto,
E fareis vosso proveito.
AMAD. O asno, senhor Juiz,
Qu'estes vem a demandar,
A mi o haveis de julgar,
E o direito assi o diz.
Porque eu sam namorado,
E este asno canta coma anjo,
E sera gran desarranjo
Não me ser logo julgado;
E mais entende mui bem
E responde por acenos.
BAIL. Juiz, elle o merece menos:
Eu bailei em Santarem
Sendo os Iffantes pequenos.
E bailei no Sardoal,
E de contino me vem
Bailar sem haver alguem
Que me ganhe em Portugal.
Ora olhae esta maneira
Pera bailar com mulher;
E sabeis como se quer?
Sempre a volta assi ligeira.

(Em quanto este baila o Preguiçoso dorme e ronca, e o Namorado canta e suspira, diz o)

FERR. Ora eu quarenta annos hei,
E vi muitos homens ja,
E andei per ca e per lá,
Mas eu nunca tal topei.
Ah corpo de Sancto Ilario!

Serem de hum pae gerecidos,
E de hũa mesma mãe nacidos,
Cada hum com seu veairo!
Preneta, ou que demo sera?

Bail. Hou Juiz, sahi vós ca,
Dareis hũa volta comigo.

Pero. Pardeos, baila tu, amigo,
E salta atás qu'eu lá va.
Tens bem de comer comtigo.

(Vem o outro irmão, a que chamão Ferão Brigoso, com sua espada nua e capa no braço, como que sahio d'algũa briga, e diz:)

Brig. Bem basta a hum homem so
Saltarem com elle cinco;
Mas quatorze! — não he brinco:
Porém sacudi-lhe eu o po,
Como soio quando arrinco.
Seis delles não escaparão,
Que vão muito acutilados;
Os cinco vinhão armados,
Feitos malha de Milão,
Os tres trazião reliquias,
E o coração de san Leão.
Dizia eu dando no chão:
Oh braço! quão baixo ficas!
Eu trazer reliquia! — nada.
E sabeis vós porque não?
Porque mato com rezão,
E quando levo da espada,
Treme a terra e abre o chão.
E se he sôbre mulher,

Que merece ser servida,
Nem Heitor não me tem vida.
E quemcunque vul trouxer,
Nem por isso tem guarida.
E agora quatorze a mi,
Foi mui grande neicidade,
Porque saibão a verdade,
E o podem dizer assi
No ceo á Sancta Trindade,
Que o certo em que me fundo
He despovoar-lhe o mundo:
E diga-lh'o quem quizer,
Inda que saiba ir ter
Ao inferno mais profundo.
Ainda lá farei fataxas,
Qu'eu não hei d'ir sem espada.
Então tanta cutilada,
Estocadas altas, baxas,
Nesses diabos pancadas,
Cutiladas polo ar,
Polas nuvens, por estrellas.
Trezentas e trinta querellas
Tenho inda por purgar,
E de mortes todas ellas.
Sois vós, senhor. Juiz?
PERO. E pois quem no ha de ser?
BRIG. Ora pois eu quero ver
Se sois juiz, se buiz.
Que pouco m'hei de deter.
Este asno deve ser meu,
E vós assi m'o julgae,

Que eu fui honra de meu pae,
E assi o provarei eu.
O asno, Juiz, me dae.
E senão...

PERO. Como senão?

BRIG. Senão, não sei que vos diga.

PERO. Cuidei que era isso briga.
Não sejais sandivarrão,
Qu'eu tambem não sou formiga
Tende vós em vós aviso,
Ou darei tantas em vós,
Que vos faça ter mais siso.

BRIG. Não folgaria eu com isso,
Mas pezar-m'hia, pardeos.
O que quizerdes julgar,
Isso seja, isso quero.

PERO. Vós vindes tão bravo e fero
Como se fosseis o mar,
Ou em crueldade Nero.
Não façamos mais detença.

AMAD. Que julgais, Juiz honrado?

PERO. Julgo por minha sentença
Que o asno seja citado
Pera a primeira audiença.
Em tanto podeis cantar
E bailar e espreguiçar,
Qu'eu vou buscar de comer.
E quem de mim mais quizer
Caminhe e va-me buscar.

(Sahirão-se todos cantando a seguinte cantiga.)

« Vamos ver as Cintrans,
« Senhores, á nossa terra,
« Que o melhor está na serra.
« As serranas Coimbrans
« E as da Serra da Estrella,
« Por mais que ninguem se vela,
» Valem mais qne as cidadans:
« São pastoras tão louçans,
« Que a todos fazem guerra
« Bem desde o cume da serra. »

FARÇA DAS CIGANAS.

FIGURAS.

MARTINA, CASSANDRA, LUCRECIA, GIRALDA, *Ciganas.* — LIBERTO, CLAUDIO, CARMELIO, AURICIO, *Ciganos.*

A seguinte farça foi representada ao muito alto e poderoso Rei D. João, o terceiro deste nome, em a sua cidade d'Evora, era do Redemptor 1521.

(Entrão quatro ciganas, Martina, Cassandra, Lucrecia, Giralda, e diz)

MARTINA.

Mantenga, fidalguz señurez hermuzuz.

CASSANDRA.

Dadnuz limuzna pur la amur de Diuz;
Cristianuz sumuz, veiz aqui la cruz.

LUCRECIA.

La Vírgen Maria uz haga dichuzuz,
Dadnuz limuzna, señuruz pudruzuz,
Tantico de pan, haré la mezura.

MARTINA.

Ó preciuza rozua señura,
El cielo vuz cumpla deseuz vuestruz.

CASSANDRA.

Dadme una camiza azucal colado
Nieve de cira, firmal preciuzo.

LUCRECIA.

Dadme una saya, señur graciuzo,
Lirio de Grecia, mi cielo estrellado.

GIRALDA.

Señura, señura, dadme un tocado,
Antucha del cielo, sin cera y pavilo.
O ruza nacida en ribera del Nilo,
La Vírgen traya buen siño y buen hado.

LUCRECIA.

Andad acá, hermanaz, y vamuz
A estas señuraz de gran hermuzura;
Diremuz el siño, la buena ventura,
Daran sus mercedes para que comamuz.

CASSANDRA.

Llamemuz á Claudio antes que nuz vamuz,
Carmelio, Auricio y haremuz fiesta,
Como hecimuz ayer por la siesta:
Vé á llamarluz y nuz esperamuz.

(Vem os quatro ciganos, Liberto, Claudio, Carmelio, Auricio.)

CLAUDIO.

Cual de voz otroz, señurez,
Trocará un rocin mio,
Rocin que hubo de un judío
Ahora en páscoa de florez,
Y tengo dos especialez
Caballoz buenoz que talez.

AURICIO.

Señurez, yo trocaré un potro
Que tengo, por cualquier otro,
Si me volveiz mil realez.

CARMELIO.

Que dos burricos compré
Moriscoz prietos garridoz;
Ya loz hubiera vendidoz,
Mas antes loz trocaré.

CLAUDIO.

Oh señurez caballeroz,
Mi rocin tuerto os alabo,
Porque es calzado nel rabo,
Zambro de los piez trazeroz;
Tiene el pecho muy hidalgo,
Y cocea al cabalgar.

AURICIO.

Señurez, quereiz trocar
Mi burra viega á un galgo?

MARTINA.

No noz curemuz desaz faranduraz.

CLAUDIO.

Puez que quereiz, Martina, que hagamoz?

MARTINA.

Cantemos la fiesta antez que noz vamoz
A buscar luz siñuz á esas señuraz.

Cantiga.

« En la cocina estaba el asno
« Bailando,
« Y dijéronme, don asno,
« Que vos traen casamiento

« Y os daban en axuar
« Una manta y un paramiento
« Hilando. »

(Cantando e bailando ao som desta cantiga se forão ás Damas, e diz)

MARTINA.

Mantenga señuraz y rozas y ricaz.
De Grecia sumuz hidalgaz por Duz.
Nuestra ventura que fue cuntra nuz,
Por tierraz estrañaz nuz tienen perdidaz.
Dadnos esmula, esmeraldaz polidaz.
Que Diuz vuz defienda del amor de engaño,
Que muztra una mueztra y vende otro paño,
Y pone en peligro laz almaz y vidaz.

LUCRECIA.

Señuraz, quereiz aprender á hechizo,
Que sepais hacer para muchaz cozaz?

GIRALDA.

Escuchad aquello, señuraz hermozaz,
Por la vida mia qu'ez vuestro servizo.

LUCRECIA.

Si vuz, ruza mia, holgades con izo,
Hechizos sabreiz para que sepaiz
Los pensamientoz de cuantos miraiz,
Que dicen, que encubren, para vuestro avizo.

MARTINA.

Otro hechizo, que pozaiz mudar
La voluntad de hombre cualquiera,
Por firme que esté con fe verdadera,
Y vuz lo mudeiz á vuestro mandar.

GIRALDA.

Otro hechizo os puedo yo dar
Con que pudaiz, señuraz, saber
Cual es el marido que habeiz de tener,
Y el dia y la hora que habeiz de cazar.

CASSANDRA.

Mustra la mano, señura,
No hayas ningun recelo.
Bendígate Diuz del cielo,
Tú tienez buena ventura,
Muy buena ventura tienez,
Muchuz bienez, muchuz bienez,
Un hombre te quiere mucho,
Otroz te hablan de amurez;
Tú, señura, no te curez
De dar á muchuz escuto.

MARTINA.

Dadnuz algo, preciuza.

CASSANDRA.

Dadnuz algo, preciuza,
Puez que te digo tu sino,
Alguna poquita cuza.

LUCRECIA.

Muztra la mano, ruciña,
Lirio de hermozura,
Dirte he la buena ventura.
Mustra ca, señura mia,
Ora mustra aciña aciña.
Qué mano, qué siño, qué flurez!
Qué dama, qué ruza, qué perla!
Por mi vida que por verla

Olvide loz miz amurez.
Veamoz que dice el sino,
El recado que te vino
No lo creas, alma mia,
Que otra mas alegría
Te viene ya por camino.
  Durmiendo tú, fresca ruza,
Te viene el bien por la mar,
Luego tienez el mirar
De doncella muy dichuza.

GIRALDA.

Dioz te guarde hermozura,
Mustra la mano, señura;
Porné ciento contra treinta
Que de los piez á la cinta
Tienez la buena ventura.
Tú has de ser despozada
En Alcazar de Zal;
Con hombre bien principal
Te vernás bien empleada.

MARTINA.

  Pintura de Policéna
Dame acá, dulce serena,
Esa mano cristalina.
Buena dicha, perla fina,
Tienez la ventura buena;
Tú has de ser alcáideza
Cierto tiempo en Montemor;
Tu marido y tu amor
Será bien celoza pieza.

CASSANDRA.

Nueva ruza, nueva estrella,
O brancaz manoz de Izeu,
Tú cazarás em Viseu
Y ternás hornoz de tella.
Alli haz de edificar
Un muy rico palomar,
Y doz pares de molinoz,
Porque todoz loz caminoz
Á la puente van á dar.

LUCRECIA.

Dioz te guarde, linda flor,
Bendito sea el señor
Que tal hermosura cria.
Mustra la mano, alma mia,
Por vida del servidor.
Fiosanda cazaraz
Aqueste año que vem
Em Santiago de Cacem,
Mucho rica, mucho bem.
Buena ventura hallaráz,
Buena dicha, buena estrena,
Buena suerte, mucho buena,
Muchas carretas, señura,
Y mucha buena ventura,
Placiendo á la Madalena
Que guarde tu hermozura.

GIRALDA.

Muestra la mano, mi vida,
Aguela en tierras desiertaz
Dos personaz traez muertaz,

Porque erez desgradecida.
Tú cazarás en Alvito,
Señura, marido rico,
Muchos hijos, muchos bienes,
Mucho luenga vida tienez,
Buen siño, bueno bendito.

MARTINA.

Mis ojos de azor mudado,
Muéstrame la mano, hermana:
O mi señura Sant'Anna,
Qué sino, qué suerte, qué hado!
Qué ventura tan dichuza,
Tú señura graciuza.
Ternaz tierras y ganados,
Cuatro hijos mucho honrados,
Mucho oro y mucha coza.

CASSANDRA.

O mi ave fénix linda,
Mi sibila, mi señura,
Dame acá la mano ahura.
Hermozura de Esmerinda
Tú tienez muchos cuidados,
Y algunos desviados
De tu provecho, alma mia.
Tienez alta fantasia,
Y los mundos son mudados.
Un travesero que tienez,
De dentro dél hallaráz
Un espejo en que veráz
Muy claro todos tus bienez.

LUCRECIA.

Dad acá, garza real,
Gridonia natural,
Diré la buena ventura.
Viva tu gran hermozura,
Que esta mano ez divinal.
Unaz personaz te ayudan
Á una coza que quierez;
Estas son dambas mugerez,
Y otraz doz te desayudan.
Date un poquito á vagar,
Que àun está por comenzar
Lo bueno de tu ventura.
Confia en tu hermuzura,
Que ella te ha de descanzar.

GIRALDA.

Dad acá, Mayo florido,
Eza mano melibea.
Por bien, señura, te sea
Buen marido, buen marido.
Na Landera cazaráz,
Nunca te arrepentiráz,
Y iráz morar á Pombal,
Y dentro en tu naranjal
Un gran tesoro hallaráz.
El que ha de ser tu marido
Anda ahora trasquilado,
Mucho honrado, mucho honrado,
En muy bien siño nacido.
Naciste en buena ventura.

MARTINA.

Huerta de la hermozura,
Cirne de la mar salada,
Dioz te tenga bien guardada
Y muy segura.

CASSANDRA.

Señuraz, con benedicion
Os quedad, puez no dais nada.

LUCRECIA.

No vi gente tan honrada
Dar tan poco galardon.

Tornárão-se a ordenar em sua dança, e com ella se forão.

FARÇA DOS ALMOCREVES.

FIGURAS.

FIDALGO. — PAGEM. — CAPELLÃO. — OURIVES. — PERO VAZ, VASCO AFFONSO, *Almocreves.* — OUTRO FIDALGO.

Esta seguinte farça foi feita e representada ao muito poderoso e excellente Rei D. João, o terceiro em Portugal deste nome, na sua cidade de Coimbra na era do Senhor de 1526.

O fundamento desta farça he, que hum fidalgo de muito pouca renda usava muito estado, e tinha capellão seu e ourives seu, e outros officiaes, aos quaes nunca pagava : e vendo-se o seu Capellão esfarrapado e sem nada de seu, entra dizendo :

CAP. Pois que não posso rezar,
Por me ver tão esquipado,
Por aqui por este arnado
Quero hum pouco passear
Por espaçar meu cuidado.
E grosarei o romance
De *Yo me estaba en Coimbra*,
Pois Coimbra assim nos cimbra,
Que não ha quem preto alcance.

Grosa.

Yo me estaba en Coimbra,
Cidade bem assentada;
Pelos campos de Mondego
Não vi palha nem cevada.
Quando aquillo vi mesquinho,
Entendi que era cilada
Contra os cavallos da côrte
E minha mula pellada.
Logo tive a mao sinal
Tanta milhan apanhada,
E a peso de dinheiro
O mula desemparada.
Vi vir ao longo do rio
Hũa batalha ordenada,
Não de gente, mas de mus,
Com muita raiva pisada.
A carne está em Bretanha,
E as couves em Biscaia.
Sam capellão d'hum fidalgo
Que não tem renda nem nada;
Quer ter muitos apparatos,
E a casa anda esfaimada;
Toma ratinhos por pagens,
Anda ja a cousa damnada.
Quero-lhe pedir licença,
Pague-me minha soldada.

(Chega o Capellão a casa do Fidalgo, e fallando com elle, diz:)

CAP. Senhor, ja sera rezão...
FID. Avante, padre, fallae.

Cap. Digo que em tres annos vai
Que sam vosso capellão.
Fid. He grande verdade: avante.
Cap. Eu fôra ja do Iffante,
E pudera ser que d'ElRei.
Fid. Á bofé, padre, não sei.
Cap. Si, senhor, qu'eu sou d'estante,
Aindaque ca m'empreguei.
Ora pois veja, senhor,
Que he o que m'ha de dar,
Porque alem do altar
Servia de comprador.
Fid. Não vo-lo hei de negar:
Fazei-me hũa petição
De tudo quanto requereis.
Cap. Senhor, não me prolongueis,
Qu'isso não traz concrusão,
Nem vejo que a quereis.
Porque me fiz polo vosso
Clericus et negociatores.
Fid. Assi vos dei eu favores,
E disso pouco qu'eu posso
Vos fiz mais que outros senhores:
Ora hum clerigo que mais quer
De renda nem d'outro bem,
Que dar-lhe homem de comer,
Que he cada dia hum vintem,
E mais muito a seu prazer?
Ora a honra que se monta—
He capellão de fuão!
Cap. E do vestir não fazeis conta?

E esse comer com paixão,
E dormir com tanta affronta,
Que a coroa jaz no chão,
Sem cabeçal, e á hũa hora
E missa sempre de caça?
E por vos cair em graça
Servia-vos tambem de fóra,
Té comprar sibas na praça.
E outros cárregosinhos
Deshonestos pera mi.
Isto, senhor, he assi.
E azemel nesses caminhos,
Arre aqui e arre alli,
E ter cárrego dos gatos,
E dos negros da cozinha,
E alimpar-vo-los sapatos,
E outras cousas qu'eu fazia.

FID. Assi fiei eu de vós
Toda a minha esmolaria,
E daveis polo amor de Deos,
Sem vos tomar conta hum dia.

CAP. Dos tres annos qu'eu allego,
Da-la-hei logo sem pendenças:
Mandastes dar a hum cego
Hum real por endoenças.

FID. Eu isso não vo-lo nego.

CAP. E logo dahi a hum anno,
Pera ajuda de casar
Hũa orfan, mandastes dar
Meio covado de panno
D'Alcobaça por tosar.

E nos dous annos primeiros
Repartistes tres pescadas
Por todos esses mosteiros,
Na Pederneira compradas
Daquestes mesmos dinheiros.
  Ora eu recebi cem reaes
Em tres annos, contae bem,
Tenho aqui meio vintem.

FID. Padre, boa conta dais.
Ponde tudo n'hum item,
E fallae ao meu Doutor,
Que elle me fallará nisso.

CAP. Deixe Vossa Mercê isso
Pera ElRei nosso senhor,
E vós fallae-me de siso.
  Que como, senhor, me ficastes
(Isto dentro em Santarem)
De me pagardes mui bem...

FID. Em quantas missas m'achastes?
Das vossas digo eu porém.

CAP. Que culpa vos tem Çamora?
Por vós estão ellas nos ceos.

FID. Mas tomae-as para vós,
E guardae-as muit'embora,
Então pague-vo-las Deos:
  Que eu não gasto meus dinheiros
Em missas atabalhoadas.

CAP. E vós fazeis foliadas
E não pagais ó gaiteiro?
Isso são balcarriadas.
Se vossas mercês não hão

Cordel pera tantos nós,
Vivei vós áquem de vós,
E não compreis gavião,
Pois que não tendes piós.
  Trazeis seis moços de pé
E acrecentai-lhs a capa,
Coma rei, e por mercê,
Não tendo as terras do Papa,
Nem os tratos de Guiné,
Antes vossa renda encurta
Coma panno d'Alcobaça.

FID. Todo o fidalgo de raça,
Emque a renda seja curta,
Hé por fôrça qu'isso faça.
  Padre, mui bem vos entendo:
Foi sempre a vontade minha
Dar-vos a ElRei ou á Rainha.

CAP. Isso me vai parecendo
Bom trigo, se der farinha.
Senhor, se m'isso fizer,
Grande mercê me fará.

FID. Eu vos direi que será:
Dizei agora hum profaceo, a ver
Que voz tendes pera lá.

CAP. Folgarei eu de o dizer;
Mas quem me responderá?

FID. Eu.

CAP. *Per omnia secula seculorum.*

FID. *Amen.*

CAP. *Dominus vobiscum.*

FID. Avante.
CAP. *Sursum corda.*
FID. Tendes essa voz tão gorda,
Que pareceis alifante
Depois de farto d'açorda.
CAP. Peor voz tem Simão Vaz,
Thesoureiro e capellão
E peor o Adaião,
Que canta como alcatraz,
E outros que por hi estão.
Quereis que acabe a cantiga,
E vereis onde vou ter.
FID. Padre, eu hei de ter fadiga,
Mas d'ElRei haveis de ser:
Escusada he mais briga.
CAP. Sabeis em que está a contenda?
Direis: He meu capellão:
E ElRei sabe a vossa renda,
E rir-se-ha se vem á mão,
E remetter-m'ha á Fazenda.
FID. Se vós foreis entoado.
CAP. Que bem posso eu cantar
Onde dão sempre pescado,
E de dous annos salgado,
O peor que ha no mar?
(Vem hum Pagem dò Fidalgo, e diz:)
PAG. Senhor, o orives s'he alli.
FID. Entre. Quererá dinheiro.
Venhais embora cavalleiro:
Cobri a cabeça, cobri.
Tendes grande amigo em mi,

E mais vosso pregoeiro.
Gabei-vos hontem a ElRei
Quanto se póde gabar,
E sei que vos ha de occupar,
E eu vos ajudarei
Cada vez que m'hi achar.
Porque ás vezes estas ajudas
São melhores que cristeis,
Porque so a fama que haveis,
E outras cousas meudas
O que valem ja sabeis.

OUR. Senhor, eu o servirei
E não quero outro senhor.

FID. Sabeis que tendes melhor?
(Eu o dixe logo a ElRei,
E faz em vosso louvor:)
Não vos dá mais que vos paguem,
Que vos deixem de pagar.
Nunca vi tal esperar,
Nunca vi tal avantagem,
Nem tal modo de agradar.

OUR. Nossa conta he tão pequena,
E ha tanto que he devida,
Que morre de promettida,
E peço-a ja com tanta pena,
Que depenno a minha vida.

FID. Ora olhae esse fallar
Como vai bem martelado!
Folgo não vos ter pagado,
Por vos ouvir martelar
Marteladas de avisado.

OUR. Senhor, bejo-vo-las mãos,
Mas o meu queria eu na mão.
FID. Tambem isso he cortezão:
« Senhor, beijo-vo-las mãos,
O meu queria eu na mão. »
Que bastiães tão louçãos!
Quanto pesava o saleiro?
OUR. Dous marcos bem, ouro e fio.
FID. Essa he a prata: e o feitio?
OUR. Assaz de pouco dinheiro.
FID. Que val com feitio e prata?
OUR. Justos nove mil reaes.
E não posso esperar mais,
Que o vosso esperar me mata.
FID. Rijamente m'apertais.
E fazeis-me mentiroso,
Qu'eu gabei-vos d'outro geito;
E s'eu tornar ao defeito,
Não sera proveito vosso.
OUR. Assi que o meu saleiro peito?
FID. Elle he dos mais maos saleiros,
Que em minha vida comprei.
OUR. Ainda o eu tomarei
A cabo de tres janeiros
Que ha que vo-lo eu fiei.
FID. J'agora não he rezão;
Eu não quero que vós percais.
OUR. Pois porque me não pagais?
Que eu mesmo comprei carvão
Com que me encarvoiçais.
FID. Moço, vae-me ver o que faz ElRei,

Se parecem Damas lá:
Este dia não se va
Em pagarás, não pagarei.
E vós tornae outro dia ca.
  Se não achardes a mi,
Fallae c'o meu Camareiro,
Porque elle tem o dinheiro,
Que cada anno vem aqui
Da renda do meu celeiro;
E delle recebereis
O mais certo pagamento.

OUR. E pagais-me ahi c'o vento,
Ou com as outras mercês?

FID. Tomae-lhe vós lá o tento.

(Indo-se o Capellão, vai dizendo:)

CAP. Estes hão d'ir ao paraiso?
Não creio eu logo nelle.
Eu lhes mudarei a pelle:
Daqui avante siso, siso,
Juro a Deos que m'abroquele.

(Vem o Pagem com recado e diz:)

PAG. Senhor, in-Rei s'he no Paço.

FID. Em que casa?

PAG. Isto abasta.

FID. O recado qu'elle dá!
Ratinho es de ma casta.

PAG. Abonda, bem sei eu o qu'eu faço.

FID. Abonda! olhae o villão.
Damas parecem per hi?

PAG. Si, senhor, damas vi,
Andavão pelo balcão.

FID. E quem erão?

PAG. Damas mesmas.

FID. Como as chamão?

PAG. Não as chamava ninguem.

FID. Ratinhos são abantesmas,
E quem por pagens os tem.
Eu hei de fazer por haver
Hum pagem de boa casta.

PAG. Ainda eu hei de crescer:
Castiço sam eu que basta,
Se me Deos deixa viver.
Pois o mais o deprenderei,
Como outros como eu per hi.

FID. Pois faze-o tu assi,
Porque has de ser d'ElRei,
Moço da Camara ainda.

PAG. Boa foi logo ca a vinda.
Assi que até os pastores
Hão de ser d'ElRei samica!
Por isso esta terra he rica
De pão, porque os lavradores
Fazem os filhos paçãos.
Cedo não ha de haver villãos:
Todos d'ElRei, todos d'ElRei.

FID. E tu zombas?

PAG. Não, mas antes sei
Que tambem alguns christãos
Hão de deixar a costura.

(Torna o Capellão)

CAP. Vossa Mercê por ventura
Fallou ja a ElRei em mi?

FID. Ainda geito não vi.
CAP. Não seja tão longa a cura
Como o tempo que servi.
FID. Anda ElRei tão occupado
Co'este Turco, co'este Papa,
Co'esta França, co'esta trapa,
Que não acho vao azado,
Porque tudo anda solapa.
Eu entro sempre ao vestir;
Porém pera arrecadar
Ha mister grande vagar.
Podeis-me em tanto servir,
Até qu'eu veja logar.
CAP. Senhor, queria concrusão.
FID. Concrusão quereis? Bem, bem,
Concrusão ha em alguem.
CAP. Concrusão quer concrusão,
E não ha concrusão em nada.
Senhor, eu tenho gastada
Hũa capa e hum mantão;
Pagae-me a minha soldada.
FID. Se vos podesseis achar
A altura de Leste a Oeste,
Pois não tendes voz que preste,
Perequi era o medrar.
CAP. E vós pagais-me c'o ar?
Mao caminho vejo eu este. *(Vai-se.)*
PAG. Deve-o ElRei de tomar,
Que lucta coma damnado.
Elle he do nosso logar;
De moço guardava gado,

Agora veio a bispar.
 Mas não sinto capellão.
Que lhe chante hum par de quedas,
E chama-se o Labaredas.

FID. E ca chama-se Cotão,
Mais fidalgo que os Azedas.
Satisfação me pedia,
Que he peor de fazer
Que queimar toda Turquia;
Porque do satisfazer
Nasceo a melancholia.

(Vem Pero Vaz, almocreve, que traz hum pouco de fato do Fidalgo, e vem tangendo a chocalhada e cantando:)

PERO. «A serra he alta, fria e nevosa,
«Vi venir serrana gentil, graciosa.»
 Arre, mulo namorado,
Que custaste no mercado
Sete mil e novecentos
E hum traque pera o siseiro.
Apre, ruço, acrecentado
A moradia de quinhentos,
Paga per Nuno Ribeiro.
Dix, pera a paga e pera ti.
Arre, arre, arre embora,
Que ja as tardes são d'amigo.
Apre, besta do ruim.
Uxtix! o atafal vai por fóra
E a cilha no embigo.
São diabos pera os ratos
Estes vinhos da Candosa.

« A serra he alta fria e nevosa,
« Vi venir serrana, gentil, graciosa. »
Apre ca ieramá,
Que te vas todo torcendo,
Como jogador de bola.
Uxtix, uxte xulo ca,
Que t'eu dou irás gemendo
E resoprando sob a cola.
Ao corpo de mi Tareja,
Descobris-vos vós na cama.
Parece? Dix, pera vossa ama:
Não criarás tu hi vareja.
« Vi venir serrana, gentil, graciosa,
« Cheguei-me per'ella con gran cortezia. »
Mando-vos eu suspirar
Pola padeira d'Aveiro,
Que haveis de chegar á venda,
E então alli desalbardar,
E albardar o vendeiro,
Se não tiver que vos venda
Vinho a seis, cabra a tres,
Pão de calo, filhós de manteiga,
Moça formosa, lençoes de veludo,
Casa juncada, noite longa,
Chuva com pedra, telhado novo,
A candeia morta, gaita á porta.
Apre, zambro, empeçarás.
Olha tu não te ponha eu
Oculos na rabadilha,
E verás per onde vás,

Demo que t'eu dou por seu,
E andarás lá de cilha.
«Cheguei-me a ella de gran cortezia,
«Disse-lhe: Senhora, quereis companhia.»

(Vem Vasco Affonso, outro almocreve, e topão-se ambos no caminho:)

PERO. Hou, Vasco Affonso, onde vás?
VASCO Uxtix, por esse chão.
PERO. Não traes chocalhos nem nada?
VASCO Furtárão-m'os lá detraz
Hum fideputa ladrão
N'a venda da repeidada.
PERO. Hi bebemos nós á vinda.
VASCO Cujo he o fato, Pero Vaz?
PERO. D'hum fidalgo. Dou ó diabo
O fato e o seu dono co'elle.
VASCO Valente almofreixe traz.
PERO. Toma o mu de cabo a rabo.
VASCO Pardeos, cárrega leva elle.
PERO. Uxtix, agora não pacerão elles,
E lá por essas charnecas
Vem roendo as urzeiras.
VASCO Leix'os tu, Pero Vaz, qu'elles
Achão aqui as hervas seccas,
E não comem giesteiras.
E quanto te dão por bêsta?
PERO. Não sei, assi Deos m'ajude.
VASCO Não fizeste logo o preço?
Mal has tu de livrar desta.
PERO. Leixei-o em sua virtude,
No qu'elle vir qu'eu mereço.

VASCO Em sua virtude o leixaste?
E tra-la elle comsigo,
Ou ha d'ir buscá-la ainda?
Oh que aramá te fretaste!
Queres apostar comigo
Que tu renegues da vinda?
PERO. Elle poz desta maneira
A mão na barba e me jurou
De meus dinheiros pagá-los.
VASCO Essa barba era inteira
A mesma em que te jurou,
Ou bigodezinhos ralos?
PERO. Ora Deos sabe o que faz,
E o Juiz de Samora:
De fidalgo he manter fé.
VASCO Bem sabes tu, Pero Vaz,
Que fidalgo ha ja agora,
Que não sabe se o he. —
Como vai a ta mulher
E todo teu gasalhado?
PERO. O gasalhado hi ficou.
VASCO E a mulher?
PERO. Fugio.
VASCO Não póde ser!
Como estarás magoado,
Ieramá!
PERO. Bofá não estou. —
Uxtix, sempre has d'andar
Debaixo dos sovereiros? —
(Para o mulo.)
E a mi que me dá disso?

VASCO Por fôrça t'ha de pezar
Se rirem de ti os vendeiros.
PERO. Não tenho de ver co'isso.
Vae, Vasco Affonso, ao teu mu,
Que se quer deitar no chão.
VASCO Peza-te, mas desingulas.
PERO. Não peza; bem sabes tu
Que as mulheres não são
Todo o Verão senão pulgas.
Isto he quanto á saudade
Que eu della posso ter;
E quanto ao rir das gentes,
Ella faz sua vontade;
Foi-se per hi a perder,
E eu não perdi os dentes.
Ainda aqui estou inteiro,
Vasco Affonso, como d'antes,
Filho de Affonso Vaz,
E neto de Jan Diz pedreiro,
E de Branca Annes d'Abrantes.
Não me faz nem me dasfaz.
Do que me fica gran dó,
Que teve razão de s'ir,
E em parte não he culpada;
Porque ella dormia so,
E eu sempre ia dormir
C'os meus mus á Meijoada.
Queria-a eu ir poupando
Pera lá pera a velhice,
Como colcha de Medina;
E ella, mósca Fernando,

Quando vio minha pequice,
Foi descobrir outra mina.

VASCO E agora que farás?

PERO. Irei dormir á Cornaga,
E ámanhan á Cucanha;
E tu vae, embora vas,
Qu'eu vou servir esta praga,
E veremos que se ganha.

(Vai cantando.)

« Disse-lhe, senhora, quereis companhia?
« Disse-me, Escudeiro, segui vossa via. »

PAG. Senhor, o almocreve he aquelle,
Que os chocalhos ouço eu:
Este he o fato, senhor.

FID. Ponde todos côbro nelle.

PERO. Uxtix, mulo do judeu! —
O fato hu s'ha de pôr?

PAG. Venhais embora, Pero Vaz.

PERO. Mantenha Deos vossa mercê.

PAG. Viestes polas Folgosas?

PERO. Ahi estive eu hoje faz
Oito dias pé por pé,
Em casa d'hũas tias vossas.

PAG. Ora meu pae que fazia?

PERO. Cavando andava bacelo,
Bem cansado e bem suado.

PAG. E minha mãe?

PERO. Levava o gado
Lá pera Val de Cobelo,
Mal roupada qu'ella ia.
Uxtix, que mao lambaz! —

E vossa mercê que faz?
PAG. Estou loução como que.
PERO. E á bofé creceis assaz.
Saude que vos Deos dê.
PAG. Eu sam pagem de meu senhor,
Se Deos quizer pagem da lança.
PERO. E hum fidalgo tanto alcança?
Isso he d'Imperador.
Ora prenda ElRei de França.
PAG. Ainda eu hei de chegar
A cavalleiro fidalgo.
PERO. Pardeos, João Crespo Penalvo,
Que isso sería esperar
De mao rafeiro ser galgo.
Mais fermoso está ao villão
Mao burel, que mao frisado,
E romper matos maninhos;
E ao fidalgo de nação
Ter quatro homens de recado,
E leixar lavrar ratinhos.
Qu'em Frandes e Alemanha,
Em toda França e Veneza,
Que vivem por siso e manha,
Por não viver em tristeza,
Não he como nesta terra;
Porque o filho do lavrador
Casa lá com lavradora,
E nunca sabem mais nada,
E o filho do broslador
Casa com a brosladora:
Isto per lei ordenada.

E os fidalgos de casta
Servem os reis e altos senhores,
De tudo sem presumpção,
Tão chãos, que pouco lhes basta.
E os filhos dos lavradores
Pera todos lavrão pão.

PAG. Quero ir dizer de vós.

PERO. Ora ide dizer de mi;
Que se grave he Deos dos ceos,
Mais graves deoses ha aqui.

(Ao Fidalgo.)

PAG. Senhor, alli vém o fato,
E está á porta o almocreve:
Vêde quem lhe ha de pagar
Isso tal que se lhe deve.

FID. Isto he com que m'eu mato.
Quem te manda procurar?
Attenta tu polo meu,
E arrecada-o muito bem,
E não cures de ninguem.

PAG. Elle he d'apar de Viseu,
E homem que me pertem;
Pois a porta lhe abri eu.

(Entra dentro o almocreve e diz:)

PERO. Senhor, trouxe a frascaria
Do vossa mercê aqui.
Hi estão os mus albardados.

FID. Essa he a mais nova arabia
D'almocreve que eu vi:
Dou-te vinte mil cruzados.

PERO. Mas pague-me vossa mercê

O meu aluguer, nó mais,
Que me quero logo ir.
FID. O aluguer quanto he?
PERO. Mil e seis centos reaes,
E isto por vos servir.
FID. Fallae c'o meu azemel,
Porque he doutor das bêstas
E astrologo dos mus,
Que assente em hum papel
Per avaliações honestas
O que se monta: ora sus.
Porque esta he a ordenança
E estilo de minha casa;
E se o azemel for fóra,
Como cuido que he em França,
Dareis outra volta á massa,
E ir-vos-heis por agora.
Vossa paga he nas mãos.
PERO. Ja a eu quizera nos pés,
Ó pesar de minha mãe.
FID. E tens tu pae e irmãos?
PERO. Pagae, senhor, não zombeis,
Que sou d'alem do sertão,
E não posso ca tornar.
FID. Se ca vieres á côrte,
Pousarás aqui c'os meus.
PERO. Nunca mais hei de fiar
Em fidalgo desta sorte,
Emque o mande San Matheus,
FID. Faze por teres amigos,
E mais tal homem com'eu,

Porque dinheiro he hum vento.

PERO. Dou eu ja ó demo os amigos
Que me a mi levão o meu.

(Vai-se o almocreve, e vem outro Fidalgo, e diz o)

F. 1.º Oh que grande saber vir,
E que gran saber-me a vontade!

F. 2.º Pois, senhor, que vos parece?
Desejo de vos servir,
E não quero que venha á cidade
Hum quem não parece esquece.

F. 1.º Paguei soma de dinheiro
A hum ourives agora,
De prata que me lavrou,
E paguei a hum recoveiro,
Que he a dar dinheiros fóra
A quem não sei como os ganhou.

F. 2.º Ganhão-nos tão mal ganhados,
Que vos roubão as orelhas.

F. 1.º Pola hostia consagrada
E polo Deos consagrado,
Que os lobos nas ovelhas
Não dão tão crua pancada.
Polos sanctos avangelhos,
E polo *omnium sanctorum*,
Que até o meu capellão,
Por mézinhas de coelhos
E hũa *secula seculorum*,
Lhe dou por missa hum tostão.
Não ha ja homem em Portugal,
Tão sujeito em pagar,

Nem tão forro pera mulheres.
F. 2.º Guardae vós esse bem tal,
Que a mi hão-me de matar
Bem me queres mal me queres.
F. 1.º Por quantas damas Deos tem
Não daría nem migalha.
Olhae que descubro isto.
F. 2.º Sam tão fino em querer bem,
Que de fino tomo a palha,
Pola fé de Jesu Christo.
Quem quereis que veja olhinhos,
Que se não perca por elles,
Lá per huns geitinhos lindos,
Que vos mettem em caminhos,
E não ha caminhos nelles,
Senão espinhos infindos?
F. 1.º Eu ja não hei de penar
Por amores de ninguem;
Mas dama de bom morgado,
Aqui vai o remirar,
Aqui vai o querer bem,
E tudo bem empregado.
Que porque dance mui bem,
Nem bailar com muita graça.
Seja discreta, avisada,
Fermosa quanto Deos tem —
Senhor, boa prol lhe faça,
Se seu pae não tiver nada.
Não sejais vós tão Mancias,
Que isso passa ja d'amor,
E cousas desesperadas.

F. 2.º Porém lá por vossas vias
Vou-vos esperar, senhor,
A rendeiro das jugadas.
Porque galante caseiro
He pera pôr em historia.
F. 1.º Mas zombae, senhor, zombae.
F. 2.º Senhor, o homem inteiro
Não lh'ha de vir á memoria
Co'a dama o de seu pae;
Nem ha mais de desejar
Nem querer outra alegria,
Que so *Los tus cabellos niña.*
Não ha hi mais que esperar
Onde he esta cantiguinha.
E, *Todo o mal he de quem no tem.*
E, *Se o disscrem digão — Alma minha,*
Quem vos anojou, meu bem:
Hei os todos de grosar,
Ainda que sejão velhos.
F. 1.º Vós, senhor, vindes tão bravo,
Que eu hei-vos medo ja.
Polos sanctos evangelhos
Que levais tudo ao cabo,
Lá onde cabo não ha.
F. 2.º Zombais e dais a entender
Zombando, que m'entendeis.
Pois de vós mui alto estou,
Porque deveis de saber
Que se d'amor não sabeis,
Não podeis ir onde eu vou.
Quando fordes namorado,

Vireis a ser mais profundo,
Mais discreto e mais subtil,
Porque o mundo namorado
He lá, senhor, outro mundo,
Que está alem do Brasil.
Oh meu mundo verdadeiro!
Oh minha justa batalha!
Mundo do meu doce engano!

F. 1.º Oh palha do meu palheiro,
Que tenho hum mundo de palha,
Palha ainda d'ora a hum anno;
E tenho hum mundo de trigo
Pera vender a essa gente.
Boa cabeça tem Morale.
Não quero d'amor, amigo,
Andar gemente e flente
In hac lacrymarum valle.

F. 2.º Vou-me; vós não sois sentido,
Sois mui duro do pescoço;
Não vale isso nem migalha:
Pesa-me de ver perdido
Hum homem fidalgo ensoço,
Pois tem a vida na palha.

O CLERIGO DA BEIRA.

FIGURAS.

HUM CLERIGO. — FRANCISCO, *seu Filho.* — GONÇALO, *Villão.* — ALMEIDA, DUARTE, *Moços do Paço.* — HUM NEGRO. — HUMA VELHA. — CEZILIA PEDREANES.

Segue-se outra farça de folgar, que trata como hum Clerigo da Beira, vespora do Natal, determinou d'ir aos coelhos; e indo pera a caça com hum filho seu rézão as matinas. Trata-se outro si de hum villão, que indo vender á Côrte huma lebre e huns capões, e hum cabaz com fruita, foi roubado, que até o chapeirão lhe furtárão: o qual furto foi descuberto por Cezilia demoninhada, em que dizião que fallava hum Pedreanes. Foi representada ao muito poderoso e christianissimo Rei D. João, o terceiro do nome em Portugal, em Almeirim, era do Senhor de 1526.

(Entra o Clerigo com seu filho Francisco, e diz o filho:)

FRAN. Vós haveis de celebrar
Missa de festa em pessoa,
E não fazeis a coroa

Antes que vamos caçar?
Pois, pae, não haveis d'olhar
Que sois clerigo da Beira,
Porque a gente cabreira
Em tudo quer attentar.

CLER. Ta mãe m'a trosquiará,
Não cures tu de conselhos;
Cacemos nós dos coelhos,
Que isso á noite se fará.

FRAN. Sabeis, pae, qu'esqueceo lá
A furoa?

CLER. Vae por ella.

FRAN. De hũa legua hei d'ir trazê-la?
Melhor viva eu que lá va.

CLER. Pesar da ida e da vinda,
Vae, torna pola furoa.

FRAN. Va lá quem tiver coroa,
Que eu não na tenho ainda.

CLER. Creio que a vara ha d'andar,
S'isso vai dessa maneira:

FRAN. Eu não sou vossa oliveira
Que a haveis de varejar.

CLER. Renego destas respostas:
Vae muito asinha.

FRAN. Eu creio
Que cuidais que sou correio
Que vai e vem polas postas.

CLER. Cre tu se me a mim não fôra
Que ta mãe logo s'assanha,
Ja t'eu dera hũa tamanha,
Que tu foras logo essora.

Requeiro-te que vas embora,
Ante que se assanhe o abbade.

Fran. Ainda eu não tenho vontade,
Lá he ella algures fóra.

Cler. Vae, Francisco.

Fran. Si, irás.
Ide vós: não tendes pés?

Cler. Filho de clerigo es,
Nunca bô feito farás.

Fran. Peores são os de Frei Mendo,
E os do Beneficiado,
Que vão tomar o bocado
Que seu pae está comendo.

Cler. Vae, que ja está no cortiço,
Senão tomá-la e trazê-la.

Fran. Ja ma ora vou por ella,
Mas hei de furtar chouriço.

(Vai o moço pela furoa e fica o Clerigo antre si dizendo:)

Cler. Medraria este rapaz
Na côrte mais que ninguem,
Porque lá não fazem bem
Senão a quem menos faz.
Outras manhas tem assaz,
Cada hũa muito boa:
Nunca diz bem de pessoa,
Nem verdade nunca a traz.
Mexerica que por nada
Revolverá San Francisco;
Que pera a Côrte he hum visco,
Que caça toda a manada.

(Vem o filho com a furoa, e diz:)

FRAN. Ja minha mãe tem tascada
A regueifa do bautismo:
Andae vós ca, pae, ao bismo,
Que ella não lh'escapa nada.

CLER. Rezemos matinas logo,
Antes que entremos á caça;
Que como homem s'embaraça
Nella, não he senão fogo.

FRAN. Matinas de ca da Beira,
Ou como quereis rezar?

CLER. Si, pera que he mudar
Cada dia hũa maneira?
Porque os capellães d'ElRei,
Que ca na Beira tem renda,
Se rézão lá d'outra lei,
Tem outra lei de fazenda.
Mas Deos dê muita prebenda
A Antone Alvares, que he rezão
Que elle e outros que lá estão,
Nos leixárão esta lenda.

FRAN. Nome de Deos começar.

CLER. *Pater noster.*

FRAN. Que siso!
Na caça pera que he isso,
Senão *Domine labia?* Andar.

CLER. *Domine labia mea,*
Tu priol a pé irás.

FRAN. Se cansares, assentar-te-has,
Pois que não tens facanea.

CLER. *Venite, exultemus,*

Que cães e furão que temos
Pera tempo de mister!

Fran. *Domine Dominus noster*
Nos dê com que os manter,
E coelhos que levemos.

Cler. *Cœli enarrant gloriam Dei*,
Não cuide Papa nem Rei
Que está no cume da serra.

Fran. *Domini est terra*,
Que he senhor de toda grei.

Cler. Ora *te Deum laudamus*,
Pois que tal manhan levamos
Pera provarmos a perra.

Fran. *Jubilate Deo, omnis terra:*
Diz que rezemos e vamos.

Cler. Assi manda *Deus, Deus meus*,
E nos dá dia par'elles.

Fran. *Lauda Dominum de cœlis*,
Pois os coelhos são seus.

Cler. *Cantate:* diz que cantemos
Cantar novo e não usado.

Fran. Cante o Beneficiado,
Que nós pouco pão colhemos.

Cler. *Laudate Deum, omnes gentes*,
Laudate Nuno Ribeiro,
Que nunca paga dinheiro,
E sempre arreganha os dentes.

Fran. *Levavi oculos meos*,
Vi que os dinheiros alheios
Muitos os repartem crus.

Cler. *Nisi quia Dominus*

Nos dará os melhores meios.
FRAN. *Qui confidunt in Domino*
Tem esperança direita.
CLER. *In convertendo* boa peita
Deste tal não hajas dó.
FRAN. *Beati omnes* que tem,
Que estes podem dizer bem
Lætatus sum in iis.
CLER. *Laudate, Hierusalem,*
A todo o homem que tem
Vintens, tostões e ceitís.
FRAN. *Sæpe expurgaverunt me:*
Diz a lyra na sua grosa,
Que he cousa perigosa
Andares á caça a pé.
CLER. Se beato immaculato
M'emprestasse o seu mulato,
Mas não sei se quererá.
FRAN. *Jam lucis orto* si dará
Em que leves ti e o fato.
CLER. *Dixit Dominus* que tinha
Hũa muito boa asninha,
Non sede a dextris meis.
FRAN. *Donec ponam* tem seis
E mais hũa mulatinha;
Vêde se as havereis.
CLER. *Beatus vir* que tem sendeiro,
Que lhe aparou *Deus deorum.*
FRAN. *Habet consilium impiorum*
Não o emprestar sem dinheiro.
CLER. *Deus in nomine tuo* de graça

Salva-me na tua faça.

FRAN. Com dous arrateis de vacca
Escusarieis a caça.

CLER. Ir á caça cada dia
Aleluia, aleluia.

FRAN. Vamo-nos a bom bispo,
Pedrada no teu toutiço.

CLER. *Oremus.*

FRAN. Bem faremos.

CLER. Venhão-me os cães,
As redes e o furão,
Mas o coelheiro não.
Que vives e reinas
Na villa do Pedregão.

FRAN. Abem.

CLER. *Requescant in pacem.*

FRAN. Maos pagadores te paguem.

CLER. *Inducas in tentationem.*

FRAN. Responda-te Luiz Homem.

CLER. *Exaudi orationes nostras.*

FRAN. Azambujo nessas costas.

CLER. *Pater noster.*
Torna a casa muito prestes
E leva esse breviairo.

FRAN. Em dia de algum fadairo
Foi quando vós, pae, nacestes;
Porém se eu lá volver
Benzei-vos se! ea vier.

CLER. Virás, Francisco; ora vae,
Que filho es de bom pae,
E ta mãe boa mulher.

Dize-lhe que s'eu tardar,
Que tanja a vespora e repique
Muito bem, porque não fique
A festa sem repicar.
E ha mister que correja
Muito bem essa igreja,
E as galhetas bem sabe ella
Que hão ja mister barrella;
E olhe tudo e proveja.
Anda Tejo á Fragueira.
E dirás a ta mãe mais,
Que me guarde os corporaes,
Que ficão na cantareira.
E o calez achará
No almáreo de ca
Atado c'os seus toucados,
E os amitos pendurados
Onde a minha espada está.
E a vestimenta achará
Dobrada sôbre a albarda.
Que ponha tudo em guarda,
Como ella sabe ja.
E que alimpe bem a pia,
Não asse sempre castanhas;
E tire as teas d'aranhas
Á mártel Sancta Luzia.
E solte a cabra tambem,
Que está presa pela estola,
E logo não seja tola,
Que correja tudo bem.
Porque se Deos ca aportar

Marcos Estèves da côrte,
E achar tudo dessa sorte,
Vê-lo-heis vós espirar — ai, ai.
Á ribeira, que esse he elle,
Polos sanctos evangelhos;
Ja lhe elle pruem os artelhos,
E se lhe escarrapiça a pelle.

Cão. Ham, ham.

Cler. Guard'o cabrão.

Cão. Ham, ham.

Cler. Ora, cadella.

Cad. Hao, hao.

Cler. Ei-lo vai pola portella.
Sem cadella e sem cão!
Oh renego da vida,
Perdoe-me Deos consagrado.
Algum grande excommungado
Me olhou á minha partida.

(Vem hum filho d'hum lavrador, e traz hum cesto cuberto e hũa lebre e dous capões, e chegando ao Clerigo diz:)

Gonç. Ora Deos vos dê prazer.

Cler. Que he isso que levas hí?

Gonç. Huns marmelos levo aqui,
Samicas pera vender,
E esta lebre pera haver
Dinheiro dos cortesões;
E levo este par de capões,
E limões pera os comer,
Qu'elles dinheiro terão.

Cler. Pois que vas vender á côrte,

Ólha bem pelo virote,
Não te fies de rascão.

GONÇ. E rascões que aves são?
Samicas são alguns bichos.

CLER. Mas são lobos pera michos,
E raposos de nação.

GONÇ. Bem hei de saber vender.

CLER. E elles melhor comprar.
Se te puderem furtar
As orelhas, has de ver.

GONÇ. Não me quero mais deter;
Vou-me e Deos va comigo.

CLER. Olha bem por ti, amigo.

GONÇ. Bem sei o que hei de fazer.

(Entrão dous moços do Paço muito loução, hum chamado Duarte, outro Almeida, o qual começa dizendo ao Duarte:)

ALM. A tormenta da ma vida
Que eu levo neste Paço,
Sabes que conta lhe faço?
Que vou n'hũa nao perdida,
Rota pelo espinhaço.

DUAR. Bom dizer he esse, porém
Dae a Deos tal apontar.

ALM. Isso não será zombar?
Ja me disse não sei quem
Bem do vosso motejar.

DUAR. Abasta: folguei de ver
Sair-vos Tullio do seio:
Muitos criará o centeio,
Mas poucos de tal saber.

Alm. Logo vos forão dizer
Qu'era eu ratinho, senhor.
Duar. Não sei, vós tomastes côr,
Eu não sei que isso quer ser.
E vejo-vos, mano, morto,
E tendes ar de mirrado.
Alm. Vós estais mais aguçado
Que canivete do Porto.
Viva o Conde do Redondo,
Que lhe furtais quanto tendes;
Mas da sua graça mendes
Vos acho eu todo mondo.
Duar. Logo fallais per mondar,
Como homem daquella terra:
Ja vós verieis na serra
Algum gadozinho andar,
Não digo eu pera o guardar,
Senão ve-lo-heis pacer,
E pera vosso prazer
Sabereis assobiar.
Alm. Per muitas fórmas zombais,
Fôrmas bem as conheceis;
Olhae não vos demudeis
Primeiro que m'entendais.
Duar. Assi como bafejais,
Inda me cheirais a nabos.
Alm. Bem parece que a dous cabos
Cozeis tudo o que fallais.
Duar. Eu vejo vir hum villão,
Hei-o certo de abraçar,
Porque se póde acertar

Que será algum vosso irmão.
Guarda-porcos, dá ca a mão.

GONÇ. Nunca os guardei per mi,
Mas ja eu a vosso pae vi
Morder hum bom cordavão.

ALM. Parece-me que per sua arte
Vos sacode elle a badana.
Dos michos desta somana
Te dou, villão, minha parte.
Olhae ca, Senhor Duarte.

DUAR. Almeida, que me quereis?
Tantas cousas pareceis,
Que não sei de qual me farte.
Porque he certo que eu vos vi
Levar ja a merenda á vinha,
E ca pregais a boquinha
Como Dom Priol daqui.
E propriamente assi
Sabeis tudo, ah narizinhos!
E onde fordes vizinhos
Grande frio fará alli.

GONÇ. Bofá vejo eu Portuguezes
Da côrte muito alterados,
Mais propinquos dos arados
Que parentes dos Menezes.

DUAR. Oh fideputa avisado!
E o villão he castiço:
O rapaz rapa chouriço,
Rapaz mouro emgrageijado.

GONÇ. Vós sombreiro acutilado,
Cuidareis que sois alguem?

Pois vos eu conheço bem,
Fallae vós mais conchavado.

DUAR. Rapaz, es tão namorado!
Ora falla sem sabor,
Rapaz, que mudas a côr.

GONÇ. Ora estais bem aviado.

ALM. Vendes a lebre, villão?

GONÇ. Si, fidalgo.

ALM. Mostra ca:
Quanto a dás? que custará?

GONÇ. Samicas meio tostão.

ALM. E no cesto, que tens lá?

GONÇ. Trago aqui estes capões,
E bons marmelos valentes,
Se delles fordes contentes;
E er tambem trago limões
Pera aguçardes os dentes.

(Enquanto Gonçalo se abaixa a descobrir o cesto pera mostrar tudo o que traz, foge Almeida e leva a lebre, e Gonçalo achando-a menos, diz:)

GONÇ. E a lebre que foi della?

DUAR. Que sei eu?

GONÇ. Hu-lo parceiro?

DUAR. Não te deu elle o dinheiro?

GONÇ. Pardeos de graça vai ella:
Lá a leva elle o escudeiro.

DUAR. Vae, vae correndo asinha,
Que inda agora vai per hi.

GONÇ. Olhae-me vós perequi,
Porque ella não era minha,

E he mal perdê-la assi.

DUAR. Oh que gostoso villão,
E que boa festa temos!
Almeida e eu partiremos
Como irmão com irmão.

GONÇ. Hou mulher do amarello,
Viste ca, se vem á mão,
Hum fidalgo terrastão
Com hũa lebre no capello?
Hou vós do sacco de palha,
Viste-me ca minha lebre?
Oh! dou-me a Deos que me leve,
Não hei de achar nem migalha.
Dize, senhor sapateiro,
A minha lebre vai ca?
Pera que he buscá-la ja!
Dou ó demo o escudeiro.
Leve-a por amor de Deos,
Pola alma de meus finados,
Porque lhe somos obrigados,
Eu e todos meus ereos.

(Duarte tanto que Gonçalo se partio a buscar a lebre, foi-se e levou o cesto e os capões, e diz Gonçalo quando não acha novas da lebre:)

Peor he que me dá ca
Na vontade que os capões
Forão c'os outros rascões
Caminho da íra ma.
Pardeos, tal vos he ella a vós:
Isto he o com que eu renego.

Fizera mais hum Gallego
Na metá de huns matos sos?
Hũa escandola com'esta
Enche de birra a pessoa;
Nem tal chufa não he boa
Pera vespera de festa.
  Como assi se usa ca?
Ai eramá que he mal;
Que quem furta hum furto tal
Outro melhor furtará.
As almas dos cortezões
São coma nao sem govêrno,
Porque cuidão que o inferno
Que se come com limões.
  O carmelita nos sermões
Bem lhes mostra o paraiso,
Mas tanto vem elles isso
Como eu vejo os meus capões.

(Indo assim Gonçalo tornando pera a sua aldea, torna a achar o Clerigo, o qual lhe diz:)

CLER. Ja tu, Gonçalo, vendeste?
Asinha tu despachaste.
GONÇ. Praza ao martyr Santiaste
Que nunca lh'a lebre preste.
Abaste, eu não fui sesudo.
CLER. Conta, roge-t'o, Gonçalo.
GONÇ. Mais porei eu em contá-lo,
Que elles em furtar-me tudo.
CLER. Estava isso mao de ver.
GONÇ. Sois proféteguo, padrinho:

Mas se eu tórno outro caminho,
Não ha ella assi de ser.
Porém quereis-me dizer
Hum responso ou hũa aquesta,
Que m'apare Deos a cesta,
E dar-vos-hei do que tiver?

CLER. Se queres *miracula* ver,
Torna lá c'hum par de patos,
Que se os capões vão baratos,
Estes assi hão de ser.
Calamitas demones has de trazer;
Porém o dinheiro será de mao mez.
Cedunt mare vincula res
Que *perdunt* quanto vieres vender.
Quero ora ir catar
Cousa que me mate a brasa.

GONÇ. Eu não ouso d'ir a casa;
Meu pae ha me de coçar.

CLER. Spera-me a par do logar,
E eu irei lá comtigo,
E rogar-lh'hei como amigo
Que não te deixe de dar.
Se topares lá em fundo
Hum negro, põe-te a recado,
Porque he hum perro malvado,
O maior ladrão do mundo.
Não olhes no que fallar,
Qu'he muito falso o cabrão.
Olha per teu chapeirão,
Porque elle ha-te de atentar
Se tens tu ôlho ou não.

(Indo Gonçalo seu caminho, apartando-se do Clerigo, topa hum Négro grande ladrão, e entra cantando buscando hum mulato: e diz Gonçalo, depois de cantar o Negro:)

GONÇ. Dize, negro, es da côrte?
NEG. Qu'esso?
GONÇ. S'es da côrte?
NEG. Ja a mi forro, nam sa cativo.
Boso conhece Maracote?
Corregidor Tibão he.
Elle comprai mi primeiro;
Quando ja paga a rinheiro,
Daitá a mi fero na pé.
He masa tredora aquelle,
Aramá que te ero Maracote.
GONÇ. Mais tredor era o rascote
Que m'a mim furtou a lebre.
NEG. Qu'he quesso que te furtai?
GONÇ. Hũa lebre de meu pae,
De meu cunhado huns capões,
E marmelos e limões;
Abonda tudo lá vai.
NEG. Jesu, Jesu, Deoso consabrado!
Aramá tanta ladrão!
Jesu! Jesu! hum caralasão:
Furunando sá sapantado.
Jesu! cralasam.

Pato nosso santo paceto ranho tu e figo valente tu e cinco sego salva tera pão nosso quanto dão dá noves caro he debrite noses ja libro nosso gallo. Amen Jeju, Jeju, Jeju.

Sa pantaro Furunando.
Dize, rogo-te, fallai:
Conhece tu que furtai?
Porque tu nam bruguntando?

GON. Perguntarei por meu pae.

NEG. Cal-te: Deoso cima sai,
Que furtai ere oiai.
Deoso nunca vai dormi,
Sempre abre oio assi
Tamanha tu sapantai.
Guarda mar esso mal,
E senhora Prito santo.
Nunca rirá homem branco
Furunando furta real.
Não sabe mi essa careira:
Para que? para comê?
Muto comê muto bebê,
Turo turo sa canseira.
Vira mundo turo canseira:
Senhor grande, canseira;
Home prove, canseira;
Muiere fermoso, canseira;
Muiere feio, canseira;
Negro cativo, canseira;
Senhoro de negro, canseira.
Vai missa, canseira;
Prégação longo, canseira;
Crerigo nam tem muiere, canseira;
Crerigo tem muiere, canseira,
Grande canseira:
Firalgo sôlto, canseira;

Chovere muto, canseira;
Não póde chovere, canseira:
Muito filho, canseira;
Nunca pariro, canseira;
Papa na Roma, canseira;
Essa ratinho, canseira;
Não vamo paraiso, grande canseira:
Vira resa mundo turo turo he
Canseira.
Mi nam falla zombaria.
Pos para que furtai?
Que riabo sempreza!
Abre oio turo ria.
Mi busca mulato bai.
Ficar abora, ratinho.

GONÇ. Eu aguardo meu padrinho,
Que va comigo a meu pae.
Eu vou ao rio perem,
Porque hei sêde e beberei,
E sicais que nadarei
Emquanto o clerigo vem.
Leixarei o chapeirão
Mettido nesta mouteira,
E o cinto e esmoleira,
Porque lá logo o verão,
Não me aqueça outra tal feira.

(Espreita o negro como Gonçalo esconde o chapeirão e o al, e tanto que se vai entra dizendo:)

NEG. A mi abre oio e ve
Ratinho tira besiro:

Ere dexa aqui condiro:
Não sei onde elle mettê.
Senhora Santo Francico,
Santa Antonia, San Furunando!
Pois mi ha d'andar buscando,
E levare elle na bico
O servo Santa Maria.

Sabe a regina Matho misercoroda nutra d'hum cego savel até que vamos. A oxulo filho d'egoa alto soso peamos ja mentes ja frentes vinagre qu'elle quebrárão em balde ja ergo a quante nossa ha ilhos tue busca cordas oculos nosso convento e geju com muito fruta ventre tu ja tremes ja pias. Seuro santa Maria dinhero me lá darão he ve esa carta da me mucho que furte cantara Furunando.

(Acabada assim esta salve regina, *acha o Negro o que Gonçalo leixou escondido, e diz:)*

Ei-lo aqui sa! Deoso graça.
Graça Deoso esse he capote;
Nunca dexa aqui palote:
Ratinho, quem te forcasse!
Aramá que te ero villão!
Que palote saba sam,
Barete tambem bo era.
Mi cansai e á deradera
A mior fica sua mão.
Vejamos bolsa que tem:
Hum pente para que bo?

Tres ceitil sa qui so:
Ratinho nunca bitem.
O riabo ladarão!
Corpo re reos consabrado!
Essa villão murgurado
Sa masa prove que cão.
  Quando bolsa mi achase
Fernão d'Alvaro, esse si;
Nunca pente sa alli.
Ah reos! quem te furtasse
Bolsa, Nuna Ribeiro!
Home bai busca rinheiro:
A toro ere rise:
Ja rinheiro feito he.
Aramá que tu ero gaiteiro!
  Fernão d'Alvaro m'acontenta;
Elle nunca risse nam.
Logo chama ca crivam,
— Crivaninhae esormenta;
Toma rinheiro, vas embora.
Boso, home de bem, que buscae?
— Mi da cureiro agarba sae.
— Boso que buscae corte agora?
  — Buscae a Rei jam João,
Paga minha casaramento.
— Dá ca, moso, trae esormento;
Crivaninhae boso, crivão:
Home, tomae hum dos quatro sete:
Vas embora turo turo.
Sua rinheiro sa segura,
Mioro que elle promete.

Marco Estevez moladeiro
Elle rise: Santa Maria!
Rinheiro boso queria?
Bai bai dormir paieiro. —
Boso que pedir, muieiro?
— Tanta filho mi tem qui...
— Quem manda boso pari,
Boso grande parideiro?
— Boso seria muito bô:
Vaca ne Francico paia;
Tenha seis filho e mi so
Nam temo comere ni migaia.
Elle rise:
Que culpo tem a Rei jam João?
Boso parir como porco,
Bai buscai sua pae torto,
Que dai a sua fio pão.
Velha, que boso querê?
— Molla, que a mi pobre sai.
Elle rise:
Porque boso nam guardai
Rinheiro que boso bebê? —
Jesu! Jesu! moladeiro
Sa riabo aquella home;
Quando a mi more da fome
Nunca buscai sua rinheiro.
Porém graça a Reos, a mi
Nunca minga que furtá;
Pouco ca, pouco relá,
Pouco requi, pouco reli,
Grão e grão gallo fartá.

Quem furta, home sesuro:
E louvar a Reos com turo
E senhoro Prito Santo.
A mi bai furta emtanto
Camisa que sá na muro.

(Vem Gonçalo tremendo com frio e diz:)

GONÇ. Mui mao nadar faz verão
Até meado o Janeiro;
Mas agora he o ribeiro
Que corta homem como cão.
Jesu! e o meu chapeirão
E o cinto e a esmoleira?
Pois esta era a mouteira
E este he o mesmo chão.
Agora merecia eu
Hum par de trochadas boas,
Porque fiar nas pessoas
Nunca outro fructo deu.
Bem vi eu que o guineu
Me vio tudo aqui leixar;
Mas o seu negro prégar
Me levou a mi o meu.
Quem se faz mais verdadeiro,
Crede que he o mentiroso;
E nunca vistes medroso
Que não finja de guerreiro,
E o ladrão de piadoso.
Ja todo o mundo he raposo
Ja não ha hi que fiar,
A mi mesmo hão de furtar
Se m'eu daqui não acosso.

(Roubado assi Gonçalo vem hũa velha e traz comsigo Cezilia da Beira em que falla Pedreanes.)

VELHA Amara do meu fadairo!
Hui Fernando neto meu,
Qu'he do que teu pae te deu?
Que lá contou o Vigairo
Quão pouco trazes de teu.
E teu pae he tão cruel,
E tua mãe tão sandia,
Que trouxe da estrebaria
Hũa vara d'azemel
Pera te tirar a azia.
Quando vi tamanha aquella,
Trago esta demoninhada
A Cezilia nomeada
Falla Pedreanes nella,
E descubrirá a cilada. —
Pedreanes!

CEZIL. Aqui'stou.

VELHA E aqui haveis d'estar,
E haveis-vos d'assentar;
E pois sabeis quem roubou
Meu neto, fazei-lh'o achar.

CEZIL. Não ha muito de tardar;
Mas logo aqui virão ter
Quem isso lhe foi fazer;
E se quizerem pagar
Eu bem lh'o hei de dizer.

GONÇ. Que he o que me furtárão?
Vejamos se adivinhais.

Dezil. Dous mancebos t'enganárão,
E os limões que te levárão
Vendêrão por seis reaes.
E hũa moça corcovada
Está agora depennando
O capão de tua cunhada,
E o outro se está assando,
E a lebre pendurada.
Ainda por mais signal
Cubrírão-na c'hum sombreiro
Em casa d'hum alfaiate.
Gonç. Que besteiro he este tal!
Este he o Déxemo inteiro
Em trajos de carafate.
Mas hei hoje de saber,
Pois m'eu acho aqui á mão.
Assi Deos te dê prazer
Que tu me queiras dizer
S'hei de casar cedo ou não?
Dezil. Casarás polo natal
Com mulher sem tua perda;
Seu corpo como cristal,
E achar-lhe-has hum signal
No meio da coxa esquerda.
E tem na teta direita
Hum lũar com tres cabellos;
Pola cinta muito estreita,
De hũa nadega contreita,
E zambra dos cotovelos.
Gonç. Não hei de casar dess'arte,
Nem Deos não ha de querer.

CEZIL. Esta mesma has tu d'haver,
Nem cases em outra parte,
Senão pouco has de viver.
VELHA Bento e louvado serás
Deos e a Virgem da Franqueira,
Que me tirou de canseira
De casarás, não casarás,
Sei freira, não sejas freira.
CEZIL. Pois que vós isso dizeis,
E não me perguntais nada,
Antes de hum anno e hum mez
Vós haveis de ser casada
C'hum criado do Marquez.
VELHA Agora me quero eu rir:
Sabedes vós isso certo?
CEZIL. Digo que estais tão perto
Como eu de me partir
Pera o meu negro deserto.
VELHA Pedreanes, não vos vades,
Rogo-vo-lo, que ainda he cedo.
Sabedes vos — eu hei medo.
Serem isso vaïdades,
E essoutro estar-se quedo.
(Vem Duarte e Almeida.)
DUAR. Mantenha-vos Deos, Brancanes,
Deos vos dê sempre boa hora.
VELHA Não falleis em Deos agora,
Porque está aqui Pedreanes,
Que chegou agora est'hora.
DUAR. A elle buscamos, senhora,
Que o havemos bem mester,

E dar-lh'hemos, d'alma em fóra,
Tudo quanto elle quizer,
Que o leve muito embora.

VELHA Pedreanes a hum grou
Achará o rasto no ar,
Pois que m'elle foi achar
Que velha assi como estou,
Hei ainda de casar.
Creio-o-lh'o polo que vejo,
Porque eu sou muito sadia,
E tenho a pelle macia
Como costas de cranguejo
Ou lagosta d'Atouguia.
E tenho minhas arnellas:
Ponde m'ora aqui a mão,
Mancebo. E haja eu perdão,
Ainda eu como co'ellas
Hũa posta de cação.
O bafo, a Deos louvores,
He coma algalia d'Arruda.
Ora eu farei outras côres,
Porque hei d'entrar em muda,
Como fazem os açores,
Então venhão meus amores.

DUAR. Pedreanes.

CEZIL. Aqui estou.

DUAR. Estae por amor de mi,
E não vos vades daqui;
Porque minha fé vos dou
Que somos vossos emfim.

CEZIL. Se quereis levar na mão

Isso porque me buscastes,
Pagae a este villão
A lebre que lhe tomastes,
E tres vintens por capão,
  E hum tostão dos marmelos,
E pagãe-lhe seus limões.

VELHA Parece-me a mi, rascões,
Que vos tornais amarellos.

DUAR. Paguemos-lhe tres tostões.

ALM. Duarte, tendes vós hi
Dinheiro na fraldiqueira?

DUAR. Eu vendi patos na feira?

ALM. Nem eu tampouco os vendi,
Nem tenho eira nem beira.

CEZIL. Gonçalo, sei tu lembrado
Que dixeste que por Deos
Lhe havias por perdoado
Pola alma de teus ereos,
E não te devem cornado.
  Vae pedir o chapeirão
Ao negro do Maracote.

GONÇ. Ora fiae de rascão,
Que farpa todo o pelote,
E não se farta de pão.

ALM. Ja nós somos sabedores
Que he muito teu poder,
E queriamos saber
Planetas d'alguns senhores,
E sinos de seu nacer.
  E a que são inclinados
Por sua costellação,

E quaes são mais namorados.
E tambem as condições
De que planeta lhes vem,
Declarado por item.

CEZIL. Dizei embora, rascões,
Qu'eu sei isso muito bem.
Porque por astrolomia
Conheço os seus nascimentos,
E pola filosomia
Sei todolos pensamentos
Que trazem na fantesia.

DUAR. Qual he o mor namorado
De Portugal e Castella?

CEZIL. He o Conde de Penella;
Mas anda dissimulado
Por amor da sua estrella.

ALM. O senhor Embaixador
Do Cesar Imperador
Creio que naceo no ceo;
Mas se na terra naceo,
Qual planeta em seu favor
Foi a que lhe aconteceo?

CEZIL. Naceo hũa noite clara
Quando a lua apparecia,
E Venus tomava a vara
Com que as graças repartia,
Como em elle se declara.
E estando assi lustrosa,
O fez tão sabio e humano,
De condição tão graciosa,
Que não tem em nada grosa,

Senão so ser Castelhano.

DUAR. O Conde de Marialva
Sabes quanto ha de viver?

CEZIL. Mao he isso de saber,
Que elle não he flor de malva
Que apodrece sem chover.
Com todas suas feridas,
E muito enferma canseira,
Contratou-se de maneira,
Que Deos lhe deve tres vidas,
E esta he inda a primeira.

ALM. Do Védor he necessario
Saber a planeta sua.

CEZIL. Sua planeta he a lua,
O sino he Sagitario,
Com hũa frecha d'atabua.
Tem folego como gato,
Digo vida perlongada;
Porém não coma de pato
Senão so hũa talhada,
Inda que custe barato.

DUAR. Sabes quantos annos ha
Que Vasco de Foes he nado?

CEZIL. Quando foi a do Salado,
Era elle mancebo ja,
Mas não era tão barbado.

ALM. O senhor Conde meu senhor
Do Redondo em que estrella,
Ou que Planeta he aquella
Que o fez tão sabedor,
Pera que adoremos nella?

CEZIL. Esse Conde e outros assi
Por agora hão de ficar,
D'outrem podeis perguntar:
Mas eu tornarei aqui,
E vós me ouvireis fallar.
ALM. Affonso d'Albuquerque, irmão
Que foi ao Imperador,
Que sino tem por senhor,
E porque a sua condição
Não pudera ser melhor?
CEZIL. Mercurio he a sua estrella,
E sera bem esquençado
Se jogar jogo assentado;
Porém se jogar a pelle,
Não lhe ficará cruzado.
DUAR. Eu tenho Jorge de Mello
Por hum Padre San Gião;
Traz sempre contas na mão,
Mas não sei lá no capello
Como vai á devação.
ALM. Elle reza pola rua,
Que traz contas todo o dia;
Ou he por galantaria?
CEZIL. Mui boa vontade he a sua,
Mas o cuidado o desvia.
Reza mais que cinco donas,
E Deos se está sem paixão.
DUAR. Que lhe pede na oração?
CEZIL. Que lhe dê sete atafonas
Á porta de Sant'Antão.
E que lhe dê tanto gado

Como Isaac trazia,
E hũa capitania,
Com que fosse tão honrado
Como elle merecia.

ALM. Gaspar Gonçalves, Pedreanes,
Em que sino nasceria?
Faze-me esta obra pia;
E olha que não m'enganes,
Porque vai sôbre perfia.
Desejo sabê-lo em cabo.

CEZIL. Nasceo no Escorpião,
Afagua-vos co'a razão,
Mas despeja-vos c'o rabo
No cabo da concrusão.

DUAR. E Brezeanes guardador
Das damas, que es perro viejo?

CEZIL. Esse Brezeanes, senhor,
O seu sino he de cranguejo,
Porque anda a travez do amor
E atravez do desejo.
E he tomado da lũa,
Muito seco dos esp'ritos,
Porque ha hi sinos malditos
Que não tem graça nenhũa.
E o que quereis saber
Das damas e amadores,
O domingo que vier
Eu direi quanto souber
Dellas e seus servidores.
Ensinar-vos-hei então

Cantigas com que folgueis;
E agora não canteis,
Fique por concrusão
Que este dia cantareis.

FARÇA

CHAMADA

AUTO DA LUSITANIA.

FIGURAS.

Introducção.

LEDIÇA. — MÃE E PAE DE LEDIÇA. — CORTE-ZÃO. — SAULINHO. — JACOB.

Farça.

LICENCEADO (no argumento). — LISIBEA. — LUSITANIA. — PORTUGAL. — MAIO. — VÉ-NUS. — VERECINTA. — FEBRUA. — JUNO. — DINATO. — BERZEBU. — TODO O MUNDO. — NINGUEM.

A farça seguinte foi representada ao muito alto e poderoso Rei D. João, o terceiro deste nome em Portugal, ao nacimento do muito desejado Principe D. Manuel seu filho, era do Senhor de 1532.

LED. Muito tenho por fazer
E não tenho feito nada:

Está a logea por varrer,
Os meninos por erguer
E enha mãe ensobradada.
Meu pae vai-se a passear
Com outros judeos andando,
E a costura está folgando,
Dous annos por acabar
O capuz de Dom Fernando.
  Meu pae não era de arte
Senão pera cavalleiro,
Ou fidalgo, ou rendeiro,
E o christão pera alfaiate
Sem agulha e sem dinheiro.
(Entra hum Cortezão, e diz:)
CORT. Vosso pae he ca, senhora?
LED. Que lhe quereis vós dizer?
CORT. Pergunto a vossa mercê.
LED. Per hi sahio elle fóra
A arrecadar não sei que.
  Quereis-lhe algũa coisa?
Havei-lo mister, senhor?
CORT. Tem elle muito lavor?
LED. De ventura não repoisa
Nem socega o peccador.
CORT. Vossa mãe he tambem fóra?
LED. Mas em cima está cozendo
E eu ando isto fazendo.
CORT. Não devia tal senhora
Como vós andar varrendo.
  Senão enfiar aljofre.
LED. Minha mãe tem no seu cofre

Duas voltas de coraes.
CORT. Senhora, sam cortezão,
E da linhagem d'Eneas,
E por vossa inclinação
Folgára de ser d'Abrahão
O sangue de minhas veias.
Mas vosso e não de ninguem
He tudo o que está comigo,
E quero-vos grande bem.
LED. Bem vos queira Deos amen:
Quereis outra coisa, amigo?
CORT. Temo muito que me leixe
Vosso amor pobre coitado
De favor com que me queixe.
LED. Lançae na sisa do peixe,
E logo sois remediado.
CORT. Não fallo, senhora, disso,
Porque eu me queimo e arço
Com dores de coração.
LED. Muitas vezes tenho eu isso:
Diz Mestre Aires que he do baço,
E reina mais no verão.
CORT. Mas, senhora, por amar
Fiz minha sorte sugeita,
E perdi a mais andar.
LED. Crede, senhor, que o jogar
Poicas vezes aproveita.
Dom Donegal Saborido,
Que tinha tanta fazenda,
Por jogar está perdido,
Que não tem o dolorido

Nem que compre nem que venda.
RT. O doce frol antre espinhas,
Crede o amor sem mudança
Que vos tenho e que vos digo.
ED. Assi hũas primas minhas
E toda esta vizinhança
Todos tem amor comigo:
Dom Isagaha Barabanel
E Rabi Abram Zacuto,
O Donegal coronel.
E Dona Luna de Cosiel,
E todos me querem muito.
ORT. Senhora, por piadade
Que entendais minha rezão;
Entendei minha verdade,
Entendei minha vontade,
E mudareis a tenção:
Entendei bem minha dor,
E mil maleitas quartans,
Que por vós me hão de matar.
ED. Assi he meu pae, senhor,
Que tem dores d'almorrans,
Que he coisa d'apiadar.
Foi o anno tão chacoso
De doenças da ma ora,
Que creio bem o mal vosso;
Porque Dom Mossé Lendroso
Não morreo senão agora.
MÃE. Não sei que chanto ha de ser
De hũa filha que criei;
Que coisa que lhe mandei,

Nunca a fez nem quiz fazér.
Quando está como agora
Na logea e eu no sobrado,
Chamo e chamo, brado e brado,
E como as pedras de Samora
Dá ella por meu chamado.

CORT. Senhora, sois minha vida,
Fiae no que digo eu.

LED. Não tenho roca de meu,
Nem despois que sam nacida
Nunca minha mãe m'a deu.

MÃE. Lediça, filha dourada,
Não subirás hoje ca?

LED. Não podo que estou pejada.

MÃE. Pejada! melhor fadada
O Senhor te fadará.
Casarás e lograr-t'has,
Á sombra do teu amor;
Entances te pejarás,
Pejar-t'has e parirás
Hum pampaninho de flor.

CORT. E fosse de quem eu digo.

LED. Não sinto aquellas rezões.

CORT. Que andais d'amores comigo.

LED. As amoras e o trigo
Vem no tempo dos melões.

MÃE. Sube ja este sobrado,
Que cedo te faça eu boda.

LED. Acho ca todo enlodado:
Saulinho está luxado,
E luxou a manta toda.

Não gostais vós destas dores,
Parece-vos isto vida?
CORT. O flor de minhas flores
E meus primeiros amores,
Folgae ser de mi querida.
MÃE. Samael, bem t'encaminhas:
Luxaste-te, filho meu?
LED. Bem vo-lo dizia eu.
Não lhe compreis camarinhas:
Agora elle fez o seu.
Que vos queira ouvir não posso:
Que me dizeis agora?
CORT. Se sois contente, senhora,
De eu ser namorado vosso?
LED. Que sejais muito embora.
Porque Yuça namorado
He irmão de minha mãe;
E Catelão namorado
He meu primo e meu cunhado,
E rendeiro na Sertãe.
MÃE. Que! não vens, filha Lediça?
Nunca acabas de alimpar?
LED. Como sois agastadiça!
Cuidareis que de preguiça
Não faço senão folgar,
Ou samica estou dormindo?
MÃE. Ora faze, filha minha.
LED. Eu estava-me ja indo,
E Menoba está saindo,
No meio da camarinha.
CORT. Antre essas cousas louçans

Peço que me consoleis.
LED. Pinhoado comereis,
Ou caçoila de maçans:
Vêde vós o que quereis.
CORT. Peço esperança coitado
E favor favorecido.
LED. Isso he coisa d'adubado.
CORT. Oh que mal ser namorado
Onde não he entendido!
Eu vou-me: vosso pae vem.
LED. Mãe, vinde que vem meu pae.
MÃE. Que figeste? guai, guai, guai!
Ou fallaste com alguem,
Ou não sei como isto vai.
LED. Com quem havia de fallar?
Olhae que coisas aquellas!
MÃE. Se ainda dorme Menoba,
E déste tres varredellas,
Não cuides de m'enlodar,
Porque alguem te fallou ca.
LED. Se eu fallei com ninguem
Senão com esta vossoura,
Nunca de ma trama moura.
MÃE. Guarde-te Deos, filha, amen,
E te faga duradoura.
LED. Mãe amiga, eu queria
Que cesseis de m'assaear,
Que sahirei de siso hum dia.
E poer-me hei nome Maria
Ou Felipa ou Guiomar.
Que eu não fallei com ninguem,

Nem ninguem fallou a mi,
Nem ninguem chegou aqui.
MÃE. Bem o sei, filha meu bem:
Prazeres veja eu de ti.
(Entra o Pae e diz :)
PAE. Levantárão-se os meninos?
O mantão mandae guardar.
Que temos pera jantar?
MÃE. Berenjelas e pepinos,
E cabra curada ó ar.
PAE. E cenoiras porque não,
Com favas e alcorouvia
E cominho e açafrão?
MÃE. Pois o Turco Gran Soldão
Não come tanta iguaria.
Quanta choca, quanta lama,
Que traz o mantão frisado,
Que estava tão alimpado,
Que parecia hũa dama
Diante seu namorado!
Porque não fugis do lodo?
Dizei, nunca mal vos venha,
Nem dia delle, amen, amen.
PAE. Venho tão contente todo,
Como de saude tenha
Aquelle que nos quer bem.
Encontrou-me o Regedor,
Fui eu assi encontrá-lo
Onde mora Abram Baeça:
Fallo-vos do seu favor,
Que até ós pés do cavallo

M'abaixou sua cabeça.
Folgais Hecer Beacar
Co'a honra do nosso bem,
C'o bem do nosso prazer?

MÃE. Cousa he pera prezar;
Que quem tal amigo tem
Não se deve de temer.

PAE. Nunca logre esse mantão,
Se o Conde Mordomo-mor
Não s'emborcou até ó chão
C'ó barrete no arção,
Como s'eu fôra doitor
Da casa da Rolação.
Sois contente?

LED. Ja viestes, pae?

MÃE. Ledecina,
Correge essas crenchas, filha,
E viste-te ess'oitra fraldilha,
Que essa vem-te pequenina;
E soa-te áquella rodilha.

LED. Pae, trazeis-me algũa cousa?

PAE. Dize, gata preguiçosa,
Porque não pugeste aqui
A minha banca em que cosa,
Que não vas por ella d'hi?
Ja te esqueceo a punhada
Que te dei quando ora foi?
Quando te dão não te doe?

LED. Vêde-la aqui alimpada,
Melhorinha do que sóe.
Assentae-vos a cozer,

Que pareceis assi mal.

Pae. Assi o quero fazer.
Que me foste aqui trager?
Não he este o meu didal;
Este he o didal do menino,
Que me tu aqui trazias.
Erga-se.

Mãe. He tamanino,
Ja quereis que faça pino
Hum anginho de oito dias?
Ei-lo vem a criancinha;
Ergueo-se e os negros medos.
Filho amor, queres do pão?
(Entra Saulinho, e diz:)

Saul. Dá-me o pentem, Ledecina.

Pae. Desenguiça-te c'os dedos,
E pentea-te co'a mão.

Mãe. Lediça, vai á janella,
Traze-me a roca e banca,
E o fuso que está co'ella.

Led. Pardeos, mãe, i vós por ella,
Que não sois cega nem manca.

Pae. Assentae-vos a fiar,
Saulinho e eu a cozer,
Lediça, guize o jantar
Como acabar de varrer
E a loiça de lavar.
(Cántão Pae e Filho cosendo.)
« Ai Valença, guai Valença,
« De fogo sejas queimada,
« Primeiro foste de Moiros

«Que de Christianos tomada.
«Alfaleme na cabeça,
«En la mano una azagaya,
«Guai Valença, guai Valença,
«Como estás bem assentada;
«Antes que sejão tres dias
«De Moiros serás cercada.»

PAE. E assi o foi.

MÃE. Por vida de Dona Hecer,
Dom Juda, querereis que vos diga?
Cuidais que o sabeis todo;
Pera cantar e coser
Haveis de dizer cantiga
Que vos tire o pé do lodo:
A cantiga que eu queria,
Ora olhae como a digo.
«Donde vindes, filha,
«Branca e colorida?
«De lá venho, madre,
«De ribas de hum rio;
«Achei meus amores
«N'hum rosal florido,
«Florido, enha filha,
«Branca e colorida.
«De lá venho, madre,
«De ribas de hum alto,
«Achei meus amores
«N'hum rosal granado,
«Granado, enha filha,
«Branca e colorida.»

PAE. Se a cantiga não fallar

Em guerra de cutiladas,
E de espadas desnudadas,
Lançadas e encontradas,
E coisas de peleijar,
Não nas quero ver cantar,
Nem nas posso ouvir cantadas.

MÃE. Dom Juda, assi tenhais bem,
Que se vira guai espada
Tirada na mão d'alguem,
Desnudada pera dar,
Guaias de Hecer Beacar
E da saude que tem,
Porque logo são finada
Com a affronta que me vem.

PAE. Não ja eu, que de atrevido,
Se estiver n'hũa janella,
E a porta toda trancada,
E na praça o arruido,
E eu co'a lança e rodela,
Não tenho medo de nada.
E se o nosso Iffante passa,
E elle hoiver de passar
O Lião do oiro bello,
Duque das partes d'alem,
Não hei de ficar em casa,
Nem nenhum homem de bem.
Levarei huma gualteira
E hũa lança longa, longa,
Bem longa, muito comprida,
Que haja seis lanças nella,
E buscar onde me esconda,

Pera esconder a vida,
Não topem Moiros com ella.
(Vem Jacob e outro Judeo, e diz:)
JACOB. Ando muito esfandegado.
PAE. Que he isso, irmão, que queres?
JACOB. Somos postos em prazeres
E trabalho misturado.
MÃE. Isso he coisa de proveito?
JACOB. Mas juntei os mercadores,
E acordamos os maiores,
Que os que temos algum geito
Nos façamos foliadores.
MÃE. Isso pera que? dizei.
JACOB. E busquei isto de mi:
Ja vêdes que ElRei he aqui
E temos ja aqui ElRei,
Sancto mais que ElRei David.
E a sua bem assombrada
Natural Rainha Esther,
Rainha Sabá doirada,
A rainha mais honrada
Que dez reinos podem ter.
E tambem o Principe he.
Nunca metteo aqui pé.
De nós seja festejado,
Como era desejado,
E como fermoso he
O que seja bem logrado. —
Vão-se todos ao sobrado.
(Sahem-se ellas, e depois de idas diz)
JACOB. Fallemos tu e eu sós.

Qu'invenção faremos nós
N'hum aito bem acordado,
Que tenha ave e piós?
Que folias ja são frias,
E as pellas, as mais dellas,
E os toiros
Matarão hum mata-moiros;
E a ussa ja não se usa,
E a festa não s'escusa,
Pois andamos nos peloiros.

Pae. Para que cumpridamente
Aito novo inventemos,
Vejamos hum excellente
Que presenta Gil Vicente,
E per hi nos regeremos.
Elle o faz em louvor
Do Principe nosso senhor.
Porque não póde em Alvito,
Logo virá o relator,
Veremos com que primor
Argumenta bem seu dito.

(Entra o Licenceado argumentador da obra que adiante se segue, e diz:)

Lic. Oh que douda presumpção
Cuidar ninguem na pousada
Que traz discreta invenção
Aqui onde a descrição
Tem sua propria morada.
Que a Côrte

He hum precioso norte
Que guia os mais sabedores;
E onde ha rosas e flores
Pampillos não fazem sorte.
  E pois o primor inteiro
Nasce aqui em taes logares,
E todo o al he grosseiro,
Não presuma o sovereiro
De dar tamaras doçares.
Gil Vicente o autor
Me fez seu embaixador,
Mas eu tenho na memoria
Que para tão alta historia
Naceo mui baixo doutor.
  Creio que he da Pederneira
Neto d'hum tamborileiro;
Sua mãe era parteira,
E seu pae era albardeiro.
E per rezão
Elle foi ja tecellão
Destas mantas d'Alemtejo;
E sempre o vi e vejo
Sem ter arte nem feição.
  E quer-se o demo metter,
O tecellão das aranhas,
A trovar e escrever
As portuguezas façanhas,
Que so Deos sabe entender!
D'outro cabo,
Dizem que achou o diabo
Em figura de donzella,

E elle namorou-se della:
Porém ella
Era diabo encantado.
 Levou-o a huns arvoredos;
Vai a dama ássi a furto
E alevanta os cotovellos,
E levou-o polos cabellos,
E fez-lhe o pescoço curto.
E metteo-o logo essora,
Sem lhe valerem seus gritos,
Aonde a Sibyla mora,
Encantada encantadora,
Ante os malinos espritos.
 E alli foi ensinado
Sete annos e mais hum dia,
E da Sibyla informado
Dos segredos que sabía
Do antigo tempo passado.
Em especial
O antigo Portugal,
Lusitania que cousa era,
E o seu original:
E por cousa mui severa
Vo-lo quer representar.
 E pera claro cimento
E a obra não ser escura,
Direi em prosa o argumento;
Porque a cousa que he segura,
Procede do fundamento.
E como sempre isto guardasse
Este mui leal autor,

Até que Deos enviasse
O Principe nossó senhor,
Não quiz qu'outrem o gozasse.

Naquella cova Sibylaria, muito sabio e prudentissimo Senhor, o autor foi ensinado que ha tres mil annos que hũa generosa nympha chamada Lisibea, filha de hũa Rainha de Berberia e de hum principe marinho; que a esta Lisibea os fados derão por morada aquellas medonhas barrocas, que estão da parte do Sol ao pé da Serra de Cintra, que naquelle tempo se chamava a Serra Solercia. E como por vezes o Sol passasse pelo opposito da lustrante Lisibea, e a visse nua sem nenhũa cobertura, tão perfeita em suas corporaes proporções, como fermosa em todolos logares de sua gentileza; houve della hũa filha tão honrada de sua luz, que lhe puzerão nome Lusitania, que foi diesa e senhora desta Provincia. Neste mesmo tempo havia em Grecia hum famoso cavalleiro e mui namorado em extremo, e grandissimo caçador, que se chamava Portugal; o qual estando em Hungria ouvio dizer das diversas e famosas caças da serra Solercia, e veio-a buscar. E como este Portugal, todo fundado em amores, visse a fermosura sobrenatural de Lusitania, filha do Sol, improviso se achou perdido por ella. Lisibea sua madre, desatinada ciosa, morreo de ciumes deste Portugal. Foi enterrada na montanha que naquelle tempo se chama

va o Feliz Deserto; onde depois foi edificada esta cidade, que por causa da sepultura de Lisibea lhe puzerão nome Lisboa. Neste presente auto entrará primeiramente Lisibea, e Lusitania, e Portugal em trajos de caçador, e Maio messageiro do Sol, e depois Mercurio com certas diesas. E porque o auctor se apressa pera vos representar o argumento que naquelle tempo passárão Lisibea grandissima ciosa com Lusitania sua filha, he rezão que lhe dêmos logar.

LISIB. Canseira de minha vida,
Põe esses olhos no chão,
Vela-te de ser perdida,
E não olhes tão garrida
Quantos vem e quantos vão.

LUSIT. Oh que forte condição!
Como sois destemperada
E ciosa sem razão!

LISIB. Eu não teria paixão
Se te visse assocegada;
Mas tu olhas pera ca,
Pera aqui e pera alli,
E de ca pera acolá.

LUSIT. Esse olhar que mal me está,
Se eu ólho bem por mi?

LISIB. Oh como he de pouco aviso
Dares sempre á cabecinha!
E tão prestes tens o riso,
Que quem te vir d'improviso,

Logo dirá qu'es doudinha.
Lusit. Mãe, isso he cór de bradar,
E tudo não funde em nada:
Que sem rir, ver, nem fallar,
Todos me podem chamar
Fermosa mal assombrada.
Mas não se póde negar
Que o ciume he mal infindo;
Porque o muito ciar
Ás vezes faz acordar
O amor que jaz dormindo.
Lisib. Por mais que brava escumes,
De te amar vem esta dor,
Que te faço sabedor
Que dos mui muitos ciumes
Nace o mui muito amor.
Lusit. Esse muito he de mao tom.
Ó mãe, como estais errada;
Porque o muito não he nada
Quando quer que não he bom.
O querer ha de ser são,
Mui seguro e confiado,
Isento sem suspeição,
Doce na conversação
E alegre no cuidado.
Lisib. Ja som bem certa e segura
Que o castigo he cousa cara.
Leixar-te quero á ventura,
Que ás vezes o tempo cura
O que a razão não sara.
Teus olhos são teu perigo,

Elles te castigarão:

LUSIT. Mãe, a muita reprensão
Busca mui poucos amigos;
E esta he a concrusão.
Eis ca vem hum caçador;
Generoso representa,
E traz ar de gran senhor.

LISIB. Perto tinhas tu o amor,
Que asinha te elle contenta.
Não me tens em nemigalha;
Cambra venha que t'encambre;
Canta se tu es alambre,
De longe tomas a palha.

LUSIT. Os ciumes que em vós se móntão
Ja não hão de ser pequenos,
E quem porcos acha menos
Em cada mouta lhe roncão.
Sabeis, mãe, em que me fundo?
Eu sam a filha do Sol,
E se o mundo teve flor,
Eu sam as flores do mundo,
E da presunção maior.
Que som tão fantesiosa
E tão cheia de grandeza,
Que não prezo ser fermosa,
Nem prezo a quem me preza,
E prezo-me de generosa.
(Chega Portugal e diz:)
Primeiro que va á Serra
Solercia, que vou buscar,
Senhora, hei de perguntar

Se as que nacem nesta terra
Tem o ceo a seu mandar;
Que em Grecia nem ultra-mar
Tal fermosura não vi.
Senhora, venho a caçar,
Mas a caça que matar
Sera o triste de mi.

LISIB. Que ma ora começastes,
E que ma ora viestes,
E que ma ora embarcastes,
E que ma ora chegastes,
E na negra vos erguestes.
Olhae aquella chegada,
Do que lhe dê Deos mao mez!

LUSIT. Nunca o fallar descortez
Aproveitou pera nada:
Vêde como isso dizês.

LISIB. Nesta brava serrania,
Brava o hei de deshonrar.

LUSIT. Aqui e em todo logar
Muito damna o mao fallar,
E aproveita a cortezia.

PORT. Pois das lindas sois rainha,
Das fermosas grao supremo,
De vos ciar em extremo
Tem rezão, senhora minha.

LISIB. Senhora de vosso avô
E de vossa mãe cadella!
Tirae aramá os olhos della,
Tirade pera vós so,
Não tenhais de ver co'ella.

LUSIT. Folgae ora, havei prazer,
Dae ao demo o arruido.
LISIB. Oh que te vejo perder!
Porque o damno da mulher
Sempre lhe entra pelo ouvido.
LUSIT. Mãe, dos homens he fallar,
E das mulheres ouvir,
E do bom siso calar,
E da prudencia sentir
O que não póde damnar:
Cuidais que me ha de comer?
LISIB. Eu não te posso soffrir;
Nesta dor hei de morrer.
Fica-te, qu'eu quero-me ir,
Pera mais não parecer.
Minha morte he cêrca e certa,
E eu dou-te vida escura;
Vou-me á minha sepultura,
Que está na Serra deserta,
Feita por mão da Ventura. *(Vai-se.)*
LUSIT. Senhor meu, amigo caro,
Vós ide emtanto caçar,
Porque a mi cumpre rezar,
E chorar meu desemparo,
E a vós de me leixar.
(Vai-se Portugal, e diz Lusitania em oração.)
LUSIT. Ó Minerva graciosa,
Avogada da fermosura,
Vem asinha,
E pois no ceo es ditosa,
Parte da tua ventura.

Ço'a minha.
Ó preciosa Diesa honesta
Ramnusia, Deos dá ventura
E da bonança,
Converte meu chôro em festa,
E minha triste tristura
Em esperança.
E tu Diesa Magesta,
Das viuvas solitarias
Protectora,
Á minha pressa te apressa,
Pois sempre te paguei pareas
Atégora.
Diesa Maya, Diesa Juno,
Diesa Pallas, Diesa Vesta,
Oh Senhora,
E tu Senhor Deos Neptuno,
E Venus, que a todos presta,
Valei-m'ora.
E acabae c'o Sol meu pae,
Que me mande hum messageiro,
Que me veja,
E saiba como me vai;
E pois he pae verdadeiro,
Me proveja.

(Entra Maio, messageiro do Sol, cantando.)

MAIO. « Este he Maio, o Maio he este,
« Este he o Maio e florece,
« Este he Maio das rosas,
« Este he Maio das fermosas,
« Este he Maio e florece,

« Este he Maio das flores,
« Este he Maio dos amores,
« Este he Maio e florece. »
Mui muito m'espanto eu
De mundo tão albardeiro,
Que por eu ser prazenteiro,
Me tem todos por sandeu,
E, por sisudo, Janeiro.
Pois hei de tomar prazer,
E não hei de ser com'este;
Que o prazer crece o viver:
E quem isto não fizer
Não terá vida que preste.
« Este he Maio, o Maio he este,
« Este he Maio e florece. »
Hei de cantar e folgar,
E bailar c'os corações;
E por me desenfadar,
Farei os asnos zurrar,
E cantar os rousinoes.
E farei calar as rans
De noite, e cantar os grilos,
E as patas pelas manhans;
E alimpar as maçans,
E florecer os pampillos.
Não me hajais por estrangeiro,
Lusitania, descançae,
Qu'eu sam Maio e messageiro
E principal cavalleiro
Da côrte de vosso pae.
E manda-vos visitar,

E mais vos faz a saber
Que vos quer logo casar;
E quer vosso parecer,
Pera se determinar.

LUSIT. Dize-lhe tu, Maio amigo,
Que casar he forte caso,
E não casar gran perigo;
E que não sei neste passo
Que lhe diga nem que digo.
Que elle o póde ordenar,
Porém o meu parecer
He que o ditoso casar
Está mais em acertar,
Que em sabê-lo escolher.

MAIO. Senhora, não he rezão
Encobrir esta alegria.
Saiba vossa senhoria
Que acabou sua oração
Quanto vossa alma queria;
E por vosso bem ditoso,
E merecer mui facundo,
Vem Mercurio precioso
Deos dos commercios do Mundo,
Eleito por vosso esposo.

Vem co'elle as soberanas
Diesas de Grecia e Egypto,
Venus vem com as Troyianas,
Verecinta co'as Romanas,
Cantando com ledo esp'rito.

(Vem estas Deosas em dança ao som desta cantiga.)

„Luz ámores de la niña,
„Que tan linduz ujuz ha,
„Que tan lindnz ujuz ha,
„Ay Diuz quien luz habrá,
„Ay Diuz quien luz servirá.»

VENUS Dejemuz ora el cantar
Y antez de estaz ricaz bodaz
Que venimuz celebrar,
Pongámunuz hi luego todas
Cada una en su altar.
Verecinta, Fébrua y Vesta,
Romanaz maz singularez,
Antez de empezar la fiesta,
Ponéos á la mano diestra,
En vuestros santos altarez.
Nuz tevemuz utroz dotez,
Estaremuz de este lado,
Todas seis muy veneradaz.
Y estez nuestroz sacerdotez
Rezarán su ordenado
Y suz horaz ordenadaz.

(Dinato e Berzcbu, capcllães deslas Dcosas, começão dizendo:)

DIN. No saber universal
Crê que o meu spirito voa.

BERZ. Queres hũa cousa boa?
Antes que entremos ao al
Rezemos a sexta e noa,
E despois todalas horas

Das negligencias mundanas,
Em louvor das soberanas
Diesas nossas senhoras,
E milagrosas Troianas.

DIN. Ora rezemos, parceiro,
E porque seja melhor,
Toma, ves hi o psalteiro
De Nabucodonosor,
Que lhe furtou Frei Sueiro.

BERZ. Quem começará primeiro?

DIN. Tu que es amancebado,
E es padre verdadeiro,
Que tens filhos ao teu lado,
E eu sam inda solteiro.

BERZ. Beato seja o varão
Que adora cães e gatos,
E as muelas dos patos,
E os miolos do cão,
E o gallo de Pilatos.

DIN. Beato seja e acceito
O que doce lingua tem
E a maldade no peito,
E louva sempre o malfeito,
E diz mal de todo o bem.

BERZ. Bento seja o verdadeiro
Avarento per natura,
Que poz a alma no dinheiro,
E o dinheiro em ventura,
E a ventura em palheiro.

DIN. Bentos sejão os primeiros
Que tomão por devação

Aborrecer-lhe o sermão,
E andão traz feiticeiros
De todo seu coração.

BERZ. Bentos aquelles e aquellas
Que so tres ave-marias
Os enfadão nas capellas,
E folgão de ouvir novellas
Que durem noites e dias.

DIN. Adiante va a mulher
Que não crê senão patranhas,
E reza sempre ás aranhas,
E não crê o que ha de crer
E adora as tartaranhas.

BERZ. Não se poderá cuidar
Mal, que a gente não adore
Louvemos seu descuidar,
Que o mundo quer-se finar,
E não ha hi quem no chore.

DIN. Não sómente quem o crea:
Nem sentem as creaturas
Que ha de morrer sem candea
E espirar ás escuras,
Como triste em terra alhea.

BERZ. Os infernos são pasmados
Dos soffrimentos de Deos,
Que lhes creou sete ceos,
Todos sete a elles dotados.

DIN. E elles desacordados
De tanta bemfeitoria,
Vão-lhe peccar cada dia
Em todos sete peccados.

Alleluia, alleluia.
Vamo-nos aos bons bispos.

BERZ. Acharemos porcos piscos.

DIN. Oremus.

BERZ. Rogo-te, irmão, que acabemos.
Porque nunca acabaremos.

DIN. Acabemos.

BERZ. Por darmos alguma conta
Ao Deos rei Lucifér,
Põe-te tu a escrever
Tudo quanto aqui se monta,
E quanto virmos fazer;
Porque a fim do mundo he perto,
E pera o que nos hão de dar,
Cumpre-nos ter que allegar;
Pois pera provar o certo,
Escreve quanto passar.

(Entra Todo o Mundo, homem como rico mercador, e faz que anda buscando algũa cousa que se lhe perdeo: e logo apos elle hum homem, vestido como pobre, este se chama Ninguem, e diz:)

NING. Que andas tu hi buscando?

TODO. Mil cousas ando a buscar:
Dellas não posso achar,
Porém ando porfiando,
Por quão bom he porfiar.

NING. Como has nome, cavalleiro?

TODO. Eu hei nome *Todo o Mundo*,
E meu tempo todo inteiro
Sempre he buscar dinheiro,

E sempre nisto me fundo.
NING. Eu hei nome *Ninguem*,
E busco a consciencia.
BERZ. Esta he boa experiencia:
Dinato, escreve isto bem.
DIN. Que escreverei, companheiro?
BERZ. Que Ninguem busca consciencia,
E Todo o Mundo dinheiro.
NING. E agora que buscas lá?
TODO. Busco honra muito grande.
NING. E eu virtude, que Deos mande
Que tope co'ella ja.
BERZ. Outra addição nos acude:
Screve logo hi a fundo,
Que busca honra Todo o Mundo,
E Ninguem busca virtude.
NING. Buscas outro mor bem qu'esse?
TODO. Busco mais quem me louvasse
Tudo quanto eu fizesse.
NING. E eu quem me reprendesse
Em cada cousa que errasse.
BERZ. Escreve mais.
DIN. Que tens sabido?
BERZ. Que quer em extremo grado
Todo o Mundo ser louvado,
E Ninguem ser reprendido.
NING. Buscas mais, amigo meu?
TODO. Busco a vida e quem m'a dê.
NING. A vida não sei que he,
A morte conheço eu.
BERZ. Escreve lá outra sorte.

Din. Que sorte?
Berz. Muito garrida:
Todo o Mundo busca a vida,
E Ninguem conhece a morte.
Todo. E mais queria o paraiso,
Sem m'o ninguem estorvar.
Ning. E eu ponho-me a pagar
Quanto devo para isso.
Berz. Escreve com muito aviso.
Din. Que escreverei?
Berz. Escreve
Que Todo o Mundo quer paraiso,
E Ninguem paga o que deve.
Todo. Folgo muito d'enganar,
E mentir nasceo comigo.
Ning. Eu sempre verdade digo,
Sem nunca me desviar.
Berz. Ora escreve lá, compadre,
Não sejas tu preguiçoso.
Din. Que?
Berz. Que Todo o Mundo he mentiroso,
E Ninguem falla verdade.
Ning. Que mais buscas?
Todo. Lisonjar.
Ning. Eu som todo desengano.
Berz. Escreve, ande la mano.
Din. Que me mandas assentar?
Berz. Põe ahi mui declarado,
Não te fique no tinteiro:
Todo o Mundo he lisonjeiro,
E Ninguem desenganado.

VENUS Capellanes y nos todas,
Pues que teneis bien rezadas
Vuestras horas ordenadas,
Concluyamos nuestras bodas,
Bodas bien aventuradas.

(Tornão á sua cantiga, bailando todos ao som della.)

«Luz amores de la niña
«Que tan linduz ujuz ha,
«Que tan linduz ujuz ha.
«Ay Diuz quien luz habrá,
«Ay Diuz quien luz habrá.
«Tiene luz ujuz de azor,
«Hermuzuz como la flor:
«Quien luz serviere de amor
«No sé como vivirá,
«Que tan linduz ujuz ha.
«Ay Diuz quien luz servirá,
«Ay Diuz quien luz habrá.
«Suz ujuz son naturalez
«De las águilas realez,
«Luz vivuz hacen mortalez,
«Luz muertos suspiran allá,
«Que tan linduz ujuz ha.
«Ay Diuz quien luz servirá,
«Ay Diuz quien luz habrá.»

VENUS O Lusitania señora,
Tú te puedes alabar
De desposada dichosa,
Y pámpano de la rosa,
Y sirena de la mar,

Frescura de las verduras,
Rocío de la alvorada,
Perla bien aventurada,
Estrella de las alturas,
Garza blanca namorada.

VER. Dulzura de la mi vida,
Bendita quien te parío,
Mi niñita esclarecida.
Oh como eres parecida
Al padre que te engendró;
Pues que hija del Sol eres,
Que da luz á toda cosa,
Y tú á todas las mugeres.
O Mercurio, que mas quieres
Que tal perla por esposa?

FEBR. Consuelo de mis entrañas,
Alma de la vida mia,
Pues que te sobra alegría,
Reparte con las montañas
Desiertas sin compañia;
Que este galan desposado
De los mas lindos que yo vi,
Es planeta venerado,
Y te estubo bien guardado
En el cielo para ti.

JUNO. Norabuena tú lo viste,
Norabuena lo cobraste,
Y norabuena naciste,
Que tal esposo cobraste,
Para nunca seres triste.

MERC. Sus, faça-se o que se requere,

Pois pera minha naceo;
Mas o que daqui s'infere,
Maridá-la não espere,
Porque não se usa no ceo.

'ER. Guayas de ella y de su vida,
De su cuerpo y su lindeza,
Y de su gracia vellida!
A qué manos es venida
La flor de la gentileza!

'ENUS Y nunca ha de ser preñada,
Ni maridada la triste?

MERC. Que quer ella de mais nada,
Senão ser de mi amada
O mais que tu nunca viste?

PALL. Todo eso tu sueño sueña:
Arre acá burra de Logroño.
Para jaula es la cigueña.
Ansí que no harás dueña,
Ni serás tanpoco dueño.

VENUS Ay de ti lirio florido,
Ay de ti sarza florida,
Cuando tu fresco sentido
Se hallare con marido
Y le hallare marida.

MERC. Oh renego de Turquia!
Eu lhe dou meu coração
Com tanta gloria e alegria,
Que as aves lhe cantarão
Continuada melodia.

VENUS Las aves á la desposada
Sabes que se monta ahi?

Cantarle han por alvorada
« La bella mal maridada
Mal gozo viste de ti. »

JUNO. Mi esmeralda oriental,
Casar sin ayuntamiento,
Y el marido inmortal,
Esta casadica tal
Guayas de su pensamiento.

LUSIT. O que ha de ser ha de ser,
Não hei de engeitar ventura,
E quanto a vossos dizeres,
Se não for pera mulher,
Ao menos serei segura
De se perder por mulheres.

VESTA Diz que viguela sin cuerda,
Y caballero sin lanza,
Y casada sin maridanza,
No se escusa que concuerda.

LUSIT. Quando eu imaginar
Na honra que tanto importa,
Que ha hi mais que desejar?
Porque se a coma for torta,
Isto a póde endireitar.

VENUS Señor, muéstraste templano
Marido muy sin provecho:
Estás ahi fantasma hecho
Sin tomalla de la mano,
Y la otra puesta en su pecho.
Quien ve la cosa hermosa
Que no desea tocarla?
Vámonos por vida vuestra;

Y pues ya que ha de llevarla,
No hagamos otra cosa.

(Torna Portugal da caça, e diz:)

PORT. Segundo se me afigura,
E este caso se moveo
E minha alma não segura,
Eu perdi a mor ventura
Que homem nunca perdeo.
Quem tem tempo e espera tempo,
Tem maré e espera maré,
Tem vento e espera vento,
Não teve conhecimento
Da fortuna que cousa he.
Que êrro pera doer
Grande pena em demasia,
Quando homem ve perder
O bem que pudera haver
E o leixou de dia em dia!
Não sei como me enlheou
Esta safira da Persia,
Que me disse,—emquanto eu vou
Chorar a mãe qne me criou,
I-vos á Serra Solercia.
Eu errei em a leixar,
E mereço este castigo;
Porque o verdadeiro amigo,
Se ve o amigo chorar,
Sempre o ha d'achar comsigo
E sentir as suas dores
Na sua angustia maior.
O Lusitania, os teus primores

Me causárão taes amores,
Que me esqueceo este amor.
O Senhora, onde vos is?
Amor, onde me leixais?
Pera que terra partis?
Porque não vos despedis
Deste triste que engeitais?
Dizei-lhe antes da partida
Sequer ja por despedida: —
Fica-te, homem d'amargura,
Em tal dia e hora escura,
Que com a dita mais perdida
Ande o teu corpo sem vida,
E sem alma e sem ventura.

Lusit. Meu pae mãnda-me levar,
E á lei obedecer.
Estou pera me casar,
E vou-me longe morar,
E perto de o fazer.

Port. Senhora não vos atalho
O caminho começado,
Porque o desventurado
Seu descanso he o trabalho,
E sua gloria o cuidado.
Não me fica que perder,
Pois que a fortuna malina
Vos buscou este prazer,
Como quem queria ver
O cabo á minha mofina.

Ver. Si tú amores tenias
Con galan tan esmerado,

Porque quieres bodas frias,
Y vivir todos tus dias
Con hombre desnamorado?
Que este nobre Portugal
Es fundado sobre amor,
Y es marido natural.
Estotro es un bestial,
Una siba sin sabor,
Un caldo de briguigones;
Y Portugal, si creer me quieres,
Es baron de los barones,
Servidor de las mugeres
Mas que todas las naciones.

JUNO. Lusitania, vuelta, vuelta,
Bien te dice Verecinta;
Hazlo ansí como lo pinta,
Pues Dios quizo que estás suelta;
Nesotro no gastes tinta;
Porque será cosa escura
Lo que se sigue de aqui,
Darte la buena ventura
Tanta gracia e hermosura
Sin quedar casta de ti.

MERC. Isso vêde vós e ellas,
Tudo seja a seu serviço,
Porque se eu fôra castiço,
Ja hi houvera mais estrellas.
Se Portugal desejais,
Sendo vós, eu o tomaria.

LUSIT. Pois tinha eu em fantesia
Que vos doesse isso mais,

Sequer por galantaria.
Portugal, senhoras, quero,
A quem Deos sempre resguarde
E seu Principe lhe guarde
Como esperais e espero,
E reine próspero e tarde.

VENUS Portugal, dad os las manos,
Y luego fiesta á la mano;
El cantar que le digamos
Será el que en Grecia usamos,
Tornado en buen castellano.

Cantiga.

«Vanse mis amores, madre,
«Luengas tierras van morar,
«Y no los puedo olvidar.
«Quien me los hará tornar,
«Quien me los hará tornar,
«Yo soñara, madre, un sueño,
«Que me dió nel corazon,
«Que se iban los mis amores
«Á las islas de la mar,
«Y no los puedo olvidar.
«Quien me los hará tornar,
«Quien me los hará tornar.
«Yo soñara, madre, un sueño,
«Que me dió nel corazon,
«Que se iban los mis amores
«Á las tierras de Aragon:
«Allá se van á morar,
«Y no los puedo olvidar.
«Quien me los hará tornar.
«Quien me los hará tornar.»

FARÇA DOS FISICOS.

FIGURAS.

CLERIGO.—MOÇO DO CLERIGO.—BRASIA DIAS.—MESTRE FELIPE.—MESTRE FERNANDO.—MESTRE ANRIQUE.—TORRES, *Fisico*.—PADRE CONFESSOR.—CANTORES.

Segue-se a farça chamada Auto dos Fisicos, na qual se tractão huns graciosos amores de hum clerigo.

(Entra o Clerigo e diz a hum seu Moço:)

CLER. Perico, vé tú ahora
Á verme Blanca Denisa,
Salúdamela de guisa
Que sepa que es mi señora,
Y en despues diremos misa.
Si estuviere bien segura,
Sola, sin la madre y tia,
Dale tú esta carta mia,
Y harás tan gran mesura,
Como yo se la haria.
Y estando acompañada,
Como yo estoy descuidado,
Ansí muy disimulado

Pergunta si está acabada
La obra de mi cuñado.

Moço. Disse-me ella terça feira:
– Se tu mais me dizes nada,
Dar-t'hei tanta bofetada,
Que não saibas a primeira. —
Olhae como está aviada.

Cler. No veis vos?

Moço. Bem o vejo
Que não vos quer sóis olhar.

Cler. Caza mata el porfiar,
Como dice el refran viejo.

Moço. Diz que m'ha d'esbofetar.

Cler. Aunque ella eso diga....

Moço. Peor o ha de fazer.
Quando ella bem vos quizer,
Que me pinguem-na barriga.

Cler. Vé, háceme este placer.

Moço. Dizê vós missa primeiro.

Cler. Cuerpo de Dios con la misa,
Y con el mozo y con la prisa!

Moço. Creio que vosso salteiro
He esta Branca Denisa.

Cler. Ora juro á Dios que bien!
Yo no soy señor de ti?

Moço. Quem não he senhor de si
Porque o sera de ninguem?
Sêde vós senhor de vós
Em fazer o que deveis,
Então he bem que mandeis.

Cler. Tú quieres que sea Dios?

MOÇO. Mas clerigo; e não vos damneis,
Se aquella moça não quer.
E dou-lhe ora que quizesse;
Que proveito e que interesse
Ganharieis em vencer
A quem por vós se perdesse?

CLER. Por bien que puedes hablar,
No puedo acabar comigo;
Por eso acaba contigo
De no me aconsejar,
Mas ayuda como amigo.
Bien entiendo mi dolor,
Y conozco el tu decir;
Para mozo es buen sentir,
Mas no sientes que el amor
No se puede resistir.
Que cuanto mas sabedor
El hombre y mas esforzado,
Mas prudente y confiado;
Mas captivo es del amor,
Y mas firme namorado.

MOÇO. O mestre, cousa he sabida,
Se vos lembra o entender,
Que amar quem vos não quer
He setta d'amor perdida
Pera quem se quer perder.

CLER. No juzgaste buena trecha;
O mozo, que te condenas,
Que la saeta sin penas
No va recia ni derecha:
Siempra las penas son buenas.

Moço. Que presta a setta empennar
Sem ter da caça esperança?
Cler. Siempre la gloria se lanza
Por las puertas del penar
Daquel que huye mudanza.
No la tengo de olvidar;
Ansí puedo yo morir.
Moço. Ora sus, quero lá ir.
Cler. Viene presto sin tardar.
Moço. Logo essora hei de vir. *(Vai-se.)*
Cler. O Cupido mi señor,
In te speravi e espero,
Pues testigo eres que quiero
Á ti por mi valedor
Neste mal de que me muero.
Suave eres llamado,
Amor blando y apacible,
Pues neste transe terrible
Aynda á este cercado
De tormenta y tan horrible.
Á mi parecer, ya ahora,
Si el muchacho se dió prisa,
Habló con Blanca Denisa:
Plega a Dios que venga en hora
Que aproveche la misa.
Pues que tarda este rapaz,
Bien puede ser que arrecada:
Si estaba sola apartada,
No le ha de saber á agraz
La carta ni la embajada.
(Vem o Moço.)

CLER. Aqui do viene veremos. —
Estaba sola?
Moço. So estava.
CLER. Qué hacia?
Moço. Ensavoava.
CLER. Y de lo al qué tenemos?
Moço. Quando me vio espirrava.
CLER. Porqué?
Moço. Porque he boa mulher.
CLER. Dime toda la verdad,
No te quede nada allá.
Moço. Tudo vos hei de dizer,
Não m'ha de ficar nada ca.
Disse, como eu fui entrado:
— Inda esse doido perfia?
Olhae aquella fantesia
De clerigo excommungado!
CLER. No creo que eso diria.
Moço. Esperae vós qu'inda he cedo:
Diz: — Triste ma hora nasci!
E que vio ora elle em mi
O Padre *lambe-lh'o dedo*,
Que s'alvoraçou assi?
O triste demoninhado!
Isso havia eu de fazer?
Não m'haj'elle por mulher,
A maldição de João Calado
Haja se eu não hei de ver.
E vós dom alcoviteirinho,
Rapaz, cujo filho es? —
Pardeos eu apanho os pés,

Se não varrer o caminho.
Não torno eu lá este mez.
Dou eu ja ó demo a cigarra
Que assim he espinhada.

CLER. Y la carta desdichada?

MOÇO. Rompeo-a de barra a barra:
Ei-la aqui esmigalhada.

CLER. Cúbreseme el corazon,
Y la sangre se me hela;
Y pues no hay quien se duela
De mi triste perdicion,
Moço venga la candela.

MOÇO. Pera a missa?

CLER. No: cuitado!
Nel infierno diré misa.

MOÇO. Pezar de Branca Denisa!

CLER. Ay, ay, ay desamparado!
Trae la candela á prisa.

(Entra Brasia Dias e diz:)

BRAS. Que he isto, compadre amigo?

CLER. Es la muerte por mas cierto.

BRAS. Dormirieis descuberto,
E arrefeceo o embigo.

MOÇO. Olhae aquelle concêrto!

BRAS. Não he senão frialdade;
Ponde-lhe hũa telha quente.

CLER. Ay! que es mortal accidente.

BRAS. Hui, compadre, esforçade:
Nunca outrem foi doente?
Tomae ora hum suadouro
De bosta de porco velho,

E com unto de coelho
Esfregae o pousadeiro,
E crede-me de conselho.
  E se de quebranto for,
Tomade o incenso bello,
E o çumo do marmelo,
E as favas de Guiné,
E untae o cotovelo.
Si: e se for priorisa,
Tomade da guiabelha,
Pisada co'o fel d'ovelha.

Moço. Mas ponde-lhe Branca Denisa.

Bras. Zombais de quem no aconselha? —
  E se for de cadarrão,
Comei caramujos quentes,
Como sahirem ferventes,
E mexilhões vos coserão,
Porque são aqui parentes.
E se for caleca passa,
Que nasce das bandarrinhas,
Tomae do çumo das vinhas
E acolá a sopa na braza,
Então ferver as mézinhas.
  Não posso mais aqui estar,
Que ando destemperada.
Como eu for estancada,
Virei ca mais devagar.

Moço. Boa mestra he aquella honrada.

Cler. Ay, ay, ay triste de mí!
Porqué la muerte no viene?
Suéltela quien la detiene;

Venga y lléveme de aqui,
Que el vivir no me conviene.
O muerte, pues que es hermosa,
Porqué te pintan terrible?
Y pues eres convenible,
Porqué te llaman furiosa?
Mas ante muy apacible.
Oh! bendito Dios amen,
Porque me hizo mortal;
Que si nacera inmortal,
En pago de querer bien,
Fuera para siempre el mal.

BRAS. Compadre, fazê por comer,
E curae de vossa vida;
Que depois da vida ida,
Não ha ca mais que perder
Como a tiverdes perdida.

CLER. Es muy claro y descubierto
Á los tristes de mi suerte,
Que el morir es su consorte;
Porque la vida del muerto
No está sino en la muerte.

BRAS. Ora escutade lá:
Seredes João de Thomar,
Que depois de morto ja
Diz que punha-se a mijar?
Tal sois vós agora ca.
Curade-vos, que doce he a cura:
Mestre Felipe vem aqui.

CLER. Venga y cure de mí,
Pues mi mal no tiene cura.

(Entra Mestre Felipe, e diz:)

M. F. Deos vos salve! Quem 'stá aqui?
Ora andar, são paixões.
BRAS. Sentae-vos nessa cadeira.
M. F. Sardinha ha na ribeira.
Ora em fim de rezões
Todo este mundo he canseira.
Quanto ha que vos sentis?
CLER. Anteayer me comenzó,
Y nunca mas me dejó.
M. F. Ha muito que não sahistes?
CLER. Ay cuitado que me vó!
M. F. Ora sera bom que tomeis
Cristel d'agua de cevada
Com farelos mesturada.
E sabeis que comereis?
Hũa alface esparregada.
Que lhe tendes vós guisado?
BRAS. Cabeças d'alcupetor,
Que não come o peccador
Desd'o sabado passado,
E dieta sera peor.
CLER. Ay que no sé donde estoy!
BRAS. E se isso não quizer,
Cuidava de lhe fazer
Apisto de pé de boi,
Pera não enfraquecer;
E hum pouco de manjar branco
De posperna de veado,
E pescoço de bode assado.
Assi curei eu João Franco,

E anda são, Deos louvado.

M. F. Fazei o que vos eu digo,
Qu'essa febre he velhaca,
Procede de cordiaca:
Attentais no que vos digo?
Até vermos se se apraca.
Faça elle embora as ourinas,
E pola manhan eu virei...
Entendeis? — e vos direi...
Entendeis? — se são sanguinhas.
Entendeis? — Então virei.

Bras. E dar-lh'hei eu purò o vinho?

M. F. Guarde-nos Deos de mal!
Não, senão agua tal...
Entendeis? — cosida com rosmaninho.
Entendeis? Não façais al.
Ora ficae-vos embora.
Entendeis? Eu terei cuidado,
E ponde-vos a bom recado.

Cler. Oh Denisa! oh mi señora!
Como me tienes lastimado!

Moço. Sera bem que torne lá,
Mas ha-me d'arrepelar.
Quereis-me vós trosquiar,
E não m'arrepelará?

Cler. Vé, que no te ha de matar,
Y dile que ponga en calma
La tormenta que me da;
Que Satanás no podrá
Dar tanta pena á mi alma,
Como á mi vida ella da.

Y dile que no le pido
Sino que oya mis males,
Y á mis quejas criminales
Quiera inclinar su oido,
Por que se vuelvan veniales.

Moço. Mande Deos s'eu lá entrar
Que não me corte as orelhas.
E se hi estiverem as velhas?

Cler. No deben ahora ahí estar.

Moço. Con gran temor vou, pardelhas.

Bras. Aqui vem Mestre Fernando.

(Entra Mestre Fernando, e diz:)

M. F. Oulá, que he isto? que he isto?

Bras. Venhades com Jesu Christo,
Mestre Fernando amigo:
Quem vos chamou pera isto?

M. F. Porque! sou de palha eu?

Bras. Vós sodes surlugião.

M. F. Não está ferido?

Bras. Não.

M. F. Pois que foi?

Bras. Mal que lhe deu.

M. F. Eu tambem Fisico sam:
Tanto sei ca como lá.
Oulá, que he isto? dormis?

Cler. Ay!

M. F. De que vos sentis?
Mostrae esse braço ca.
Isto procede dos rins,
Ou pulso cordiz sera.
Mijastes no ourinol,

Que vos faça boa prol?
BRAS. Não.
M. F. Pois sem isso quem saberá
Se he da chuva, se do sol?
Dizem os nossos doutores —
Ouvi-lo? ouvis que vos digo? —
Non es bona purgatio, amigo,
Illa qui incipit cum dolores,
Porque traz flema comsigo,
E *illa qui incipit trarantran*,
Quia tranlarum est.
Ouvi-lo? De fisico sam eu mestre,
Mais que de surlugião,
Emque me chamão sudeste.
Chamão-me vento assomado
Alguns assi... ouvi-lo?
Porque alço o gorgomilo,
E ando assi espetado:
Mas eu rio-me daquillo.
Que tendes pera comer?
BRAS. Pastel de lebre.
M. F. Pera a febre
Julgamos a que tem lebre?
Ora vos faço a saber
Que ha de comer cousa leve.
Nem a lebre, nem coelho,
Nem porco, nem cação,
Congro, lamprea, tubarão
Não coma de meu conselho,
Inda que estivesse são.
BRAS. Ora pois que comerá?

M. F. Huns poucos de grãos torrados.
Não sejão muito salgados.
E á manhan eu virei ca,
Ainda que pês ós dados.
(Vem o Moço:)

Moço. Diz que boa prol vos faça
Aquessa vossa doença,
E se fôra pestilença,
Tivera muito mais graça.
E vêdes aqui a sentença.
E depois que sahi fóra,
Escutei, e ella dizia
Entre si: Oh que porfia!
Moura, moura na ma ora,
Leixar-m'ha sequer hum dia.
Elle ó *domenus obisco*
Sempre c'os olhos em mi,
Á offerta, e elle alli!
Parece melro mourisco:
O Demo o elle trouxe aqui. —
Daqui podeis vós tomar
O melhor que vos vier.

Cler. De donde el mal tien poder,
Que bien se puede ganar
Sino ser cierto el perder?
Vé, llámame á mis amigos,
Con que solia cantar,
Que cantem quando espirar,
Y tambien sean testigos
Cuan fuerte cosa es amar.
Veran como el alma se va,

Y queda el cuerpo sin vida.
Y la vida oferecida
Á quien la muerte me da:
Y sea muy bien venida.
Verme han triste acabar,
Verme han el mundo dejar
Tan contento de partir,
Como ellos de quedar.

BRAS. Mestre Anrique vem aqui.
(Entra Mestre Anrique e diz:)

M. A. Hao! quien está acá? Sois vos?
Pues con la ayuda de Dios
Presto os erguereis de ahí.
Alto, que Dios es con nos.
Cuanto ha que os sentís mal?

CLER. Cuatro dias.

M. A. Á qué hora
Os tomó?

CLER. Por la mañana.

M. A. *Mi amor me recordara,*
Desde entonces hasta ahora
No hubiera quien me llamara.
Muéstrame el pulso acá,
Y veremos que tien lebre.
Aguda teneis la fiebre,
Muy recia y intrinsa está;
Pero yo le haré que quiebre.
Salis bien?

CLER. Salgo de seso.

M. A. Esta fiebre es sincopal,
Y la enfermedad tal,

Curase con mucho peso...
Habeis mirado? — que es mortal.
  Que cuando la cólera adusta...
Habeis mirado? — se enfria,
Vuélvese melanconía,...
Habeis mirado? — y disgusta
La salud de la sangría.
Habeis mirado? Y ansí
Que habemos expriencia
Que no hay ninguna dolencia
Que yo quisiese para mí
En cargo de mi conciencia.
  Que tiene para comer?

BRAS. Tem alli quatro coelhos,
Dous caçapos e dous velhos;
E hum'chouriço: pera beber
Muito bôs vinhos vermelhos.!

M. A. Par dios! vos... habeis mirado?
Estais dañosa, mi parienta.
Es fiebre contínua y quenta.
Habeis mirado, y bien mirado?
Errada estais en la cuenta.
  Habeis mirado? No coma...
Habeis mirado, señora? —
Sino pasas por ahora;
Y buscalde una redoma
Grande de agua de alcanfora.
Aquesto le procedió
De comer demasiado,
Y es menester purgado.
Habeis mirado? Y digo yo

Que este hombre está opilado.
  El tiene fiebre podrida...
Habeis mirado? — efimera; —
Habeis mirado? — de manera
Que para dalle la vida,
Es menester que no muera.
Ois, dueña? Tomará
Á la noche un violado,
Y de mañana... habeis mirado? —
Un cristel, y salirá,
Para el ser aliviado.
  Tiene el sol en la cabeza
Del verano que pasó.
Habeis mirado? Pero yo
Antes que su mal mas crieza,
Daré el remedio ó no.
Sois vos el que me dicen?
Habeis mirado? esforzad,
Que esas fiebres en verdad,
Que por mas que ellas aticen,
Yo las sacaré de allá.
  Mantenga Dios el casamiento
Del Ruybarbo con aquella
Muy preciosa doncella
Caña fístola, que yo siento
Que sereis sano con ella.
Y cocelde unas borrajas,
Y su hierba de caldo caliente, —
Habeis mirado? — que el doliente
No se cura con las pajas.
Habeis mirado, pariente?

Hareis las aguas mañana,
Y verné á vervos priado,
Dios queriendo: — habeis mirado?
Y hacelde una tizaña,
Y yo terné dél cuidado. *(Vai-se.)*

OÇO. Cant'eu não posso entender
Estes fisicos, senhor:
Vós sois doente d'amor,
E elles querem-vos metter
Per caminho d'outra dor.

LER. En todo dicen verdad.

IOÇO. Eu lhes vejo acertar.

LER. Quien tiene amor y pesar,
Tiene toda enfermedad,
Que natura puede dar.

RAS. Aqui vem o Fisico Torres.
(Entra Torres, e diz:)

ORR. Ora bem Deos vos ajude,
E vos dê muita saude.
Isto não serão amores?
Hontem quiz vir e não pude.
Topei alli com Mestre Gil
E com Luiz Mendes, assi
Que praticamos alli
O Leste e o Oeste e o Brasil
E lá lhe dei razão de mi.
Este mal he ja de dias?

LER. Hoy hay diez que así estó.

ORR. A que horas vos tomou;

LER. Allí á las avemarías,
Y de mañana comenzó.

TORR. Dez dias de manhan cedo
Estava Saturno en Aries...
Doem-vos as pontas dos pés?
CLER. Ay mezquino, que no puedo
Decir mi mal de que es!
TORR. Bisexto he o anno agora,
Em Piscis estava Jupiter,
Saturno ha de desfazer
Quanto natura melhora:
Bem ha aqui que guarecer,
Tambem em Piscis a lũa.
Isso foi em quartafeira;
Mercurio á hora primeira:
Não vejo causa nenhũa
Pera febre verdadeira.
E tambem deste ajuntamento
Dos planetas desta era....
Não sei... não sei... mas per mera
Estrologia... não sei, eu sento....
Não sei que he, nem que era;
Mas hade saber quem curar
Os passos que dá hũa estrella
E ha de sangrar por ella,
E ha de saber julgar
As aguas n'hũa panella.
E ha de saber proporções
No pulso se he ternario,
Se altera, se he binario,
E saber quantas lições
Deu Ptolomeo a ElRei Dário.
E quem isto não souber

Va-se beber disso mesmo:
E Mestre Nicolau quer
E outros curar a esmo!
Ora agora quero ver.
  Mostrae ca ora, e veremos
Este pulso que nos diz.
Oys! qu'altera; ora chis,
Que antes que nos casemos
Havera outro juiz.
Isto procede do baço;
Bem o mostrão essas côres.
Tendes vós nas costas dores?

Moço. Pardeos, em grande embaraço
Vejo eu estes doutores!

Torr. Que dizeis lá, moço? hao!
Fallas e não sabes do ninho?

Moço. Que levais mui bom caminho:
Está a doença em Bilbao,
Vós is pera Entre Douro e Minho.

Torr. Que comedes, que, doente?

Bras. Que não come nada não.
Hum focinho de cação
Lhe tenho alli bem valente,
Com seu caldinho, que he são.
  Hontem lhe tinha guisadas
Hũas trincheiras de vacca,
Que esforção a pessoa fraca,
E duas morcellas assadas,
E elle fallou-me em Malaca,

Torr. Não coma senão lentilhas,...
Si, — ou abobora cosida...

Si; e assim Deos dará vida.
Si, e dem-lhe caldo d'ervilhas...
Si — que esta febre he parida.
Agua cosida lhe dareis
Com avenca... si, então
Ámenhan lhe tirarão
Algum sangue... si, entendeis?
Si... então... si... logo he são.
Porém a fallar verdade,
Segundo seu pulso está,
E segundo os dias que ha,
E segundo a viscosidade,
E segundo eu sinto ca,
E segundo está o zodiaco,
E segundo está retrográdo
Jupiter, confessado
Ha mister, que está mui fraco,
Si... si... si, bem trabalhado.

(Vai-se.)

(Vem o Frade a o confessar, e diz o)

CLER. Á llamar os envié;
Padre, padre, confesion;
Porque me voy de pasion,
De aqui á poco moriré
De dolor del corazon.
Porque el humor radical
De humor volvióse amor.
De amor grave dolor,
De dolor, estoy mortal,
De mortal, vivo amador.
Padre, digo á Dios mi culpa,

Que amo á una doncella
Tan graciosa y tan bella,
Que su gracia me desculpa,
Aunque me muero por ella,
Y, padre, confieso mas,
Que otra cosa no adoro.
Ay de mí, que me muero,
Y tú, señora quedarás
Satisfecha con mi lloro.
  Digo mas mi culpa á vos,
Que me pesa ser nacido,
Y con todo mi sentido
Estoy tan fuera de Dios,
Como en este amor metido.
Digo mi culpa, señor,
Que aunque me veo partir,
No me puedo arrepentir,
Porque es tan dulce el dolor,
Que no me amarga el morir.
  Padre, no soy quien solia,
Ya os confieso mi pèna;
No tengo contricion buena,
Ni tengo el ánima mia,
Que este mal la hizo agena.
Qué haré?

PAD. Qué habeis de hacer?
La parte hízoos engaño?

CLER. No, padre, mas desengaño,
Que no quier oir ni ver
La desculpa de mi daño.

PAD. Ha mucho que os enamoró?

CLER. Dos años.
PAD. Santa María!
Eso es penar un dia.
Oh! triste mesquino yo,
Cuan luenga pena es la mia!
Decid vuestra culpa á Dios,
Que muy aína os matais.
Ante omnia os congojais:
Decíd que no estais en vos,
Pues tan sin tiempo os quejais.
Dos años, y aun diez y medio,
Dos dias son en amores,
Para merecer favores.
Y él que pide remedio
Es muy flaco en sus dolores.
No leistes de Jacó
Cuanto servió por Raquel?
Aquel fue amante fiel,
Que juro á Dios que afuera yo
Ninguno llegó á aquel.
Ah cuerpo de Dios ahora!
Ansí se hizo Roma luego?
Ha quince años que ardo en fuego
Sin ella decir un hora
Ni, viste allá fray Diego.
Vos pensareis que amores
Son como boliñolos — entiendo,
Sino ferviendo y comiendo?
Pues no se cogen las flores
Sino espina sufriendo.
No mereces penitencia

Por ser namorado, no,
Porque Dios lo ordenó;
Mas antes mala conciencia
Es de aquel que nunca amó.
Dijo Diòs por la hermosa,
La cual Eva habia nombrado:
Por esta dejará el hombre
Padre y madre y toda cosa:
Lúego amada es su renombre.
  Y aunque diga algun letrado
Por la muger que es dada;
Eva no era aun casada,
Cuando por Dios fue mandado
Que la muger fuese amada.
Y cuando dijo, por ella
Deje el hombre toda cosa,
Entiéndese por la hermosa,
Porque tal estaba ella,
Y no por cualquier tiñosa.
  Quede así esto misterio
Suspenso hasta el verano.
Sobre vos pongo la mano,
Como diz el evangelio,
Y haced cuenta que sois sano.
Voyme á la huerta de amores
Y traeré una ensalada
Por Gil Vicente guisada,
Y diz que otra de mas flores
Para Páscoa tien sembrada.

(Vierão quatro cantores, os quaes cantárão a vozès esta ensalada.)

„ En el mes era de Maio,
„ Véspora de Navidad,
„ Cuando canta la cigarra,
„ Quem ora soubesse
„ Onde amor nacesse,
„ Que o semeasse.
„ Media noche con lunar
„ Al tiempo que el sol salia,
„ Recordé, que no dormia
„ Con cuidado de cantar.
„ Ervas do amor, ervas,
„ Ervas do amor,
„ Á las puertas de la villa,
„ En medio de la ciudad,
„ Dijo el abad á Teresa:
„ Tan buen molinero sondes,
„ Martin Gomes,
„ Tan buen molinero sondes.
„ Era la Pascoa florida
„ En el mes de San Juan
„ Cuando la mona parida
„ Perguntó al sancristan
„ Teresica del Robledo,
„ Que te guarde Dios de mal:
„ Respondió Pero Pinan
„ Estae quedo co'a mão,
„ Frei João, Frei João,
„ Estae quedo co'a mão.
„ Padre, pois sois meu amigo,

« Quando falardes comigo,
« Frei João,
« Estareis vós quedo, mas estai vós quedo,
« Mas estai vós quedo co'a mão;
« Frei João, estai quedo co'a mão.
« Perguntaban cual Pirico,
« Qual Pinão ou qual Frei João,
« Não diria quien era la moça,
« Não diria quem, nem quem não.
« Yo yendo mas adelante,
« Dijo Francia en su latin:
« Se volen la guerra, se volen la guerra,
« Bone xi si volen la guerra,
« Vera xi si vole la guerra.
« Dijo la vieja en Portuguez:
« Palombas, se amigos amades
« No riñades
« Paz in celis, paz in terra
« E paz no mar:
« Tan garredica la vi cantar
« Ficade amor, ficade,
« Ficade amor.

FIM DO LIVRO IV.

OBRAS
DE
GIL VICENTE.

LIVRO V.

DAS OBRAS VARIAS.

Paraphrase do Psalmo L.

serere mei, Deus, secundum magnam &c.

Que farei angustiado,
Onde caminho perdido,
Onde vou descaminhado
Peccador desatinado,
Homem embalde nascido!
Ceos e terra contra mi,
E toda outra creatura,
Todos me lanção de si,
Porque o meu Deos offendi
Por minha desaventura.

O mar pera mi sanhoso,
A terra treme comigo;
O sol tão manso e fermoso
Contra mi se volve iroso,
Como meu mortal imigo.
Acho a noite escandalosa,
E maldizem-me as estrellas;
A manhan clara e graciosa
Contra mi se rompe irosa
E me mostra mil querellas.
O dia se despedaça.
Com graves sanhas supernas;
O ar me acusa da praça,
E o fogo m'ameaça
Com vivas chamas eternas.
Horas, pontos e momentos,
Os cursos da natureza
Me desejão dar tormentos;
Os mais ledos elementos
Me presentão mais tristeza.
No paço celestial
Todos tem guerra comigo:
Onde irei vaso infernal?
Que farei a tanto mal,
Que lhe não acho abrigo?
Eu se desesperarei,
Onde estou o peccador?
A quem me soccorrerei?
A ti, meu Deos e meu Rei,
Meu immenso Redemptor.
E direi a sua Alteza:

Amercea-te de mi,
Deos, segundo a grandeza
Da misericordia e largueza
Que tu es e ella he ti.
E segundo a multitude
De teus amerceamentos,
Destrue minha maldade
Secuta gran piedade
Em meus desfalecimentos.
Miserere mei, Senhor
Deus, cui proprium est;
Miserere, Redemptor,
Ó justo amerceador
Desta alma que tu me déste:
Miserere, que tu es,
Todo o al por ti tem ser;
Miserere, pois que ves
Que sam lançado a través,
E não me posso valer.
Daqui avante lava a mi
Ab iniquitate mea,
E do mal que consenti
De peccados contra mi,
Lava o que tanto me afea.
Porque certo eu conheço
A minha grave maldade;
Bem conheço que pereço,
Ave dó, Senhor, te peço
De tão grande enfermidade.
Meu peccado he contra mim
Sempre que nunca me leixa.

Lava-me, fonte sem fim,
Olha que a ti so me vim,
E minha alma a ti se queixa.
A ti so, Senhor, pequei,
Ante ti fiz a maldade,
Justifica-me, gran Rei,
Que podes mudar a lei
De justiça em piedade.
  E serás justificado
Nas palavras que disseste.
Ves-me aqui atribulado,
De todos desemparado,
Cumpre o que me prometteste:
Que nunca te acordarás
Dos males do penitente,
Quando julgado serás
Que te vingas cruelmente.
  Que venças digo, Senhor,
Contra taes murmuradores;
Esqueça-te o meu error,
Que me sinto peccador
O maior dos peccadores.
  Em maldades concebido,
E em peccados me gerou
Minha mãe enfraquecido,
De torpe terra vestido,
Em miseria me formou.
Não, Senhor, porque isto abaste
Escusar-me de peccado;
Porque a verdade amaste,
As cousas me revelaste

Incertas a meu cuidado.
As occultas conheci
De tua sabedoria,
Manifestaste-as a mi,
E eu ingrato consenti
Sujar-te minha alegria.
Com hyssope espargerás,
E serei limpo mui breve;
Tu, Senhor, me lavarás,
E minha alma leixarás
Muito mais alva que a neve.
Porque a obra que fizeste
De baixa massa terrena,
Que de terra compozeste,
E esta alma que tu me déste
Mandes que saia de pena.
Meus ouvidos folgarão
Com prazer alegre, e assi
Os ossos reviverão,
Que humilhados estão
Tremendo diante ti.
De meus disformes peccados
Averte faciem tuam.;
Crimes e mal confessados,
Senhor, não sejão lembrados,
Minhas maldades se estruam.
Coração limpo em mi cria,
Deos, que de nada criaste
A mais alta hierarchia,
E ao corpo onde eu jazia
Minha alma de lá mandaste.

Ves-me aqui tornado nada,
Renova em mi esprito direito;
Per minha mão foi damnada;
Faze tua obra acabada,
Não olhes que he defeito.
E obrado este lavor,
Meu Deos, que te peço tanto,
Não tires de mi, Senhor,
Tua face e resplandor
E o teu esprito sancto.
Porque obrando mais, mais mal.
Torna-me aquella alegria
De tua saude eternal,
E de spirito principal
Me confirma cada dia.
Que não tenho fôrças não
Sem ti pera defender-me;
Tu es Deos pera perdão,
Eu homem pera afflição,
E tu pera soccorrer-me.
Aos mais ensinarei
O caminho da verdade,
E converter-se-hão a ti
Quando se doer de mi
Tua eternal piedade.
Libera me dos sangues, Deos,
Deos de minha saude,
Que são os proximos meus,
E sendo criados teus
Offendi mui a miude.
E querellão diante ti

Por minha condemnação;
Dá tu sentença por mi:
Pois que ja me arrependi
Passe por satisfação.
E minha lingua louvará
Tua justiça clemente,
Todo o Ceo se alegrará,
Todo o peccador virá
A ti mui devotamente.
　Os meus beiços abrirás,
E minha boca apregoará
O teu louvor onde estás:
Outras cousas não quereras,
Nem dadiva te alegrará.
Porque, Senhor, se tu quizesses
Sacrificio, da-lo-hia;
Se presentes recebesses,
Se por peitas te vencesses,
Tudo te offereceria.
　Mas não te deleitarás
Nas offertas temporaes,
Tu as tiras, tu as dás,
Senhor, não te alegrarás
Com estes serviços taes.
O sacrificio a Deos aceito
He o spirito atribulado
Polos males que tem feito,
Porque não andou direito,
Porque se ve condemnado.
　E vendo-o tu, Senhor, afflicto,
Com gloria o receberás;

Porque o choroso esprito
E o coração contrito
Tu o não desprezarás.
Ave mercê de Sião,
Madre Igreja que fundaste,
Por quem padeceo paixão,
Morte cruel sem rezão
Hum so filho que geraste.
E serão edificados
Os muros de Jerusalem,
Os que forão derribados
Aquelles anjos damnados
Que perdêrão tanto bem.
Os quaes muros refarás
Sem trabalho nem preguiça
Quando formos onde estás,
Entonces receberas
Sacrificio de justiça.
Senhor meu Deos, tu recebe
Em offerta esta oração,
E a minha alma percebe
Que caminhe como deve
Pera minha salvação.

Sermão

Feito á christianíssima Rainha D. Leonor, é prégado em Abrantes ao muito nobre Rei D. Manuel, primeiro do nome, na noite do nacimento do Illustrissimo Iffante D. Luis. Era do Senhor de 1506. E porque alguns forão em contrário parecer que se não prégasse sermão d'homem leigo, começou primeiro dizendo, antes de entrar no sermão:

Antes de aqueste muy breve sermon,
Placiendo á la sabra sciencia divina,
Muy receloso de gente malina,
Á mis detractores demando perdon.
Los quales diran con justa razon:
Púsose el perro en bragas de acero:
Daran mil razones, diciendo que es yerro
Pasar los limites de mi jurdicion.
Á aquestos respondo, que me den licencia
Aquesta vez sola ser loco por hoy,
Y toda su vida licencia les doy
Que pueden ser necios con reverencia.
Y mas le suplico hayan paciencia,
Que esta locura no pasa de aqui;
Y yo ge la doy que aqui y allí
Lo sean por siempre, que es mas preminencia.
Yo que lo sea esta noche y no mas,
Y quiero qne ellos las noches y dias.
Escuchad, señores, las palabras mias
Si este partido está en compas.
Per signum crucis, oh calla, no mas,

Per signum crucis, oh callad por Dios,
De inimicis nostris libera nos,
Deus noster. Retro Satanas.

Tema.

Non volo, volo, et deficior.

Habentur verba ista originaliter in pariete istius aulae, quae scripsit aliquis stultus.

Como aquel triste que va caminando
Con grave congoja, ambriento, cansado,
Por esteril tierra y gran despoblado,
Los cortos atajos siempre anda buscando,
Ansí yo indino que voy predicando
Por este desierto de mi pensamiento,
Esteril de sciencia, de gracia ambriento,
No cumple ni quiero andar rodeando.
Pediendo la gracia por comparaciones
Áquella preciosa *ab eterno* criada,
Subida en el cielo por nuestra avogada,
Y procuradora de nuestros perdones;
Áquella Señora que alcanza los dones
Y gracias que habemos del Spiritu Santo,
Nos encomendemos cantando aquel canto
Que os encomiendan en otros sermones.
Ave Maria ab initio creata,
Gratia plena concepta e nacida,
Dominus tecum, por él escogida,
Benedicta tu, *rosa preservata*,
In mulieribus omnium beata,

Benedictus fructus del verbo divino
Ventris tui, Domina, de tanto bien dino,
Jesus, Maria, y sed tú nuestra avocata.
Muy serenísima Reina y señora,
Devoto auditorio, hermanos en Christo;
Aquestas palabras, si bien habeis visto,
De mi fundamiento que oistes ahora,
Hallareis escritas de carbon ahí fuera.
Escribiólas loco sin le faltar nada,
Segun que dicen, que pared cayada
Papel de locos, oireis cada hora.

Non volo, volo, et deficior.

En nuestro comun hablar por compas,
Sin nada quitar ni mas añadir,
Quieren aquestas palabras decir,
No quiero, quiero y es por demas.
Mediante la gracia del Spiritu Santo,
Tres partecitas haré del sermon,
Y todas tres partes en declaracion
De aqueste mi tema, del todo y del canto.
La primera parte será declarar
Esto *no quiero*, que es lo que no quiero;
En la secunda que es lo que quiero,
Y muy brevecico, por no os enojar.
En la tercera habeis de notar
Cuales son las cosas que son por demas,
Autorisadas por Santo Tomas;
Y esto acabado ireis reposar.
Cuanto á la parte que dije primera,
Que dice *non volo*; *scilicet* no quiero,

Aqueste *no quiero* declaro primero,
Ansí procediendo de aquesta manera,
No quiero deciros, ni nadie lo quiera,
Como Dios es ansí uno y trino;
No quiero deciros su poder divino,
Que obra en sí y que obra fuera.

No quiero arguír que es lo que hacía
Antes que el cielo y la tierra criase,
Ó porque no hizo tal que no pecase
Aquella primera celeste hierarquía.
No quiero dar cuenta adonde tenia
Dios este mundo antes de criado,
Ni daros razon como es engendrado
El hijo del Padre, por ninguna via.

No quiero mover question teologal,
Si otro respeto, salvo encarnar,
Le hizo la humana natura tomar,
Ó porque no tomó natura angelical:
Ni tomar cuenta al Verbo eternal,
Si cuando encarnó se apartó del Padre.
Ó si d'*ab initio* perservó su madre;
Ni quiero hablaros peste original.

No quiero deciros especulaciones
De Santo Agostin *de civitate et cetra*;
No quiero de Scoto alegar ni letra,
No quiero disputas en predicaciones.
No quiero deciros las opiniones
De los que hacian el mundo *ab eterno*;
Ni alegar texto antigo ó moderno,
Si el Papa si puede dar tantos perdones.

Ni el precipto que está condenado,

Nel saber divino si tiene alvedrío,
Y su alvedrío si tiene poderío
Para mudar-se lo determinado.
No quiero estas dudas, porque es escusado
Subillas ninguno al predicatorio;
Ni disputar si el Romano Papado
Tiene poderío en el Purgatorio.
No quiero arguír escusada question,
Si fue el Infierno antes del pecado;
No quiero arguir si el fruto vedado
Si era manzana ó pera ó melon.
No quiero deciros naqueste sermon
Si fue el diluvio curso natural,
Segun los de Grecia; si fue divinal
Ira sañosa con causa y razon.
No quiero tocar secretos guardados,
No quiero meterme en divinas honduras,
Ni quiero volar naquellas alturas
Do queman las alas los desasesados.
No quiero ser uno de algunos letrados,
Que por demostrarse profundos varones,
Disputan consigo en las predicaciones
Y en las escuelas estanse callados.
No quiero arguír en placer ni pena,
Los años de Arquiles, Patróculo *et cetra*,
Ni desquadriñar allen de la letrà,
Si era mas luenga Ecuba ó Elena.
Qué hace á la historia ser mala ó buena
Saber donde Ulises erró el camino?
Ni quiero ser cierto ni ser adivino,
Quien fue el primer juez en Vaena.

Ansí que concluyo el *no quiero*, que es
Mi voluntad naqueste sermon
Dejar los secretos de especulacion,
Y decir las cosas que tienen mas pies.
Y porque, señores, no os enhadeis,
Esto es cuanto á la parte primera.
La otra segunda es de otra manera,
Que dice *quiero*. Veamos lo que es.
Quiero deciros con grande querella,
Quiero deciros de parte de Dios
Y de Santa Maria, que anda con vos,
Y conmigo el diablo á la zacapella,
Quiero deciros que moza y que vieja,
Y viejo y mozo, monja y fraile,
Todos andamos al son de su baile,
Vos é yo, y aquel y aquella.
Juro á las órdenes que recibi,
Y al sacramento que hoy celebré,
Que nunca en el mundo hubo tanta fe
Con el Infierno como hoy ha hi.
Sedme testigos que os lo digo ansí,
Que ya este mundo no puede turar:
No puede turar, quier-se finar,
Segun las señales que en él conocí.
Nueve señales habeis de saber
Que tiene el enfermo que se quiere finar:
Lo primero es que pierde el gustar;
Y lo segundo el desconocer.
Lo tercero es que se pierde el ver;
El cuarto apaña la ropa sin tiento,
El quinto tiene un desasosegamiento,

Que no se contenta de estar ni yacer.
Lo sexto no hace cura operacion;
Seteno que tiene los cabos muy frios:
Engruesa la lengua, dice desvaríos,
Que es lo óctavo señal con razon.
El nono y último, con fuerza y pasion
Aprieta los dentes con ansias mortales.
Quiero deciros que aquestos señales
Veo que el mundo está en conclusion.

Digo que la primera señal: pierde el gusto.

En cuatro manjares de grande sabor
Se mantiene el mundo de necesidad;
El uno es justicia, el otro verdad,
El otro es la fe, el otro el temor.
Y pues perdió el gusto de este su dulzor.
Y á tales manjares cobró tal fastío,
Yo os juro, señores, neste hábito mio,
Que nunca jamas sane el su dolor.
Oh mundo! señal es de tu perdimiento
Perdieres el gusto de tantas dulzuras.
Oh evangelios, santas escrituras,
Como os hacen molinos de viento!
Acudid al mundo, que está en pasamiento,
No puede vivir, ya no gusta nada.
Otra señal muy mas apretada
Que ya no conoce; que es mas perdimiento.
Ya no conoce á su criador,
Ya no conoce para que es criado,
Ya no conoce que cosa es pecado,
Ya no conoce si tiene señor;

Ya no conoce á su redentor,
Ya no conoce sus santos consejos,
Ya no conoce ni mozos ni viejos,
Ya no conoce que cosa es mejor.
  Ya no conoce quien lo viene á ver,
Ya no conoce ni padre ni madre,
Ya no conoce compadre ni comadre,
Ya no conoce pesar ni placer.
Ya no conoce su desconocer,
Ya no conoce hermano ni hermana,
Ya no conoce parienta cercana,
Ya no conoce ni quiere conocer.

Tercera señal.

Otra señal tercera le siento;
Que pierde la vista, los ojos quebrados,
No ve los peligros de tantos pecados,
No ve el camino de tanto tormento,
No ve la ceguera de su pensamiento,
Ni ve los barrancos nesta triste estrada;
Ni ve adó va ni á que posada,
Ni siente lo cierto de su perdimiento.
  No ve lo que toma ni lo que le dan;
No ve lo que deja, ni ve lo que lleva;
No ve quien lo alumbra, ni ve quien lo ciega;
Ni ve lo que pide ni que le daran:
No ve quien lo llama, ni á que afan;
No ve lo que topa, ni de que se guarda;
No ve lo que viene, ni ve lo que tarda;
No ve lo que es piedra, ni lo que es pan.

Cuarta señal: apaña la ropa.

El cuarto señal apaña la ropa,
La ropa que halla, agena y la suya,
La suya y agena, no pergunta cuya;
Cuya señal es su vida poca,
Poca firmeza, ceguera muy loca,
Loca la vida y loca la muerte,
Muerte que apaña en paso tan fuerte,
Fuerte señal, que es fuego de estopa.
Apaña ya el mundo á pierna tendida,
Apaña ya ciego sin conocimiento,
Apaña sin gusto del mantenimiento,
Apaña sin gusto, quiere dar la vida,
Apaña de prisa, que está de partida;
Apaña, no sabe ya lo que se toma.
Apaña la ropa la casa de Roma,
Apaña la manta de cualquier partida.
El quinto señal (oh no me duerma ninguno)
Esque el doliente no se contenta de estar sosegado,
No se contenta de estar bien echado,
Ni agradece ya mas bene alguno.
Impaciente y muy importuno —
No estoy bien aqui... quiérome ir de aqui...
Adonde alli? oh qué señal de paso fortuno!
Poco vivirás; oh, triste de ti!
Quiérome vestir... quiérome levantar...
Oh! levantadme... quiero ser Conde...
Quiero señoría... Conde! y donde?
Adó quieres ir, que no hay lugar?
No puedo aqui estar ni asosegar:

Cuitado, qué has? Oh, no te contentas!
Naciste desnudo y en cama de riendas
No asosiegas? — poco has de turar.
Estos traveseros quitáldos allá...
No quiero esta rienta; dadme un obispado!
No estoy bien contento, no estoy bien echad
Esta cabecera mudaldo acullá...
Bullidme esta cama que muy dura está.
No puedo aqui estar ni asosegar...
Quierome ir á Roma, quiero arcebispar:
Quiero ser Papa... Oh, el mundo se va!

Sexto señal: no obra en él medecina.

Ya no le aprovechan las curas divinas
Del hijo de Dios por él tan sagrado,
Y por su salud muerto y crucificado,
Y no obran ya en él sus doctrinas;
Ya no le aprovechan callentes ni frias
Las yerbas y flores de la redencion,
Ya no le aprovecha que está en conclusio
Sedme testigo que acaba sus dias.
Ya no le aprovechan aguas estiladas
Por los ojos claros de la gloriosa;
Ya no le aprovecha la pasion penosa
De mártires y vírgenes por él degolladas:
Oh qué señal de presto acabadas
Aquestas pisadas del mundo doliente!
Pues de sus males sanar no consiente,
Y está al cabo de sus tres jornadas.

Sétimo señal: tiene los cabos frios.

Frias las manos para dar loores
Por males ó bienes á Dios su señor;
Frias, hieladas en por su amor
Dar de lo suyo á pobres pecadores;
Frias, muy frias en pagar sudores
Á cuantos cristianos por esclavos tuve;
Frias sin sangre en pagar lo que debe
Á los cuitados de sus servidores.
Frios los pies para visitar
Los desamparados de los hospitales;
Frios los cabos son ciertas señales
Que el triste del mundo se quiere acabar.
Frios, hielados para caminar
Á ver á su Dios, ni á romerías;
Frios, mortales, que acaba sus dias:
El mundo, hermanos, se quiere finar.
Otro señal octavo lo ataja,
Que engruesa la lengua, la habla turbada;
Engruesa la triste que está emponzoñada
De falsos testimonios por dame esa paja.
De noche y de dia parlar como graja
Lisonjas, mentiras de vidas agenas.
Oh mundo, tú mueres, pues ya que apenas
De las cosas buenas no hablas migaja.
Oh qué señal, pues que ya dispara
Con lengua dañosa la habla turbada.
El nono señal, fin de esta jornada,
Aprieta los dientes con rabiosa cara,
Medoña, espantable, terrienta, amara,

Con tanta soberbia y cada vez mas.
Oh triste de mundo, poco turarás;
Antes no te viera, que tal te hallara.

Cerrados los dientes.

Oh pese á tal, y Dios es testigo;
Oh reñiego de tal, y Dios es presente;
Oh mala señal cuando el doliente
Se muerde las manos lidiando consigo.
No sé que te diga ni sé que te digo;
Á segun las visages que haces sin tiento,
Ya te aparecen en tu finamiento
Aquellas visiones de nuestro enemigo.
Tú perdiste el gusto por le complacer,
Perdiste la vista por le contentar,
Apañas la ropa para se la dar,
Ganaste soberbia por no le perder.
Oh soberbio mundo, frailes y abades,
Soberbios beguinos, soberbios ermitaños,
Soberbios los meses, soberbios los años,
Soberbios palacios, soberbias herdades,
Soberbio te finas en cama de engaños.
Y pues los señales de tu acabamiento
Ya estan al cabo do ninguno apela,
No puede tardar aquella candela
Dal cielo espantable con ira y tormento.
Será tal la hora de tu pasamiento,
Que solo en vella las gentes se finen,
Dum veneris judicare seculum per ignem;
Esta es la candela de tu finamiento.
Esto abasta, señores, no mas

Cuanto á la parte segunda presente,
En la cual puede notar quien la siente,
Que el triste del mundo va de cara atrás.
Y porque sigamos la regla y compas
De nuestro sermon, segun su manera,
Síguese ahora la parte tercera,
Que dice en el tema: *es por demas.*

Es por demas la buena simiente
Sembrada en la tierra esteril y mala;
Es por demas vestirse de gala
La vieja arrugada sin muela ni diente;
Y por demas es
Al galgo ser lindo, si no tiene pies;
Y es por demas dieta al goloso;
Y es por demas buen peine al tiñoso,
Y todas las cosas que ahora oireis.

Es por demas pedir al judío
Que sea cristiano en su corazon;
Es por demas buscar perfeccion
Adonde el amor de Dios está frio.
Tambien está llano
Que es por demas al que es mal cristiano
Doctrina de Cristo por fuerza ni ruego;
Es por demas la candela al ciego,
Y consejo al loco y don al villano.

Es por demas predicar verdad,
Es por demas llamar por virtud,
Es por demas traeros salud,
Es por demas reprender maldad:
Es por demas, por bien que pareza,
Es por demas loar la bondad;

Es por demas quebrar la cabeza,
Es por demas, que tanto se os da.
Es por demas, y aqui concluyo,
Es por demas aqueste sermon;
Empero á Dios demando perdon,
Que manda que diga y de miedo rehuyo.
Pliega á la Vírgen y al hijo suyo
Que nos dé muerte con nuestra victoria,
Y nos restituya nel cielo *ad quam* gloria
Nos perducat por el amor suyo.

Á MORTE D'ELREI D. MANUEL.

Quem longa vida deseja
Deseja ver-se enganar,
Pois que lhe vejo chamar
Vida, não que vida seja,
Senão a modo de fallar;
E pois no triste acabar
Se começa o desengano,
Não sei quem vai desejar
Que dure vida de engano.
Riqueza ou grande poder,
Ou muito alta senhoria,
Ou bonança ou alegria,
Pois logo deixa de ser, —
Quando era, o que seria?
Oh vida van e vazia,
Occupada em presumpção,
Aprende com discrição,
Porque cada hora do dia

Te dá o mundo lição.
Oh quem vio as alegrias
Daquellas naves tão bellas,
Bellas e pod'rosas velas,
Agora ha tão poucos dias,
Pera ir a Iffanta nellas!
Vai buscar o senhor dellas,
Rei que o mundo mandou,
Verás que tal se tornou;
E verei como te velas
Da vida que o enganou.
Vela-te, vida, na vida,
Não sejas morte na morte:
Guia-te per este norte
De tão supita partida
D'hum Rei tão são e tão forte:
Derão-lhe a terra por côrte,
Dos cortezãos apartado,
E hum lençol por reinado;
Porque o mundo desta sorte
Desengana o enganado.

ROMANCE AO MESMO ASSUMPTO.

Pranto fazem em Lisboa,
Dia de Santa Luzia,
Por ElRei Dom Manuel,
Que se finou nesse dia.
Chórão Duques, Mestres, Condes,
Cada hum quem mais podia;
Os fidalgos e donzellas

Muito tristes em porfia;
Os Iffantes davão gritos.
A Iffanta se carpia;
Seus cabellos, fios d'ouro,
Arrincava e destruia;
Seus olhos maravilhosos
Fontes d'agua parecia.
Bem merecem ser escriptas
As lástimas que dizia.
« Paço tão desamparado
« Derribado merecia,
« Pois a sua fortaleza
« Se tornou em terra fria.
« Ó minha senhora madre
« Rainha Dona Maria,
« Quem a vós levou primeiro
« Mui grande bem vos queria,
« Pois que vos livrou da pena
« Que passamos neste dia. »
E outras magoas que de tristes
Contar não nas ousaria.
O Principe dava suspiros,
Que a alma se lhe sahia;
Suas lagrimas prudentes,
Como a gran senhor cumpria:
De dia sempre velava,
De noite nunca dormia.
A Rainha estrangeira
Ja chorar e não podia:
Com ronca voz dolorosa
Estas palavras dizia:

« Oh Reina desamparada!
« Qué haré sin compañia,
« Pues que en esta triste vida
« Sola una vida tenia!
« Y pues me la llevó la muerte,
« Pera qué quiero la mia?
« Oh sin ventura casada
« Tres años no mas habia,
« Quien tan presto fue viuda,
« Triste para que nascia;
« Niña sola en tierra agena,
« Huérfana sin alegría! »
Se hũa vez acordava
Outras sete esmorecia;
Assi pedia a Deos morte
Como quem pede alegría,
Dizendo: « Llévenme luego,
« Que esta tierra ya no es mia:
« Por la mar por donde fuere
« Algun peligro venía,
« Que me matase á mi sola
« Salvando la compañía. »
O bom Rei em seu acôrdo
Deste mundo se partia;
Sua morte conhecendo,
Com muita sabedoria,
Per palavras piedosas
Os sacramentos pedia;
Fallando sempre com todos,
Deu sua alma a quem devia.
Morto levão o gran Rei

Senhores de gran valia,
Dizendo huns aos outros:
Oh que triste romaria!
Que grande amigo perdemos
E que doce companhia!
Ja passada a meia noite,
Tres horas antes do dia
Mettido em hum ataude
O qu'inda ha pouco regía,
O gran senhor do Oriente
Dos seus Paços se partia.
Seiscentas tochas accezas,
Escuras a quem as via;
Triste pranto até Belem
Nem passo não se esquecia.
Em terra fica enterrado,
Porque assi mandado havia,
Conhecendo que era terra
A mundanal senhoria.
Disse que os vãos thesouros
Á morte não pertencia.
Desque ficou enterrado
Cada hum se despedia,
Dizendo estes versos tristes
Á gloriosa Maria.

.AÇÃO DOS GRANDES DE PORTUGAL A N. SENHORA, DEPOIS DE ENTERRADO D. MANUEL.

O Duque de Bragança.

Senhora Virgem gloriosa,
Que leixastes sepultado
O verbo deificado
Vestido da carne vossa,
Do mundo desamparado;
Este vosso encommendado
Rei, que tanto vos queria,
Que lhe dês tanta algria,
Como nos leixa cuidado
Neste dia,

O mestre de Santiago.

Senhora dos tres Reis Magos,
E de todolos Senhores,
Coroa d'Imperadores,
Que tragastes tantos tragos
Tristes polos peccadores;
Polas vossas sanctas dores.
Que este Rei que era nosso
Haja de vós os favores,
Como hum dos servidores
Que foi vosso.

O Marquez de Villa Real.

Ó d'*ab initio* Senhora
Perservada e conservada,

Ante que os anjos criada,
Por sua superiora
No seio de Deos guardada;
Pois que fez esta pousada
ElRei em vossa memoria,
Ponde sua alma na gloria
Per vossa mão laureada
De victoria.

O Marquez de Torres.

Senhora, que o Rei dos Ceos
Viste na cruz espirar,
Espirar e lamentar,
Dizendo: «Oh Deos, meu Deos!
Foste-me desamparar!»
Vós queirais lá emparar
Este Rei que aqui leixamos
Em tão escuro logar,
E a nós alumiar,
Que vos vejamos.

O Conde de Marialva.

Senhora, Senhora nossa,
Senhora nossa avogada,
Sereis deste Rei lembrada,
Por aquella sancta hora
Que fostes encommendada.
Ca vos fica soterrada
Sua Alteza e consumida;
Dae-lhe lá vida mudada,
Porque a vida aqui lograda
Não he vida.

O Bispo d'Evora.

Ca vos fica este Senhor
Pobremente sepultado:
Senhora, seja lembrado
Que em vosso sancto louvor
O achei sempre occupado.
Hi fica desemparado,
C'o pago que o mundo dá,
De terra emparamentado:
Senhora, tende cuidado
Delle lá.

O Conde de Tentugal.

Senhora, nós nos partimos
Desconsolados e tristes,
Como quando vos partistes
Donde vosso filho ouvimos
Que morto enterrar o vistes.
Peço-vos, pois que o paristes
Deos e homem natural,
Que a esta alma Real
Deis o bem que descubristes
Eternal.

O Conde da Feira.

Imperatriz das alturas,
Sôbre os coros enxalçada,
Pera sempre alumiada,
Aqui vos fica ás escuras
O Rei da gran nomeada.

Acabou sua jornada
Senhora, muito improviso:
Ó Virgem toda paraiso,
Dae-lhe gloria desejada,
Pois sois isso.

O Conde de Penella.

Senhora, nossa esperança,
Triumpho da nossa vida,
Nave de certa guarida,
Fiel de fina balança,
Nossa carreira sabida:
Ó sem mágoa concebida,
Redemptora d'Israel,
Dae a ElRei Dom Manuel
A gloria que nos foi havida
Per Gabriel.

O Conde d'Alcoutim.

Querello-me, Senhora, a vós
De nossa vida enganosa,
Que alem de trabalhosa,
Parte-se breve de nós
Pera terra tenebrosa.
Lá queirais ser piedosa
Ao Rei que ora enterramos,
E a nós, que isso esperamos,
Nos dae esperança vossa
Até que vamos.

O Conde Portalegre.

Ó Virgem que a Deos paristes
Junto com Jerusalem,
No sancto logar de Belem;
Consolae os choros tristes
Que Lisboa agora tem.
Aqui leixamos seu bem,
Tornado nem bem nem mal:
Ó Rainha imperial,
Amerceae-vos de quem
Deveis mais que a ninguem
Em Portugal.

Romance.

Á acclamação de D. João III.

Desanove de Dezembro,
Perto era do Natal,
Na cidade de Lisboa
Mui nobre e sempre leal,
Foi levantado por Rei
Dos reinos de Portugal
O Principe Dom João,
Principe angelical.
Sahio n'hũa faca branca,
Parecia de cristal,
Guarnecida de maneira
Que não se vio sua igual.
Opa leva roçagante,
Tudo fio d'ouro tal,

Forrada de ricas martas,
Bem parecia real;
Pelote de prata fina,
Prata mui oriental,
Barrado de pedraria
Vinha-lhe mui natural.
De perlas não fazem conta
Porque he baixo metal;
So hum collar que levava
Toda Alexandria val;
Na cabeça leva preto,
Por seu padre natural;
Sabio com lagrimas tristes,
Como filho mui leal.
O seu rosto tão fermoso
Que parece divinal,
Seus olhos resplandecião
Como estrellas igual;
Os cabellos da cabeça
D'ouro erão que não d'al;
Sua boca graciosa
Com ar mui angelical,
Hum semblante soberano,
Hum olhar imperial.
Não foi tal contentamento
No povo todo em geral
Como ver na Rua nova
Ir o seu Rei natural
Com tanta graça e lindeza,
Que não parece humanal.
Os forasteiros dizião:

Mui ditoso he Portugal.
O Iffante Dom Luis
Leva o estoque Real;
O Iffante Dom Fernando,
Outro seu irmão carnal,
Ao estribo direito
A pe, não lhe estava mal,
Porque em tal solemnidade
Tudo lhe vem natural:
Todolos Grandes a pé,
Quantos ha em Portugal.
O Conde Priol levava
A bandeira principal.
Chegou assi a San Domingos,
Onde estava o Cardial:
Benzeo o mui alto Rei
De benção pontifical,
E deu logo juramento;
Jurou n'hum livro missal
De fazer cumprir as leis
Como lei imperial;
Confirmou os privilegios
Desta cidade Real.
Os povos muito contentes
De Rei tão especial,
De pequeno sempre grande,
Magnífico e liberal,
Que he virtude julgada
Dos Principes principal.
Isto tudo assi acabado,
Disserão: Arraial! Arraial!

Alli tocão as trombetas,
Atabales outro tal:
Todos lhe beijão a mão
Os senhores em geral.

Aqui diz o Autor o que cada hum dos sen-res de Portugal dirião ao beijar da mão.

Eu estava ca no chão,
Como outro desmazelado,
Do theatro tão alongado,
Que via beijar-lhe a mão,
Mas não ouvia o fallado.
E occupei o cuidado
No que cada hum diria,
Assi de minha fantesia,
Segundo vi o passado
E a mudança que via.
O novo Rei sabedor
Diria com san vontade:
Nome da Sancta Trindade,
E seja por seu louvor
E por bem da Christandade;
Não me dá a prosperidade
Vangloria de meu reinado,
Pois Salomão diz verdade,
Que tudo he vaidade,
Bem olhado.
Diria mui humilhado
O senhor Duque de Bragança:
Alto Rei, nossa esperança,
Deos que vos deu o reinado

Vos dará sempre bonança.
Esta supita mudança
Bem parece obra divina;
E com esta segurança
Fazei que vossa balança
Seja fina.
O Mestre de Santiago,
De quem sempre mercê vejo,
Diria d'amor sobejo:
Eisaqui minha alma trago,
Com que servir-vos desejo:
De todo o meu me despejo.
E fique-me o coração
Onde está tanta affeição;
Que sempre em vós me revejo,
Com rezão.
O Marquez de Villa Real
Diria lagrimejando:
O neto d'ElRei Fernando,
Todo de sangue Real,
Pera bem vos seja o mando.
E diria aconselhando:
Governae polo antigo,
Que este pasto está em p'rigo,
As ovelhas suspirando
Sem abrigo.
O Bispo d'Evora creo
Que ouvindo esta rezão,
Diria: Pera redempção
Foi *homo missus a Deo*,
Cujo nome era João.

Bejo-vos, Senhor, a mão,
E ferrae sôbre o velho,
Não cureis daquelle espelho
Que cegou a Reboão,
De meu conselho.
O Conde de Marialva sei
Que diria assocegado:
Reino bem aventurado,
Louva teu Deos por tal Rei,
Que agora estás povoado.
Mandae chamar vosso gado
E perguntae-lhe que ha,
E de pouco pera ca
O porque anda arrepiado
Vos dirá.
Diria o Conde de Penella,
Como todos mui leal:
Beijo vossa mão Real,
E guiae-vos pola estrella
De vosso bom natural.
Sêde isento e liberal,
Provedor de lavradores
E pae dos povos menores;
C'os grandes muito Real,
E moderados favores.
Diria o Conde Priol,
Depois de lh'a mão beijar:
Deos vos queira prosperar;
Este he bom *re mi fa sol*,
Porém forte de cantar.
Quero-vos aconselhar

Que façais grande thesouro
Antes de fama que d'ouro;
E tende o muito cubiçar
Por agouro.
  Diria o muito jucundo
Senhor Conde de Tentugal:
Houvera de ser Portugal
Todo universo mundo
Pera Rei tão cordeal.
Conselho vos dou Real:
Que se elle for mester,
Seja de homem, a meu ver,
Sabio, velho e leal,
Que he o que o conselho quer.
  Diria o Conde da Feira:
Senhor, sam certificado
Que so Deos dá o reinado;
E, pois vo-lo deu, elle queira
Que o logreis prosperado.
Porém sereis avisado
Que a todo o julgador
Deis gran tença de temor,
Porque o povo coitado
Não coma pão de dolor.
  Diria o Conde d'Alcoutim
Beijando a mão preciosa:
Deos vos dê vida ditosa
E tire os dias de mi
Pera vossa vida e nossa.
E pera ella ser fermosa
Sêde livre e não mandado:

Açamae qualquer criado
Que não seja, diz a grosa,
Mais que vós, á custa vossa,
Adorado.
O de Portalegre diria,
Mui catholico privado :
Senhor, sejais bem casado,
E sempre com alegria
Logreis vós vosso reinado.
E porque mui nomeado
Por todo a mundo sejais,
Herejes não consintais,
Porque está Deos assanhado
Nos mostrão os temporaes.

Conde de Villanova.

Este senhor mui prudente
Diria : Seja louvado
Deos que vos fez laureado,
E seu fiel presidente,
E dino de mor reinado.
Pera bem aconselhado,
Não ouçais mexeriqueiros,
Nem os que forem primeiros
Não vos fação ser irado,
Sem ouvir os derradeiros.
O Conde do Vimioso,
Como quem sabe d'açor,
Diria com grande amor :
Assi como sois fermoso,
Tal será vosso lavor.

Conselho-vos, Rei, meu senhor,
Por vossa honra e proveito
Que deis ao bom servidor
Antes renda que favor
Muito estreito.
  Diria o Conde Almirante
A ElRei mui excellente:
Fazei, como gran prudente,
Que vosso reino se mande
Per vossa Alteza somente.
Por quanto o commum da gente
He dizer: *eu tenho lá*;
E onde rezão não ha
A descobre hum bom presente
De mui pouco pera ca.
  Diria o Bispo do Funchal:
Senhor, beijo-vo-la mão
Por christianissimo Romão,
Rei terceiro em Portugal
Do sancto nome João.
Pois conselho aqui vos dão,
O conselho que eu daria,
Que perdessem a valia
As adherencias, pois são
As que dão vida ao ladrão
Cada dia.
  O Regedor lhe diria,
Tambem o Governador
Neste dia: O Senhor
Do mundo de vós confia
Os gados de que he pastor:

A vós fez seu guardador,
E não, Senhor, pola renda:
Outro vos reja a fazenda,
Porque o vosso lavor
Na justiça so entenda.
Dirião os Vereadores
Da nobre e sempre leal:
Pois que nacestes Real,
Vós seguireis os primores
D'Alexandre e Annibal;
E pera mais divinal
Não estimeis o dinheiro,
E a todo bom cavalleiro
Sêde muito liberal
E esquivo ao lisongeiro.
Diria o Povo em geral:
Bonança nos seja dada,
Que a tormenta passada
Foi tanta e tão desigual,
Que no mundo he soada.
E pois a mão vos he dada,
Fazei-nos sorte ditosa,
E praza á Virgem gloriosa
Que guardeis esta manada
Como vossa.

Pranto de Maria Parda,

Por que vio as ruas de Lisboa com tão poucos ramos nas tavernas e o vinho tão caro, e ella não podia viver sem elle.

Eu so quero prantear
Este mal que a muitos toca;
Que estou ja como minhoca
Que puzerão a seccar.
Triste desaventurada,
Que tão alta está a canada
Pera mi como as estrellas;
Oh coitadas das guelas!
Oh guelas da coitada!

Triste desdentada escura,
Quem me trouxe a taes mazelas!
Oh gengivas e arnellas,
Deitae babas de seccura;
Carpi-vos, beiços coitados,
Que jà lá vão meus toucados,
E a cinta e a fraldilha;
Hontem bebi a mantilha,
Que me custou dous cruzados.

Oh Rua de San Gião,
Assi 'stás da sorte mesma
Como altares de quaresma
E as malvas no verão.
Quem levou teus trinta ramos
E o meu mana bebamos,
Isto a cada bocadinho?
O vinho mano, meu vinho,

Que ma ora te gastamos.
  O travéssa zanguizarra
De Mata-porcos escura,
Como estás de ma ventura,
Sem ramos de barra a barra.
Porque tens ha tantos dias
As tuas pipas vazias,
Os toneis postos em pé?
Ou te tornaste Guiné
Ou o barco das enguias.
  Triste quem não cega em ver
Nas carnicerias velhas
Muitas sardinhas nas grelhas;
Mas o demo ha de beber.
E agora que estão erguidas
As coitadas doloridas
Das pipas limpas da borra,
Achegou-lhe a paz com porra
De crecerem as medidas.
  Ó Rua da Ferraria,
Onde as portas erão mayas,
Como estás cheia de guaias,
Com tanta louça vazia!
Ja m'a mim acconteceo
Na manhan que Deos naceo,
Á hora do nacimento,
Beber alli hum de cento,
Que nunca mais pareceo.
  Rua de Cata-que-farás,
Que farei e que farás!
Quando vos vi taes, chorei,

E tornei-me por detras.
Que foi do vosso bom vinho,
E tanto ramo de pinho,
Laranja, papel e cana,
Onde bebemos Joanna
E eu cento e hum cinquinho.
Ó tavernas da Ribeira,
Não vos verá a vós ninguem
Mosquitos, o verão que vem,
Porque sereis areeira.
Triste, que será de mi!
Que ma ora vos eu vi!
Que ma ora me vós vistes!
Que ma ora me paristes,
Mãe da filha do ruim!
Quem vio nunca toda Alfama
Com quatro ramos cagados,
Os tornos todos quebrados!
Ó bicos de minha mama!
Bem alli ó Sancto Esprito
Ia eu sempre dar no fito
N'hum vinho claro rosete.
Oh meu bem doce palhete,
Quem pudera dar hum grito!
Ó triste Rua dos Fornos,
Que foi da vossa verdura!
Agora rua d'amargura
Vos fez a paixão dos tornos.
Quando eu, rua, per vós vou,
Todolos traques que dou
São suspiros de saudade;

Pera vós ventosidade
Naci toda como estou.
Fui-me ó Poço do chão,
Fui-me á praça dos canos;
Carpi-vos, manas e manos,
Que a dezaseis o dão.
Ó velhas amarguradas,
Que antre tres sete canadas
Sohiamos de beber,
Agora, tristes! remoer
Sete raivas apertadas.
Ó rua da Mouraria,
Quem vos fez matar a sêde
Pela lei de Mafamede
Com a triste d'agua fria?
Ó bebedores irmãos,
Que nos presta ser christãos,
Pois nos Deos tirou o vinho?
Ó anno triste cainho,
Porque nos fazes pagãos?
Os braços trago cansados
De carpir estas queixadas,
As orelhas engelhadas
De me ouvir tantos brados.
Quero-m'ir ás taverneiras,
Taverneiros, medideiras,
Que me dem hũa canada,
Sôbre meu rosto fiada,
A pagar lá polas eiras.

Pede fiado á Biscaînha.

Ó Senhora Biscaïnha,
Fiae-me canada e meia,
Ou me dae hũa candeia,
Que se vai esta alma minha.
Acudi-me dolorida,
Que trago a madre cahida,
E çarra-se-me o gorgomilo:
Emquanto posso engoli-lo,
Soccorei-me minha vida.

Biscaînha.

Não dou eu vinho fiado,
Ide vós embora, amiga.
Quereis ora que vos diga?
Não tendes isso aviado.
Dizem lá que não he tempo
De pousar o cu ao vento.
Sangrade-vos, Maria Parda;
Agora tem vez a Guarda
E a raia no avento.

A João Cavalleiro, Castelhano.

Devoto João Cavalleiro,
Que pareceis Isaïas,
Dae-me de beber tres dias,
E far-vos-hei meu herdeiro.
Não tenho filhas nem filhos,
Senão canadas e quartilhos;
Tenho enxoval de guarda,

Se herdardes Maria Parda,
Sereis fóra d'empecilhos.

João Cavalleiro.

Amiga, dicen por villa
Un ejemplo de Pelayo,
Que una cosa piensa el bayo
Y otra quien lo ensilla.
Pagad, si quereis beber;
Porque debeis de saber
Que quien su yegua mal pea,
Aunque nunca mas la vea,
El se la quiso perder.

Vai-se a Branca Leda.

Branca mana, que fazedes?
Meu amor, Deos vos ajude;
Que estou no ataude,
Se me vós não accorredes.
Fiade-me ora tres meias,
Que ando por casas alheias
Com esta sêde tão viva,
Que ja não acho cativa
Gota de sangue nas veias.

Branca Leda.

Olhade, mulher de bem,
Dizem qu'em tempo de figos
Não ha hi nenhuns amigos,
Nem os busque então ninguem.
E diz o exemplo dioso,

Que bem passa de guloso
O que come o que não tem.
Muita agua ha em Boratem
E no poço do tinhoso.

Vai-se a João do Lumiar.

Senhor João do Lumiar,
Lume da minha cegueira,
Esta era a verde pereira
Em que vos eu via estar.
Fiae-me hum gentar de vinho,
E pagar-vos-hei em linho,
Que ja minha lan não presta:
Tenho mandada hũa besta
Por elle a antre Douro e Minho.

João do Lumiar.

Exemplo de mulher honrada,
Que nos ninhos d'ora a hum anno
Não ha passaros oganno.
I-vos, que sois aviada.
Emquanto isto assi dura,
Matae com agua a seccura,
Ou ide a outrem enganar,
Que eu não m'hei de fiar
De mula com matadura.

Indo pera casa de Martim Alho, vai dizendo:

Amara aqui hei d'estalar
Nesta manta emburilhada:
Oh Maria Parda coitada,

Minha gloria e meu deleite,
Emprestae-me do azeite,
Que se me sécca a matula.
Até que haja dinheiro,
Fiae, que pouco requeiro,
Duas canadas bem puras,
Por não ficar ás escuras,
Que se m'arde o candieiro.

Falula.

Diz Nabucodonosor
No sideraque e miseraque,
Aquelle que dá gran traque
Atravesse-o no salvanor.
E diz mais, quem muito pede,
Mana minha, muito fede.
Sete mil custou a pipa;
Se quereis fartar a tripa,
Pagae, que a vinte se mede.

Maria Parda.

Raivou tanto sideraque
E tanta zarzagania,
Vou-me a morrer de sequia
Em cima d'hum almadraque.
E ante de meu finamento,
Ordeno meu testamento
Desta maneira seguinte,
Na triste era de vinte
E dous desde o nacimento.

Testamento.

A minha alma encommendo
A Noé e a outrem não,
E meu corpo enterrarão
Onde estão sempre bebendo.
Leixo por minha herdeira
E tambem testamenteira,
Lianor Mendes d'Arruda,
Que vendeo como sesuda,
Por beber, at'á peneira.
Item mais mando levar
Por tochas cepas de vinha,
E hũa borracha minha
Com que me hajão d'encensar,
Porque teve malvasia.
Encensem-me assi vazia,
Pois tambem eu assi vou;
E a sêde que me matou,
Venha pola cleresia.
Levar-me-hão em hum andor
De dia, ás horas certas
Que estão as portas abertas
Das tavernas per hu for.
E iroi, pois mais não pude,
N'hum quarto por ataude,
Que não tivesse agua pé
O *sovenite* a Noé
Cantem sempre a meude.
Diante irão mui sem pejo
Trinta e seis odres vazios,

Que despejei nestes frios,
Sem nunca matar desejo.
Não digão missas rezadas,
Todas sejão bem cantadas
Em Framengo e Allemão,
Porque estes me levarão
Ás vinhas mais carregadas.
Item dirão per dó meu
Quatro ou cinco ou dez trintairos,
Cantados per taes vigairos,
Que não bebão menos qu'eu.
Sejão destes tres d'Almada,
E cinco daqui da Sé,
Que são filhos de Noé,
A que som encommendada.
Venha todo o sacerdote
A este meu enterramento,
Que tiver tão bom alento
Como eu tive ca de cote.
Os de Abrantes e Panhete,
D'Arruda e d'Alcouchete,
D'Alhos-Vedros e Barreiro,
Me venhão ca sem dinheiro
Atá cento e vinte e sete.
Item mando vestir logo
O frade allemão vermelho
Daquelle meu manto velho
Que tem buracos de fogo.
Item mais, mais mando dar
A quem se bem embebedar
No dia em que eu morrer,

Quanto movel hi houver
E quanta raiz se achar.
  Item mando agasalhar
Das orphans estas nó mais
As que por beber dos paes
Ficão proves por casar.
Ás quaes darão por maridos
Barqueiros bem recozidos
Em vinhos de mui bôs cheiros;
Ou busquem taes escudeiros,
Que bebão coma perdidos.
  Item mais me cumprirão
As seguintes romarias,
Com muitas ave-marias.
E não curem de Monção.
Vão por mim á Sancta Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
E a Curageira sancta,
Que me derão na garganta
Saude a peste passada.
  Item mais me prometti
Nua á pedra da estrema,
Quando eu tive a postema
No beiço de baixo aqui.
E porque gran gloria senta,
Lancem-me muita agua benta
Nas vinhas de Caparica,
Onde meu desejo fica
E se vai a ferramenta.
  Item me levarão mais
Hum gran cirio pascoal

Ao glorioso Seixal,
Senhor dos outros Seixaes:
Sete missas me dirão
E os caliz encherão,
Não me digão missa sêcca;
Porque a dor da enchaqueca
Me fez esta devação.
  Item mais mando fazer
Hum espaçoso esprital,
Que quem vier de Madrigal
Tenha onde se acolher.
E do termo d'Alcobaça
Quem vier dem-lhe em que jaça:
E dos termos de Leirea
Dem-lhe pão, vinho e candea,
E cama, tudo de graça.
  Os d'Obidos e Santarem,
Se aqui pedirem pousada,
Dem-lhes de tanta pancada
Como de maos vinhos tem.
Homem d'Entre Douro e Minho
Não lhe darão pão nem vinho;
E quem de riba d'Avia for
Fazê-lhe por meu amor
Como se fosse vizinho.
  Assi que por me salvar
Fiz este meu testamento,
Com mais siso e entendimento
Que nunca me sei estar.
Chorae todos meu perigo,
Não levo o vinho que digo,

Qu'eu chamava das estrellas,
Agora m'irei par'ellas
Com grande sêde comigo.

Trovas a Felipe Guilhem.

O anno de 1519 veio a esta côrte de Portugal hum Felipe Guilhem, Castelhano, que se disse que fôra boticario nel Porto de Santa Maria; o qual era grande logico e muito eloquente de muito boa prática, que antre muitos sabedores o folgavão de ouvir: tinha alguma cousa de mathematico; disse a ElRei que lhe queria dar a arte de Leste a Oeste, que tinha achada. Perà demostra desta arte fez muitos instrumentos, antre os quaes foi hum astrolabio de tomar o sol a toda a hora: praticou a arte perante Francisco de Mello, que então era o melhor mathematico que havia no reino, e outros muitos que para isso se ajuntárão per mandado de S. A. Todos approvárão a arte por boa: fez-lhe ElRei por isso mercê de cem mil reis de tença, c'o habito e corretagem da casa da India, que valia muito. Neste tempo mandou S. A. chamar ao Algarve a hum Simão Fernandes, grande astrologo mathematico; tanto que o Castelhano fallou com elle, que vio que o entendia, e que lhe fazia de tudo falso, quiz fugir pera Castella; descobrio-se a hum João Rodrigues, Portuguez, que o mandou dizer á ElRei, que o mandou

prender em Aldea Gallega, estando em hum cavallo de posta. Sendo preso, porque era grande trovador, lhe mandou Gil Vicente estas trovas.

Con sobra de pensamientos
Que contínos penso yo,
No supe de los tormentos
Que la desdicha os dió,
Sino ahora á dos momentos,
Que supe vuestras pasiones,
Todas buscadas por vos:
Porque los santos barones
Concluen que las prisiones
Son por justicia de Dios.

Á muchos hizo espantar
Vuesa próspera fortuna,
Pues nunca vistes la mar
Ni arroyo ni laguna,
Supistes muy bien pescar.
Diciendo el pueblo travieso
Contra vós, sabio profundo,
Por emendarse el avieso
Justo fue que fuese preso
El mas suelto hombre del mundo.

Yo les dije con buen zelo
Por el bien que en vos se encierra:
Este hombre subió al cielo,
Del cielo miró la tierra,
En la tierra vido el suelo,
Del suelo vió el abiso,
Del abiso vió el profundo,

Del profundo el paraiso,
Del paraiso vió el mundo,
Del mundo vió cuanto quiso.
Ansí que por esta via
Es de los sabios el cabo,
Que sin ver astrolomia
Él toma el sol por el rabo
En cualquiera hora del dia.
Respondieron al contrario,
Diciendo: No es verdad;
Porque dende chica edad
No fue sino boticario,
Hasta ver esta ciudad.
Respondiles con gran ira:
No digais mal de mi amigo,
Que cuando trata en mentira,
La mentira es ser testigo,
Tan dulcemente la espira.
Alegué por parte vuestra
Lo que sé de vuestro engaño,
Porque mostrais de una muestra,
Despues vendeis falso paño.
Como luego se demuestra.
Esto me plugo escribir
Porque habeis de responder,
Y otra vez me habeis de oir,
Para acabar de decir
Lo que os queda por hacer.
De todo esto es de creer,
Que la bondad de esta tierra
Siempre fue y ha de ser,

Que á sí misma hace guerra,
De buena, por bien hacer.
Si el trovado no está
Conforme á vuestra eloçuencia,
Pues que dice la verdad,
Repórtome á la sentencia,
Lo al vaya como va.

A Affonso Lopes Çapaio.

Affonso Lopes Çapaio, christão novo que vivia em Thomar, fez hum rifão que andava no Cancioneiro Portuguez, ao qual rifão fizerão muitos muitas trovas e boas. Pedio o conde do Vimioso a Gil Vicente que fizesse tambem, e elle fez esta trova. Diz o rifão:

Matou-me Moura e não mouro
E quem m'a lançada deu
Moura ella e mouro eu.

A Moura que deu ferida
A quem nunca foi ferido
Nem se vio em arruido,
Deve ser Moura fingida,
Pois matou Christão fingido:
Bem sei que morres ferido
Da ferida que sei eu;
Porém com faça se deu.

Ao mesmo,

estando em Santarem muito doente de camaras.

Senhor, eu ia-vos ver,
Pera vos ver e ouvir,
E eu ouvi-vos gemer,
Hum gemer e espremer
Como arremedar parir.
Erão camaras sem telhas,
Pera vós agastadiças;
Vós cagado at'ás orelhas,
As vossas calças vermelhas
Tinhei-las por corrediças.
Vosso cu com surdos brados
Apupava a seus vizinhos,
Que estavão dependurados;
Hum delles, por seus peccados,
Cerceárão-lhe os focinhos.
Diz que tinheis tal desmaio
Na tripa do cagalar,
Que vos disse o mez de Maio,
Melhor vos fôra, Çapaio,
Que cagáreis em Thomar.

Outras.

Pois vosso negro bespeiro
Se vasa no mez de Maio,
Affonso Lopes çapaio.
Que quem tem vida guaiada
Coma vós da vossa sorte,
Por vós he cousa provada

Que quem tem vida cagada,
Cagada ha de ser a morte.
Quando vierdes á côrte,
E o cu vos der desmaio,
Dae-o ó demo, çapaio.
 Tomareis destes vascúlhos,
Que pintão polas paredes,
Huns á vela, outros ja vêdes,
E tapae esses angulhos,
Assi que o pousadeiro,
Que vos poz em tal desmaio,
Se o quereis vedar, çapaio.

Ao Conde do Vimióso,

A quem ElRei remetteo o autor sôbre hum despacho seu. Foi isto em tempo de peste, e o primeiro rebate della deu por sua casa; e andava então na côrte hum Gonçalo d'Ayola, Castelhano, muito fallador, e medrava muito.

 Senhor, a longa esperança
Mui curto prazer ordena;
Minha vida está em balança
E a muita confiança
Nunca causou pouca pena.
Isto digo
Polo que passo comigo
Polo tempo que se passa:
Vejo minha morte em casa
E minha casa em perigo.

Certo he, nobre senhor,
Que quiz Deos ou a Fortuna,
Que quem serve com amor,
Quanto maior servidor,
Tanto menos importuna.
Daqui vem
Que quem não pede não tem,
E quem espera padece,
E quem não parece esquece,
Porque não lembra a ninguem.
Muito debaixo da sola
Trouxera quanto desejo,
S'eu aprendêra na escola
Onde Gonçalo d'Ayola
Aprendeo tanto despejo.
Que o sesudo
Deste tempo falla tudo,
Quer va torto quer direito:
E tornando a meu respeito,
Pera mi sempre fui mudo.
Agora trago antre os dedos
Hũa farça mui fermosa;
Chamo-a: *A Caça dos segredos*.
De que ficareis mui ledos
E minha dita ouciosa.
Que o medrar,
Se estivera em trabalhar,
Ou valêra o merecer,
Eu tivera que comer,
E que dar e que deixar.
Porém por cima de tudo,

O meu despacho queria,
Porque minha fantesia
Occupa o mais do estudo
Todo em vossa senhoria;
E o cuidado,
Quando anda assi occupado,
Cuida muito e não faz nada;
A vontade acho dobrada,
Mas o espirito cansado.

A ElRei D. João III.

Porque na tornada de Coimbra a Santarem lhe levárão huns Castelhanos almocreves de aluguer quanto trazia, porque a Rainha mandou que aos Castelhanos não tomassem bestas por taxa, mas polo preço que elles quizessem.

Á quien contaré mis quejas,
Gran senor;
Á quien contaré mis quejas,
Si á vos no?

A Santarem cheguei eu
Bem tal como Deos naceo,
Que não trouxe lá do ceo
Comsigo hum vintem de seu;
E pois tanto bem vos deu,
Alto Senhor,
Á quien contaré mis quejas
Si á vos no?

Castelhanos me trouxerão,

E levárão quanto tinha,
Porque Deos e a Rainha
Diz que os favorecêrão:
Tão grande golpe me derão
Com favor,
Que no contaré mis quejas
Si á vos no.

E por mais desaventura,
Alem do muito dinheiro,
Fui eu de bom cavalleiro,
E cahi da albardura:
Ai de mi que estou em cura.
O Senhor,
Á quien contaré mis quejas,
Si á vos no?

Fernand' Alvarés me sería
Grande saude e socêgo,
E no bispo de Lamego
Queria eu a portaria.
E se passa deste dia,
Morto so,
Porque no cuento mis quejas
Si á vos no.

Carta que Gil Vicente mandou de Santarem a ElRei D. João III, estando S. A. em Palmella, sôbre o tremor de terra, que foi a 26 de Janeiro de 1531.

Senhor!

Os frades de ca não me contentárão, nem em pulpito nem em prática, sôbre esta tormenta da terra que ora passou; porque não abastava o espanto da gente, mas ainda elles lhe affirmavão duas cousas, que os mais fazia esmorecer. A primeira, que pelos grandes peccados que em Portugal se fazião, a ira de Deos fizera aquillo, e não que fosse curso natural, nomeando logo os peccados por que fôra; em que pareceo que estava nelles mais soma de ignorancia que de graça do Spirito Sancto. O segundo espantalho, que á gente puzerão, foi, que quando aquelle terramoto partio, ficava ja outro de caminho, senão quanto era maior, e que sería com elles á quinta feira hũa hora depois do meio dia. Créu o povo nisto de feição que logo o sahírão a receber por esses olivaes, e ainda o lá esperão. E juntos estes padres a meu rôgo na crasta de S. Francisco desta villa, sôbre estas duas proposições lhe fiz hũa falla na maneira seguinte. « Reverendos padres, o al-« tissimo e soberano Deos nosso tem dous mun-« dos: o primeiro foi sempre e pera sempre; « que he a sua resplandecente gloriá, repouso « permanecente, quieta paz, socêgo sem conten-

«da, prazer avondoso, concordia triumphante:
«mundo primeiro. Este segundo em que vive-
«mos, a sabedoria immensa o edificou polo con-
«trário, s. todo sem repouso, sem firmeza cer-
«ta, sem prazer seguro, sem fausto permane-
«cente, todo breve, todo fraco, todo falso, te-
«meroso, avorrecido, cansado, imperfeito; pe-
«ra que por estes contrairos sejão conhecidas as
«perfeições da gloria do segre primeiro. E pe-
«ra que melhor sintão suas pacíficas concordan-
«ças, todolos movimentos que neste orbe criou,
«e os affeitos delle são litigiosos; e porque não
«quiz que nenhũa cousa tivesse perfeita duran-
«ça sôbre a face da terra, estabeleceo na or-
«dem do mundo, que hũas cousas dessem fim
«ás outras, e que todo o genero de cousa ti-
«vesse seu contrairo; como vemos que contra
«a fermosura do Verão, o fogo do Estio; e con-
«tra a vaidade humana, a esperança da morte;
«e contra o fermoso parecer, as pragas da in-
«fermidade; e contra a fôrça, a velhice, e con-
«tra a privança, inveja, e contra a riqueza,
«fortuna, e contra a firmeza dos fortes e altos
«arvoredos, a tempestade dos ventos; e contra
«os fermosos templos e sumptuosos edificios, o
«tremor da terra, que por muitas vezes em di-
«versas partes tem posto por terra muitos edi-
«ficios e cidades; e por serem acontecimentos
«que procedem da natureza, não forão escrip-
«tos, como escrevêrão todos aquelles que forão
«por milagre, como *Templum Pacis* de Roma,

« que cahio todo supitamente, no ponto que á
« Virgem nossa senhora pario; e o sovertimen-
« to das cinco cidades mui populosas de Sodo-
« ma, e dos Egipcios no mar ruivo, e a des-
» truição dos que adorárão o bezerro, e o so-
« vertimento dos que murmurárão de Moyses
« e Aram, e a destruição de Jerusalem, por se-
« rem milagrosos e procederem per nova per-
« missão divina, sem a ordem deste segre nis-
« so ter parte. E porque nenhũa cousa ha hi
« debaixo do sol sem tornar a ser o que foi, e
« o que vírão desta qualidade de tremor havia
« de tornar a ser por fôrça, ou cedo ou tarde,
« não o escrevêrão. Concruo que não foi este
« nosso espantoso tremor, *ira Dei*; mas ainda
« quero que me queimem, se não fizer certo que
« tão evidente e manifesta foi a piedade do Se-
« nhor Deos neste caso, como a furia dos ele-
« mentos e damno dos edificios. »

E respondendo á segunda proposição contra aquelles que dizião que logo viria outro tremor e que o mar se levantaria a 25 de Fevereiro, digo, « que tanto que Deos fez o homem,
« mandou deitar hum pregão no paraiso ter-
« real, que nenhum seraphim nem anjo nem
« archanjo, nem homem nem mulher, nem
« sancto nem sancta, nem sanctificado no ven-
« tre de sua mãe, não fosse tão ousado que se
« entremettesse nas cousas que estão por vir.
« E depois no tempo de Moyses mandou deitar
« outro pregão, que a nenhum advinhadeiro,

« nem feiticeiro não dessem vida; e depois de
« feito Deos e homem, deitou outro pregão só-
« bre o mesmo caso, dizendo aos discipulos:
« *não convem a vós outros saber o que está*
« *por vir, porque isso pertence á omnipotencia*
« *do Padre*. Polo qual mui maravilhado estou
« dos lettrados mostrarem-se tão bravos contra
« tão horridos pregões e defezas do Senhor,
« sendo certo que nunca cousas destas dissorão,
« de que não ficassem mais mentirosos que pro-
« phetas; e não menos me maravilho daquelles
« que crem que nenhum homem póde saber
« aquillo que não tem ser, senão no segredo
« da eternal sabedoria; que o tremor da terra
« ninguem sabe como he, quanto mais quando
« será e quammanho será. Se dizem que por
« estrologia, que he sciencia, o sabem; não
« digo eu os d'agora que a não sabem soletrar,
« mas he em si tão profundissima, que nem os
« da Grecia, nem Moyses, nem Joannes de
« Monteregio alcançárão da verdadeira judica-
« tura peso de hum oução; e se dizem que por
« magica, esta carece de toda a realidade, e
« toda a sustancia sua consiste em apparencias
« de cousas presentes, e do porvir não sabe
« nenhũa cousa; se por espirito prophetico, ja
« crucificárão o propheta derradeiro: ja não
« ha de haver mais. Concruo, virtuosos padres,
« sob vossa emenda, que não he de prudencia
« dizerem-se taes cousas pubricamente, nem
« menos serviço de Deos; porque prégar não

«hade ser praguejar. As villas e cidades dos
«Reinos de Portugal, principalmente Lisboa,
«se hi ha muitos peccados, ha infindas esmolas
«e romarias, muitas missas, e orações, e pro-
«cissões, jejuns, disciplinas, e infindas obras
«pias, pubricas e secretas: e se alguns hi ha
«que são ainda estrangeiros na nossa fé e se
«consentem, devemos imaginar que se faz por
«ventura com tão sancto zelo, que Deos he
«disso muito servido; e parece mais justa vir-
«tude aos servos de Deos e seus prégadores
«animar a estes e confessá-los e provocá-los,
«que escandalizá-los e corrê-los, por contentar
«a desvairada opinião do vulgo.» E porque
tudo me louvárão e concedêrão ser muito bem
apontado, o mandei a V. A. por escripto, até
lhe Deos dar tanto descanso e contentamento
como em todos seus reinos he desejado, pera
que por minha arte lhe diga o que aqui fal-
lece. E porém saberá V. A. que este auto foi
de tanto seu serviço, que nunca cuidei que se
offerecesse caso em que tão bem empregasse o
desejo que tenho de o servir, assi visinho da
morte como estou: porque, á primeira préga-
ção, os christãos novos desapparecêrão e anda-
vão morrendo de temor da gente, e eu fiz esta
diligencia e logo ao sabado seguinte seguírão
todolos prégadores esta minha tenção.

Epistola dedicatoria a D. João III.

Os livros das obras que escriptas vi, Serenissimo Senhor, assi em metro, como em prosa, são tão florecidas de scientes materias, de graciosas invenções, de doces eloquencias e elegancias, que temendo a pobreza de meu engenho, porque naceo e vive sem possuir nenhũa destas, determinava leixar minhas miserrimas obras por imprimir, porque os antigos e modernos não leixárão cousa boa por dizer, nem invenção linda por achar, nem graça por descubrir. Assi que, pera passar seguro da pena que minha ignorancia padecer não escusa, me fôra fermosa guarida não dizer senão o que elles disserão, ainda que eu ficasse como eco nos valles, que falla o que dizem, sem saber o que diz. Porém querendo eu no presente preambulo ajudar-me do seu costumado estilo, em querer louvar as excellencias de V. A., como elles fazem aos senhores a quem suas obras endereção, que farei? sendo certo que, ainque fosse em mi so a sua oratoria tão facunda como em todos elles, e me fosse traspassado o espirito de David, não presumiria escrever de V. A. a minima parte de sua magnífica bondade, de sua nobilissima condição, de sua discreta mansidade, do perfeito zêlo da sua justiça, da sua paz, da sua guerra, da sua graça, gravidade, conselho, sabedoria, liberalidade, prudencia, e finalmente do seu christianissimo

firmamento. Outro si querendo navegar pola róta do seu exordio delles, pedindo a V. A. favor e emparo para que minha enferma escritura não seja ferida de linguas damnosas; parece-me injusta oração pedir tão alto esteio pera tão baixo edificio; quanto mais que, ainda que digno fôra de tão nobre emparo, tenho considerado que Christo filho de Deos, sob emparo do poderio eternal do Padre, e todos seus bemaventurados Sanctos, não passárão por esta vida tão livres, que dos malditos detractores não fossem julgadas suas divinas obras por humanas leviandades, sua sancta doutrina por maxima ignorancia, sua manifesta bondade por falsa malicia, sua sanctissima graça por sorreticio engano, sua excelça abstinencia por vil hypocrisia, sua celeste pobreza por terreno vicio. Pois rustico peregrino de mi, que espero eu? Livro meu, que esperas tu? Porém te rogo que quando o ignorante malicioso te reprender, que lhe digas: se meu mestre aqui estivera, tu caláras. Finalmente que por escusar estas batalhas e por outros respeitos, estava sem proposito de imprimir minhas obras, se V. A. m'o não mandára, não por serem dinas de tão esclarecida lembrança, mas V. A. haveria respeito a serem muitas dellas de devação, e a serviço de Deos endereçadas, e não quiz que se perdessem, como quer que cousa virtuosa, por pequena que seja, não lhe fica por fazer. Por cujo serviço trabalhei a copilla-

ção dellas com muita pena de minha velhice e gloria de minha vontade, que foi sempre mais desejosa servir a V. A., que cubiçosa de outro nenhum descanço.

Sepultura de Gil Vicente.

O gran juizo esperando,
Jaço aqui nesta morada;
Tambem da vida cansada
Descansando.

Pergunta-me quem fui eu,
Attenta bem pera mí,
Porque tal fui coma ti,
E tal has de ser com'eu.
E pois tudo a isto vem,
O lector, de meu conselho,
Toma-me por teu espelho,
Olha-me e olha-te bem.

FIM.

INDEX.

FARÇAS.

OBRAS VARIAS.

OBRAS PUBLICADAS PELA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

Obras de Bernardim Ribeiro .... 1 vol.
Obras de Gil Vicente .... 3 »

ESTÃO NO PRELO.

Obras de Francisco de Moraes.
Obras de Luiz de Camões.

As assignaturas da Bibliotheca Portugueza fazem-se por series de folhas da maneira seguinte:

Serie de	30 folhas ou	1080	paginas por	600 réis.
»	60	»	2160	»	1$140	»
»	90	»	3240	»	1$620	»
»	120	»	4320	»	2$040	»
»	150	»	5400	»	2$400	»

O pagamento das series é adiantado.

As entregas são feitas por volumes broxados.

Não se vendem avulso senão — *obras completas* — o seu custo é a razão de 30 réis por folha.

Assigna-se no Escriptorio da Administração da Bibliotheca Portugueza, Lisboa, rua Augusta n.º 110; e em casa dos seus correspondentes em todas as capitaes de Districto.

Toda a correspondencia deve ser dirigida *franca de porte*, ao Administrador da Bibliotheca Portugueza.

OBRAS PUBLICADAS PELA BIBLIOTHECA PORTUGUEZA.

Obras de Bernardim Ribeiro......	1	vol.
Obras de Gil Vicente..............	3	"
Obras de Luiz de Camões........	3	"
Obras de Francisco de Moraes...	3	"
Obras de Francisco d'Andrade, O Primeiro Cerco de Diu......	1	"